

8

Estudo de campo

8.1

Metodologia

Tal como visto na introdução desta tese, os escassos dados sobre preconceito internalizado entre homossexuais masculinos provêm sobretudo dos Estados Unidos e da Europa, não existindo até o momento, tanto quanto se saiba, estudos relevantes sobre este assunto no Brasil. Esta situação fez com que optássemos por elaborar uma pesquisa qualitativa, necessária para melhor compreendermos a dinâmica do preconceito sexual internalizado e a forma através da qual a Psicologia Social pode fornecer subsídios teóricos para o trabalho com clientes homossexuais que busquem ajuda psicoterápica.

A metodologia adotada para a realização do estudo de campo constou de entrevistas individuais com homossexuais masculinos moradores da cidade do Rio de Janeiro, e os dados levantados foram posteriormente tratados através da metodologia de análise de discurso. Importante ressaltar que todas as etapas da pesquisa foram previamente avaliadas e aprovadas pelo *Comitê de Ética em Pesquisa* do Departamento de Psicologia da PUC-Rio. Antes de dar início às entrevistas propriamente ditas também solicitamos que os entrevistados lessem e assinassem um *Termo de Consentimento* que os informava sobre os objetivos da pesquisa (ver Anexo 1).

8.1.1

Sujeitos

A amostra foi composta por quinze homossexuais do sexo masculino, todos adultos, entre 30 e 55 anos de idade (idade média de 43 anos), oriundos das camadas sócio-econômicas médias da zona sul carioca. Além da idade dos sujeitos, foram obtidos dados de seu grau de escolaridade, profissão e religião. Devemos ressaltar que a faixa etária foi escolhida tanto por razões teóricas quanto

metodológicas. Em primeiro lugar, indivíduos com mais de 30 anos possivelmente apresentam uma maior estabilidade identitária, se comparados a uma população mais jovem. Por outro lado, sujeitos entre 30 e 55 anos de idade viveram sua adolescência e juventude durante ou após a revolução sexual da década de 70, o que lhes permitiu usufruir de uma vasta gama de mudanças sociais, políticas, econômicas e sexuais que influenciaram, direta ou indiretamente, suas identidades. No mesmo sentido, o limite superior de idade foi estabelecido em 55 anos devido a diferenças geracionais: indivíduos mais velhos, que estabeleceram suas identidades sexuais muito antes da revolução sexual, tendem a apresentar maiores dificuldades de se assumirem como homossexuais (Lukenbill, 1999), o que prejudicaria a coleta de dados para esta pesquisa. No que se refere às razões metodológicas, acreditamos que um número maior de sujeitos concentrados em uma faixa etária relativamente pequena nos permitirá estabelecer considerações mais fidedignas sobre este segmento da população carioca. Da mesma forma, para evitar quaisquer constrangimentos decorrentes da natureza da orientação sexual dos sujeitos, foram entrevistadas apenas pessoas que se auto-definem como *gays* ou *homossexuais*, por se acreditar que, possivelmente, estes indivíduos se sentem mais confortáveis em relação à sua sexualidade e, talvez por este motivo, estejam mais abertos para falar sobre aspectos relacionados a ela.

No que se refere ao grau de escolaridade dos sujeitos, podemos dizer que a amostra se mostrou bastante homogênea: 13 entrevistados tinham nível superior completo, enquanto os outros 2 tinham começado, mas não terminado, um curso universitário. Dos que haviam terminado a universidade, 1 era pós-graduado, 2 estavam cursando o mestrado e 2 tinham o mestrado completo (sendo que um destes indivíduos estava concluindo o doutorado). No que se refere à profissão, os sujeitos se incluíam em uma vasta gama de ocupações laborais, o que desconfirma, ao menos em nosso estudo, o estereótipo de que os homossexuais tendem a se localizar apenas em setores da economia que estejam ligados à moda, beleza ou criação artística. Assim, do número total de entrevistados 4 eram psicólogos, 2 eram advogados (um destes já aposentado), e o restante se encaixava nas seguintes profissões: administrador, empresário, agente de viagens, designer gráfico, publicitário, arquiteto, professor, antropólogo e diretor de Centro Cultural.

Ressaltamos que, apesar deste não ter sido o nosso objetivo, o elevado número de psicólogos da amostra despertou nossa atenção. Levando em consideração a dificuldade de localizar indivíduos dispostos a serem entrevistados, é possível que profissionais de área de psicologia provavelmente estivessem mais disponíveis para participar deste tipo de pesquisa. Acreditamos, no entanto, que esta situação não tenha prejudicado os objetivos do estudo, pois os entrevistados falaram sobre suas experiências pessoais como homossexuais, não entrando em interpretações de natureza profissional. Entre outras características relevantes citamos o fato de que todos (exceto um) dos entrevistados eram brancos, nenhum tinha filhos próprios (apesar de 2 sujeitos participarem da educação de filhos de seus parceiros), 2 revelaram serem HIV positivos e 1 era militante. Os dados levantados a respeito da religião dos entrevistados se mostraram importantes o suficiente para serem analisados como uma categoria autônoma.

Com relação ao tipo de amostra escolhida, mencionamos que esta é uma amostra não-probabilística de conveniência, o que faz com que os dados colhidos não possam ser generalizados para a totalidade da população homossexual carioca. Assim, tendo em vista o tamanho e a natureza da amostra, ressaltamos que esta pesquisa pretende ser exploratória, e os dados colhidos serão representativos apenas de um pequeno segmento da comunidade gay do Rio de Janeiro. De acordo com Brehm e Kassin (1990), amostras de conveniência são freqüentemente utilizadas em Psicologia Social, porque acredita-se que determinados processos psicológicos sejam, em muitos aspectos, universais e uniformes, o que faz com que o tipo de amostra escolhida não influencie negativamente nos resultados da pesquisa. Em um sentido semelhante, tal como ressaltam Peplau e Gordon (1991), não existem amostras probabilísticas representativas da totalidade dos homossexuais, e qualquer estudo que tente investigar esta população estará fadado a se deparar com uma série de problemas especiais. Da mesma forma, tal como foi postulado em Nunan (2001), muitos gays não assumem sua orientação sexual e poucos são voluntários em pesquisas psicológicas. Em outras palavras, aqueles sujeitos que são mais aptos a participar de estudos tendem a ser adultos, brancos, com elevado grau de escolaridade e de classe social média, ou seja, uma amostra similar àquela coletada por nós.

Para coletar a amostra utilizamos a técnica conhecida como *snowball sampling* (ou amostragem por “bola de neve”), na qual um sujeito que os pesquisadores conheçam individualmente convida um de seus amigos para participar, que por sua vez convida mais outro amigo e assim por diante. Obviamente este tipo de amostragem só funciona com populações cujos membros se conhecem entre si, a exemplo da comunidade gay. Este tipo de técnica é particularmente utilizada em estudos qualitativo/exploratórios de grupos de indivíduos estigmatizados ou difíceis de localizar, tais como os homossexuais (Kalton & Anderson, 1986; Sudman & Kalton, 1986).

8.1.2

Coleta dos dados

Os dados foram colhidos através de entrevistas em profundidade, individuais, semi-estruturadas, gravadas e transcritas na íntegra. As entrevistas foram realizadas entre os meses de fevereiro e abril de 2006, com duração média aproximada de 1 hora e 20 minutos, em locais escolhidos pelos próprios sujeitos (lugares estes que incluíram suas residências ou locais de trabalho, o campus universitário da PUC-Rio ou o consultório da pesquisadora). Importante frisar também que os sujeitos não foram identificados por seus nomes reais ou por quaisquer outros dados que pudessem, de alguma forma, revelar suas identidades. Optamos por criar nomes fictícios para cada entrevistado com o intuito de tornar a leitura do material mais agradável.

A escolha pelo instrumento das entrevistas se deu por várias razões. Em primeiro lugar, entrevistas semi-estruturadas permitem um maior aprofundamento do tema investigado, e visto que o objetivo deste estudo é justamente descrever, compreender e interpretar o preconceito sexual internalizado pelos homossexuais, esta metodologia pareceu ser a mais adequada. Por outro lado, grande parte da bibliografia sobre homossexuais ou sujeitos estigmatizados é puramente teórica, o que faz com que estes indivíduos se encontrem em uma arena de discussões e argumentos detalhados sobre o que eles *deveriam* pensar sobre si mesmos (Goffman [1963] 1988). Mais interessados no significado psíquico e social do preconceito internalizado, acreditamos que as entrevistas nos possibilitem

apreender as perspectivas individuais de cada sujeito, capturando, ao mesmo tempo, seus universos sociais.

Vale ressaltar ainda que, antes de iniciar a coleta de dados propriamente dita, foram realizadas duas entrevistas piloto com o objetivo principal de depurar o instrumento de pesquisa. O intuito de testar uma versão preliminar do roteiro de entrevista era o de verificar se as perguntas estavam bem formuladas, se existiam questões ambíguas ou supérfluas, constatar a adequação ou não da ordem de apresentação das questões, além de determinar se estas eram numerosas ou se, pelo contrário, necessitavam ser complementadas. Após uma análise cuidadosa das entrevistas piloto optamos por manter o roteiro inalterado, tendo acrescentado apenas uma pergunta sobre “filhos”, por acreditar que ela pudesse revelar elementos ligados ao preconceito internalizado. Visto que o tema dos filhos havia sido introduzido na primeira entrevista piloto, tendo surgido novamente na segunda, fomos capazes de aproveitar o conteúdo destas entrevistas para nossa análise final. Ressaltamos também que, tal como ocorreu em Nunan (2001), constatamos que a pergunta introdutória “*O que é ser gay para você?*” era, na maior parte dos casos, suficiente para deflagrar toda a entrevista. O roteiro de entrevista na sua forma final pode ser encontrado no Anexo 2.

8.1.3

Análise dos dados

A avaliação do material obtido nas entrevistas foi realizada através da metodologia de análise de discurso, utilizando o modelo proposto por Nicolaci-da-Costa (1994), no qual a língua é tida como instrumento de comunicação/ação e estudada através de uma concepção mais distante do núcleo lingüístico. De acordo com esta perspectiva, a análise de discurso é abordada como uma “*forma de investigação de discursos cotidianos, sem o objetivo específico de ganhar conhecimento sobre a natureza do fenômeno lingüístico*” (Nicolaci-da-Costa, 1994: 325). O discurso dos entrevistados foi analisado intersubjetivamente (procurando o que havia de comum nas respostas dos sujeitos) e intrasubjetivamente (verificando contradições no discurso individual de cada sujeito), com as categorias de análise (do tipo temático e frequencial) definidas *a posteriori*.

Na análise das entrevistas a seguir optamos por reunir as categorias em 10 grandes grupos, a saber: religião, identidade homossexual, assunção da homossexualidade, relação com a família de origem, preconceito, relacionamento afetivo, sexualidade, saúde, terapias de conversão e preconceito internalizado. Ressaltamos, também, que muitas vezes estas categorias se superpõem e que apesar de termos criado uma categoria independente para o tema do preconceito internalizado este aparece, de um modo geral, ao longo de toda a análise. Por último, mencionamos que perguntas sobre a participação dos entrevistados na comunidade e no movimento homossexuais foram inseridas no roteiro com o intuito de investigar se esta participação estaria relacionada a um maior ou menor grau de preconceito internalizado, tal como sugerido por diversos autores (Kus, 1988; Szymanski e cols., 2001; Wagner e cols., 1994; Wilson, 1999), segundo os quais há uma correlação inversa entre estes dois fatores. O material coletado durante as entrevistas, no entanto, não nos permitiu verificar uma correlação entre estas variáveis, motivo pelo qual optamos por não incluir esta categoria na análise final. Para um estudo do tema remetemos o leitor interessado a pesquisas anteriormente desenvolvidas por nós (Nunan, 2001; Nunan & Jablonski, 2002).

8.2

Resultados

Religião

A pergunta sobre religião foi incluída no roteiro porque acreditamos que obter dados sobre este tema é fundamental quando se trabalha com preconceito sexual, posto que, tal como visto anteriormente, a maioria das religiões condena a homossexualidade (Barret & Barzan, 1996; Dworkin, 1997; LeVay & Nonas, 1995; Lynch, 1996; Melton, 1991). Da mesma forma, de acordo com Meyer & Dean (1998), acredita-se que homossexuais religiosos possuem mais atitudes negativas internalizadas com relação à sua orientação sexual do que gays que não seguem religião alguma. Assim, do total de sujeitos entrevistados todos haviam sido criados por famílias bastante religiosas, a grande maioria católica (14 indivíduos) e uma batista. Não obstante a socialização religiosa, apenas 2 entrevistados afirmaram seguir a religião de seus pais: um católico e um batista.

Eu sou católico, eu diria praticante, mas não fanático. Eu rezo antes de dormir, vou a missa com uma certa regularidade. A minha família é Católica Apostólica Romana, eu fiz primeira comunhão, meus pais também, casados na Igreja, estudei em colégio de padre, fui coroinha. Então eu tenho essa coisa da religião bem arraigada. Tanto que ao deitar eu rezo antes de dormir. Nos momentos de necessidade a religião, Deus, me apazigua, me acalma. **(Felipe, 52 anos, psicólogo)**

Alguns entrevistados relataram serem católicos não praticantes, ao passo que outros afirmaram manter algum grau de espiritualidade, mas não necessariamente ligado a uma religião em particular. Estes depoimentos parecem corroborar a idéia da diferença entre *religião* e *espiritualidade* postulada por alguns autores (Booth, 1995; Hill & Pargament, 2003; Koenig e cols., 2001; Lynch, 1996; Miller & Thoresen, 2003), assim como o fato de que desenvolver um sentido de espiritualidade separado de experiências religiosas mais formais pode mediar os efeitos negativos do preconceito religioso na vida de homossexuais (Davidson, 2000; Lease e cols., 2005; O'Neill & Ritter, 1992).

Eu cresci na Igreja Católica, mas não sigo, não pratico, nem me considero católico. Me considero um tanto agnóstico. A minha concepção de divindade não se associa a nenhum tipo de religião. Eu acredito que exista algum tipo de energia... uma coisa maior que engloba tudo. **(Thiago, 38 anos, designer)**

Não tenho uma religião, mas tenho uma espiritualidade. Não sou praticante porque acho que as religiões de uma forma geral elas dogmatizam muito, então eu prefiro ter uma espiritualidade do que estar preso a dogmas. **(Jaime, 30 anos, psicólogo)**

Outros sujeitos encontraram em religiões tais como o Espiritismo Kardecista e o Candomblé respostas para questionamentos pessoais. Entre os kardecistas, alguns disseram que esta religião os ajudou a lidar com o fato de serem médiuns.

Eu fui criado na Igreja Católica a vida inteira, fiz primeira comunhão, não cheguei a ser crismado nem nada, mas o Kardecismo foi a única religião que me deu respostas a respeito de inquietação de vida que eu tinha, que respondeu minhas perguntas, que me deixou mais próximo das coisas que eu vivenciei, até de ter uma sensibilidade um pouco fora do normal, a Doutrina Kardecista me deu respostas para entender aquilo que eu tinha de ouvir e ver coisas. E quando eu comecei a desenvolver isso pararam essas coisas que eu tinha de ouvir ou de sonhar com determinadas coisas que aconteceriam. **(Sílvio, 46 anos, arquiteto)**

Eu fui criado na Igreja Católica, mas sempre dei uma escapulida para o Candomblé, para fazer um trabalhinho de vez em quando, não faz mal não. Eu

acho que o Candomblé está tão entranhado na cultura nacional... E eu acho que o fato de ser gay me levou por esse caminho também. Eu tenho muitos amigos que são do Candomblé. **(Fabiano, 36 anos, antropólogo)**

Com relação à este último depoimento, mencionamos que a prática de rituais religiosos de origem africano (particularmente o Candomblé) entre homossexuais brasileiros tem sido discutida por vários autores (Fry & MacRae, 1983; Green, 1999; Parker, 1999; Trevisan, 2000). Este assunto também foi abordado por nós em trabalho anterior (Nunan, 2001), no qual observamos uma ligação explícita entre os homossexuais entrevistados e as religiões afro-brasileiras. Estes elementos não foram verificados, no entanto, na nossa amostra atual.

Alguns entrevistados relataram terem abandonado suas religiões devido à posição contrária que a Igreja Católica assume com relação à homossexualidade, adotando uma rejeição hostil de qualquer elemento ligado à espiritualidade ou a uma religiosidade considerada tradicional, dado que corrobora as pesquisas de Barret e Barzan (1996) e Clark e cols. (1990).

Eu não gosto de religiões. Eu me afastei da religião católica, de uma maneira mais firme, devido às posições políticas anti-gays que a Igreja tem assumido cada vez mais ultimamente. **(Leonardo, 43 anos, agente de viagens)**

Fui educado na religião católica, a família é muito católica e eu posso dizer que fui católico durante um tempo. Hoje em dia eu estou meio descrente. Acho que tem a ver um pouco com essa coisa da minha opção sexual porque acho que a Igreja Católica tem uma postura muito contrária, muito rígida, tudo é pecado, então eu acabei me afastando por causa disso. Eu não posso, teoricamente, comungar, pelo fato de eu ser homossexual... **(Márcio, 55 anos, advogado aposentado)**

O relato de um dos entrevistados revelou um conflito significativo entre sua religião e a própria homossexualidade. Este tema foi estudado por alguns autores (Buchanan e cols., 2001; Horne & Noffsinger-Frazier, 2003; Thumma, 1991; Wagner e cols., 1994) que afirmam que o preconceito de determinadas instituições religiosas com relação à homossexualidade gera conflitos psíquicos em indivíduos que acreditam que seus comportamentos estão em desacordo com seu sistema de valores.

Eu sou de uma religião Batista, que é extremamente preconceituosa com relação à homossexualidade. Eu gosto do Deus da Igreja Batista, eu pratico a minha fé, mas algumas informações pessoais como essa de ser gay, eu não tenho como revelar. Te dá uma situação de conflito, você fica meio dividido. **(Alexandre, 45 anos, administrador)**

De acordo alguns estudos (Booth, 1995; Lynch, 1996; Sophie, 1987), este conflito deve ser trabalhado através de psicoterapia ou aconselhamento espiritual. No caso deste entrevistado, foi o pastor da sua Igreja que o ajudou, em parte, a resolver o conflito, apontando para ele que quando existe sentimento amoroso entre dois homens ou duas mulheres a relação homossexual não pode ser considerada pecaminosa.

Na verdade a questão de ser gay para mim sempre esteve relacionada ao sentimento. O meu grande amigo era o pastor e ele foi a primeira pessoa para quem eu falei que era gay. Ele sabia da minha situação, e uma coisa que ele deixou muito clara para mim foi a questão do sentimento. **(Alexandre, 45 anos, administrador)**

Um outro entrevistado também mencionou o tema do amor, mas em um outro sentido. Para ele, Deus amaria todas as pessoas da mesma forma, independente da orientação sexual ou características pessoais destas.

Para mim não há essa contradição imposta pela Igreja (*entre homossexualidade e religião*). Eu não consigo ver isso porque para mim Deus ama todos de uma maneira igual, não importa se são brancos, pretos, altos, baixos, homos, heteros, prostitutas, ladrões, não tem isso. Então aceitar a minha homossexualidade e ser um católico praticante não me conflitua em absolutamente nada. (...) Hoje em dia tem até uma versão da Igreja Católica que aceita a homossexualidade e também tem uma vertente dos israelitas que aceita a homossexualidade. **(Felipe, 52 anos, psicólogo)**

Apenas o entrevistado acima demonstrou conhecimento sobre a existência de denominações religiosas que acolhem minorias sexuais. Não obstante estas organizações ainda existirem em número bastante reduzido no Brasil, acreditamos que elas possuem uma importância fundamental na resolução do conflito entre fé e homossexualidade experienciado por muitos indivíduos.

Identidade homossexual

A pergunta “O que é ser gay para você?” iniciava o roteiro de entrevistas propriamente dito, posto que, na maioria dos casos, ela deflagrava uma série de outras questões, reduzindo a necessidade de intervenções por parte do pesquisador. Enquanto um entrevistado afirmou ainda estar em busca dessa resposta, outros ofereceram discursos bastante objetivos do que era ser gay, resumidos na idéia de que ser homossexual é “sentir atração sexual e afetiva por pessoas do mesmo sexo biológico”. Esta definição de homossexualidade é praticamente igual à estabelecida por nós na introdução deste trabalho.

Gay ou homossexual para mim é uma pessoa que tem desejo pelo mesmo sexo. **(Gabriel, 49 anos, psicólogo)**

Ser gay é sentir atração por um outro homem. Eu sinto atração por outro homem e me sinto bem convivendo com outro homem. **(Alexandre, 45 anos, administrador)**

Para alguns entrevistados, ser gay era apenas mais um aspecto de sua personalidade, pois sempre se perceberam dessa forma, o que corrobora as teorias de Troiden (1985, 1989) de que a identidade homossexual seria apenas uma de uma série de identidades incorporadas no *auto-conceito* de um indivíduo.

Ser gay para mim é um aspecto da minha personalidade, é apenas uma questão da minha preferência sexual, minha orientação erótica. E isso não é tão fundamental porque eu também sou flamenguista, brasileiro, gosto de jazz. Várias outras coisas da minha personalidade com as quais eu poderia me identificar e elas não têm esse peso todo como o ser gay. **(Leonardo, 43 anos, agente de viagens)**

Eu não sei o que é não ser gay. Eu não penso muito se sou gay ou se não sou gay, eu sou eu, então não faço muito essa distinção. Eu tenho orgulho de ser quem eu sou porque eu conheço muita gente dentro de armário, dentro de gaveta, não podendo sair. Ser gay para mim é uma questão de eu me sentir bem. (...) Se eu for listar para você os itens mais importantes da minha vida ser gay não vai estar lá na cabeça não, vai estar do meio para baixo. Tem muitas coisas muito mais importantes para mim, por exemplo meu caráter, minha educação, formação, cultura, profissão. **(Bruno, 50 anos, psicólogo)**

Não sei, porque eu nunca conheci outra coisa. Então é a mesma coisa que eu perguntar para você o que é ser mulher. Existem milhões de significados. Mas eu diria que ser gay para mim não é diferente do que ser qualquer outra coisa. A identidade sexual, o ser gay como identidade sexual para mim se dilui em

qualquer outra característica minha, ainda que o fato de ser gay seja relevante. **(Gustavo, 43 anos, advogado)**

Com relação ao tema dos rótulos, podemos dizer que alguns entrevistados preferiram não se rotular, enquanto outros se consideravam bissexuais ou, pelo menos, disseram que gostariam de ser, posto que isto lhes proporcionaria um número maior de possibilidades sexuais. Para estes indivíduos, ser homossexual era uma orientação sexual tão limitada quanto ser heterossexual.

Ser gay para mim é eu ter um relacionamento homossexual. Na verdade, em termos de orientação sexual eu me consideraria bissexual porque eu sinto atração pelos dois sexos, embora seja mais por homens do que por mulheres. Mas eu me considero gay porque eu vivo um relacionamento homossexual e isso, para mim, é determinante. **(Thiago, 38 anos, designer)**

A minha opção sexual é pelo masculino, eu sinto atração pelo ser masculino. Agora, o que eu gostaria mesmo de ser é de sentir atração por todos, ter todas as possibilidades de atração sexual, porque eu acho que o homossexual acaba que fica na mesma esfera que o hetero. **(Inácio, 38 anos, diretor de Centro Cultural)**

Quando eu me descobri gay essa palavra nem era usada... Acho que ser gay é ter certeza que a minha orientação sexual é por homens. Não só sexual, mas afetiva também. Eu não sou muito de rotular as coisas... **(Márcio, 55 anos, advogado aposentado)**

O entrevistado acima, o mais velho da nossa pesquisa, apontou para o fato de que homossexuais de sua faixa etária tiveram que lidar com a própria orientação sexual em uma época onde termos de conotação mais positiva como “gay” eram pouco conhecidos. Acreditamos que esta experiência tenha tido uma importância crucial na aquisição de uma identidade homossexual mais ou menos positiva para determinados indivíduos. Ainda com relação à positividade atribuída ao termo “gay” temos o seguinte depoimento:

O termo “gay” é um pouco genérico demais. Hoje em dia, pelo menos. “Gay”, durante um tempo, para mim, até pelas origens da palavra, tinha a ver com essa coisa do “alegre”, daquele homossexual que tem um comportamento expansivo e aparece mais. Eu acho que era o mais percebido, de certa forma. E hoje em dia eu acho que o gay ganhou níveis mais sutis. Assim, há gays mais abertos, mais expansivos, que combinam mais com o termo “gay” do que outros. Alguns são mais “gays” do que outros, no sentido da palavra... **(Thiago, 38 anos, designer)**

Apesar de não terem utilizado especificamente o termo “identidade”, alguns entrevistados mencionaram que ser homossexual implicava em determinados comportamentos ou “estilo de vida” diferentes dos experienciados pelo restante da população. Entre estes indivíduos, alguns atribuíram uma positividade ao fato de serem gays, seja pelo fato de acreditarem que homossexuais são mais “sensíveis” ou porque não precisam viver de acordo com padrões previamente estabelecidos.

Eu acho que também tem determinados comportamentos, determinadas maneiras de agir positivas... Há determinados caracteres que dizem respeito dos homossexuais que embora não deixem de ser estereotipados de uma certa forma, eu acho que são coisas boas. Então diz-se por aí, e que eu também acho que é verdade, que são pessoas muito sensíveis, muito abertas para o outro, que procuram ter uma visão mais integrada do outro. **(Otávio, 44 anos, professor)**

Eu sempre brinco que ser gay é um problema para muita gente mas para mim foi uma libertação, porque eu descobri que eu não precisava cumprir um papel específico. Eu vi que podia escolher um caminho fora, que não tinha que ter um rótulo, uma embalagem que me igualasse a todo mundo. Tipo “você pode fazer o que você quiser porque você não tem que obedecer a padrão nenhum”. **(Sílvio, 46 anos, arquiteto)**

Ser gay é ser livre para você fazer as coisas que você tem vontade sem ter medo de encarar sanções da sociedade. O gay é uma forma de vida que você tem alegria, lugares certos para ir, você fica mais a vontade. Acho que na sociedade que a gente vive é uma opção sexual, mas para mim é muito mais do que isso, é uma forma de viver, de alegria, de se comunicar, de se expor. **(Jorge, 45 anos, empresário)**

Ressaltamos que foi o indivíduo mais novo entrevistado por nós o que adotou a postura menos otimista com relação às implicações de ser homossexual na nossa sociedade. Para este sujeito, apesar da homossexualidade ser uma orientação sexual como outra qualquer, a discriminação experienciada por gays e lésbicas fez com que ele adotasse uma postura militante com vistas a combater o preconceito.

Ser gay claro que é uma orientação sexual em mim, mas que se transformou também em uma posição política minha muito forte, ativa, militante, em função da discriminação que a gente sofre enquanto homossexual. **(Jaime, 30 anos, psicólogo)**

Dentre todos os entrevistados, nenhum disse ter escolhido ser gay, a maioria tendo percebido a própria homossexualidade desde muito cedo na vida,

tal como veremos mais adiante. Alguns entrevistados afirmaram não saberem o motivo pelo qual são gays ou não se preocuparem com o tema; outros acreditam que a orientação sexual é fruto de uma conjunção de fatores (biológicos, psicológicos e sociais), enquanto que um indivíduo acha que este questionamento é preconceituoso, pois a ciência não se preocupa em investigar as causas da heterossexualidade.

Para responder essa pergunta eu teria que aceitar responder antes a pergunta “o que causa a heterossexualidade?”. No dia em que a imprensa, o mundo, a academia, se interessarem pela causa da heterossexualidade talvez eu me interesse pela causa da homo, mas se não é tão interessante saber por que as pessoas são hetero então porque que eu me interessaria saber porque eu sou gay? Como se fosse uma condição atípica do ser humano.... **(Jaime, 30 anos, psicólogo)**

Eu acredito que já nasce assim. Eu acredito que não tenha a ver com a minha educação não. Eu sou porque sou, porque já nasci desse jeito. Eu acho que é mais fácil também a gente achar isso. **(Márcio, 55 anos, advogado aposentado)**

O entrevistado acima aponta para o tema da origem do estigma, isto é, se ele é percebido como controlável ou incontrolável. De fato, uma série de pesquisas (Burr, 1993; Mills, 1998; Whitley, 1990; Wolfe, 1998) indicam que indivíduos (sejam estes hetero ou homossexuais) que acreditam que a homossexualidade é uma condição biológica ou inata (estigma incontrolável) tendem a aceitá-la melhor. Em outras palavras, “se eu já nasci assim” não posso modificar minha orientação sexual e as demais pessoas também não podem me condenar por ela. Este mesmo argumento também é apontado pelo entrevistado abaixo.

Teve uma pesquisa para já identificar no feto se ele tem uma propensão a ser gay. Isso ia poder mostrar para a sociedade que isso não é um bando de gente perversa. Não é nada disso. É genético. Seria como dizer: “não me recriminem, me aceitem, porque isso é genético, eu não posso fazer nada contra isso. Isso é Deus que quis, já nasci assim”. **(Pedro, 33 anos, publicitário)**

Alguns sujeitos apontaram explicações psicológicas ou de estrutura familiar para a própria homossexualidade, a maioria baseadas em teorias psicanalíticas.

Eu acredito muito na vertente da psicanálise quanto à homossexualidade. Eu tive um pai extremamente autoritário, sedutor, uma mãe extremamente protetora. Perdi meu pai muito cedo, eu tinha 8 anos. A partir daí a minha vida foi muito direcionada por mulheres. Eu acho que é uma coisa muito da sua criação, dessa trama edípica. **(Felipe, 52 anos, psicólogo)**

Dois grandes fatores concorreram no meu caso, na minha história. Um dos fatores é a figura paterna que eu tenho como referência, uma figura masculina pouco viril, pouco sensual, com a sexualidade meio velada. E pelo lado da minha mãe eu acho que eu fiquei com uma grande desconfiança das mulheres porque minha mãe tem declaradamente um preconceito contra as mulheres. Ela acha que as mulheres não são confiáveis. **(Otávio, 44 anos, professor)**

Os dados expostos acima são similares aos levantados por Costa (1992), que menciona que os sujeitos com nível de escolaridade mais elevado entrevistados por ele atribuíram explicações de origem psicológica ou de estrutura familiar para a homossexualidade. Na nossa pesquisa, alguns sujeitos também mencionaram explicações de natureza religiosa, astrológica ou sobrenatural. Neste sentido, mencionamos que alguns indivíduos viam a homossexualidade como algo positivo (pois esta implicaria em uma dualidade masculina/feminina e, conseqüentemente, em uma sensibilidade maior), enquanto que os sujeitos que eram kardecistas enxergavam sua orientação sexual de um ponto de vista negativo (ser gay é um karma que precisa ser pago).

Eu penso que é espiritual. Eu tenho um pouco dessa visão kármica. Eu acho que a questão gay é para você pagar algumas coisas. **(Pedro, 33 anos, publicitário)**

Eu nasci pisciano. É um signo que astrológicamente é marcado tanto pela dualidade quanto por uma sensibilidade mais aflorada para uma série de coisas. Até por eu ser kardecista eu vejo algumas coisas que você traz karmicamente, e também um pouco de astrologia... **(Sílvia, 46 anos, arquiteto)**

Dentro de uma concepção Espírita (Kardecista e Umbanda), se diz que a homossexualidade seria um processo avançado, já que você teria sofrido um processo de reencarnação enquanto homem e mulher, então você viveria a homossexualidade como uma forma de você trabalhar essa dualidade. Eu acho que a homossexualidade me permite enxergar isso tudo porque é o lado feminino e o lado masculino do ser. (...) Eu considero que a homossexualidade é um privilégio, ainda que possa parecer o discurso do derrotado, do oprimido, uma tentativa de crescer diante dos olhos dos outros. A homossexualidade seria um estágio mais avançado. Tanto que no Candomblé tem uma divindade, acho que é Oxalá, que é meio homem, meio mulher. **(Gustavo, 43 anos, advogado)**

Tal como vimos anteriormente ao analisar a categoria de religião, no Brasil a ligação entre religiões de origem africana e homossexualidade parece ser

bastante significativa. Em primeiro lugar, podemos dizer que ao contrário das religiões de base judaico-cristã o Candomblé se caracteriza como um sistema aberto com grande prevalência da dualidade. Tal como lembrado pelo entrevistado acima, o Deus Criador (*Oxalá*) possui um sexo indefinido, pois metade de sua essência é feminina enquanto a outra é masculina, e outros deuses são igualmente andróginos. Acredita-se, portanto, que quando um destes santos “cai na cabeça” de um ser humano este se torna homossexual. Fry & MacRae (1983) também apontam para a forte ligação que existe entre erotismo/misticismo e entre ambigüidade/poderes excepcionais, o que permite que muitos homossexuais transformem seu estigma em vantagem social, tal como apontado por nosso entrevistado.

Praticamente todos os sujeitos, exceto 2, acreditam na existência de uma identidade homossexual. Não obstante, tal como vimos acima, para estes indivíduos a homossexualidade é apenas um dos aspectos de sua identidade, e ser gay não é em si distinto de ser heterossexual. Notamos que entre os entrevistados que acreditam na existência de uma identidade gay, a grande maioria articulou este conceito com o de subcultura homossexual, definido anteriormente neste trabalho. Assim, definimos subcultura como uma ideologia articulada coerentemente em um conjunto de significados, crenças e comportamentos, além de ser uma forma complexa de interação e organização social (Kates, 1998). Os conteúdos de uma subcultura incluem significados, códigos, linguagem, normas, valores, costumes, pontos de encontro, atividades, instituições e tradições.

Eu acho que existe em termos de um comportamento, de um estilo de vida, de uma maneira de se vestir, se comportar, de freqüentar determinados lugares, tem uma coisa de estética. Nesse sentido e também no sentido de valores.
(Gabriel, 49 anos, psicólogo)

Eu vejo isso hoje em dia. É o que eu chamo de “gay padrão”, que eu acho muito chato. Nunca precisei de lugares gays para me sentir a vontade, hotéis, bares gays. O rótulo de lugar gay, dessa identidade gay que existe na forma de vestir, caminhar, falar, no linguajar, sempre achei muito chato, bobo e fora de contexto. Tenho até as vezes umas brigas de vez em quando com amigos meus porque eu fico falando: “pelo amor de Deus, está de uniformezinho gay?” Aquelas mesmas roupas que gays usam sempre, aquela mesma calça, blusa.... É quase como se a pessoa dissesse: “eu preciso ter um uniforme do grupo para ter uma identidade”. **(Sílvia, 46 anos, arquiteto)**

O entrevistado abaixo mencionou dois temas bastante importantes nesse sentido: a adoção desta identidade específica permite que os gays sejam reconhecidos como tais, e que os padrões desta identidade estão cada vez mais internacionalizados.

Acho que existe sim. Porque é tão fácil você, enquanto gay, estar na rua e identificar outros gays, que isso me diz que existem uns sinais, uns recortes culturais específicos dessa população. E aí, para o bem ou para o mal, diferencia. Você tem uma internacionalização dos padrões desse comportamento porque não é absolutamente nada diferente ser gay no Rio de Janeiro e ser gay em Nova Iorque ou em Paris. Os gostos são os mesmos ou pelo menos os objetos de desejo para consumo são formatados da mesma forma. **(Fabiano, 36 anos, antropólogo)**

Para outros sujeitos, devido aos vários subgrupos existentes dentro da comunidade homossexual do Rio de Janeiro (Nunan, 2001), não haveria uma identidade gay única, mas várias identidades distintas unidas apenas pelo fato destes indivíduos sentirem atração por pessoas do mesmo sexo biológico.

Eu acho que o universo gay é cada vez mais diversificado. Você tem, por exemplo, homens gays que são extremamente efeminados, tem os que gostam de travestis, tem os chamados “ursos”, que são homens super peludos com um padrão visual extremamente masculino, mas um comportamento totalmente homossexual, tem os bissexuais, que meio que transitam de um lado e do outro... **(Thiago, 38 anos, designer)**

Eu acho que existe uma identidade gay em termos de padrões comportamentais, de vestimenta, linguagem e locais. Você consegue identificar. Mas acho que não existe só uma identidade, é uma gama enorme. Uma vez até saiu no jornal os tipos de gays e tinha lá o gay enrustido, o assumido, o urso, a *Barbie*, vários tipos. **(Pedro, 33 anos, publicitário)**

Acho que existem várias identidades gays na verdade. Essa pergunta me faz lembrar de uma reportagem que eu vi a uns tempos sobre estereótipos gays, o urso, a *Barbie*, a bicha borboleta, o intelectual. Eu acho que há esses vários estereótipos e que cada um desses estereótipos correspondem a uma identidade porque são tão variados... É claro que tem pontos em comum. Eu acho que o grande ponto em comum mesmo é a atração física por pessoas do mesmo sexo, e um relacionamento sexual com pessoas do mesmo sexo. **(Otávio, 44 anos, professor)**

Alguns sujeitos se enquadraram espontaneamente em um dos subgrupos homossexuais discutidos acima.

Em termos de vestimenta tem dias que eu sou super careta, uso roupa social e tal, e tem dias que eu sou mais moderninho, adoto uma identidade gay. **(Pedro, 33 anos, publicitário)**

De acordo com esses estereótipos que eu mencionei agora há pouco eu acho que eu me enquadraria mais no do intelectual. Não digo isso pretensiosamente não, é só uma referência. Tenho de fato uma vida intelectual muito rica, atualmente estou começando um Mestrado. **(Otávio, 44 anos, professor)**

Questionados sobre o motivo pelo qual esta identidade existiria na nossa sociedade, a maioria dos entrevistados disse que este fenômeno era fruto do preconceito e da discriminação, que faz com que homossexuais precisem circular em guetos.

Existe uma identidade gay, um mundo gay. Esse mundo hoje existe por conta da discriminação, porque o gay acaba criando esse mundo porque de certa forma ele não consegue participar do resto da sociedade. Para poder se sentir livre, ele cria os guetos. **(Inácio, 38 anos, diretor de Centro Cultural)**

Tal como vimos anteriormente, enquanto alguns sujeitos interpretam a identidade homossexual como algo positivo, relacionando-a com características tais como “alegria” e “inteligência”, outros acreditam que adotar uma identidade gay é uma batalha constante por sobrevivência e que a alegria, na verdade, é uma forma de esconder um profundo sofrimento.

Eu acho que existem várias identidades gays. Dentro do mundo gay tem várias tribos, mas eu acho que a identidade maior do gay é essa alegria, a inteligência, o bom humor. **(Jorge, 45 anos, empresário)**

Eu conheço várias pessoas que parecem, como o termo gay diz, “alegres” mas são pessoas extremamente tristes, aquilo é uma fantasia para encobrir ou para não encarar o problema, a tristeza. **(Pedro, 33 anos, publicitário)**

Enquanto homossexual eu tenho que lutar para sobreviver, enquanto que a heterossexualidade é uma questão definitiva, naturalizada, é uma questão que não suscita dúvida, contradição. Ela está tão bem estabelecida que a gente não precisa se debater por ela, enquanto que a minha afirmação como homossexual eu tenho que fazer uma batalha 24 horas por dia, 365 dias por ano, para me impor, sobreviver. **(Gustavo, 43 anos, advogado)**

Alguns entrevistados afirmaram serem contra a idéia de uma identidade homossexual, seja porque “não conseguem enxergar o mundo dessa forma”, ou por acreditarem que ela remete a categorias médicas. Outros postulam que o conceito é necessário no momento histórico atual para a obtenção de determinados ganhos sociais e legais, mas a medida em que o preconceito contra homossexuais

diminuir a noção de uma identidade homossexual específica não fará mais sentido.

Eu acho que existe uma identidade gay sim e não concordo. Inclusive, se a gente falar nessa coisa da identidade, a gente tem uma linguagem, um modo de vestir, um *way of life* completamente diferente. E eu não percebo a vida, o mundo, dessa forma. Existe, sim, uma identidade feminina e uma identidade masculina. Para mim é desconfortável atrelar esses conceitos à homossexualidade. **(Felipe, 52 anos, psicólogo)**

A questão da identidade é importante para que você possa vir a desenvolver projetos... **(Gustavo, 43 anos, advogado)**

Eu imagino que quanto menos preconceito houver menos vai ser importante a idéia de ser gay, menos isso vai ter importância na sociedade. Isso vai ser uma característica a mais da minha personalidade, e não vai ter esse peso todo que ainda tem hoje. Eu aceito essa postura, essa identidade, porque eu imagino que alguns ganhos sociais e políticos que a gente ainda precisa conquistar para ter uma vida mais tranqüila, só vão se dar dentro desse espectro, desse embate. **(Leonardo, 43 anos, agente de viagens)**

Apesar de não termos feito uma pergunta específica sobre se os próprios sujeitos adotavam uma identidade homossexual ou não, alguns falaram sobre este assunto. Deste modo, um entrevistado mencionou adotar uma identidade fluida, outro disse que adota uma identidade gay mas não “levanta bandeiras”, enquanto outro indivíduo disse preferir o termo “*queer*” ao de “identidade”, pois o considera mais amplo. Lembramos que o conceito de *queer* surgiu nos Estados Unidos na década de 90, fruto dos *lesbian and gay studies*. *Queer* é um termo inclusivo que abrange uma série de identidades sexuais culturalmente marginais (gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, travestis, sadomasoquistas, *cross-dressers*, entre outras), posteriormente dando origem ao que ficou conhecido como *Queer Theory* (Jagose, 1996).

Eu gosto muito da idéia do *queer*, que é muito mais geral, no sentido de que não cai em nenhum modelo. No *queer* cabe todo mundo que não se encaixa nos padrões pré-estabelecidos, principais, de comportamento, nessa área erótica. Eu gosto de me identificar com o *queer*. **(Leonardo, 43 anos, agente de viagens)**

A pergunta “Como é que você se vê?” foi introduzida com o objetivo de verificar se os sujeitos possuíam um auto-conceito negativo de si mesmos, o que poderia indicar alguns elementos de preconceito internalizado. No entanto, a maioria dos indivíduos entrevistados disse possuir uma imagem positiva de si

mesmos e de suas realizações na vida. Enquanto alguns não entraram em maiores considerações sobre o assunto, outros falaram de aspectos gerais de sua personalidade que não estavam ligados à homossexualidade. Acreditamos que tenhamos obtido estas respostas pelo fato de termos entrevistados homossexuais assumidos, alguns já há muitos anos, indivíduos estes que, possivelmente, se sentem mais confortáveis com relação à sua orientação sexual. Tal como discutido anteriormente no capítulo sobre identidade gay, à medida em que o indivíduo passa de um estágio para outro de aquisição de uma identidade homossexual, sua auto-percepção muda de negativa e ambivalente para uma visão mais positiva e de maior aceitação da homossexualidade. Este fenômeno, por sua vez, também aumenta o bem-estar psíquico do sujeito, que passa a entender a identidade gay como algo viável.

Eu me vejo mais tranqüilo, mais em paz com o meu desejo. Não estou mais preocupado em por que eu sou gay, então isso é um alívio. **(Gabriel, 49 anos, psicólogo)**

Eu me percebo cada vez melhor na medida em que eu consigo me compreender melhor, e que, por me entender melhor, me ver melhor, acabo conseguindo lidar melhor com as adversidades que são colocadas à minha frente. Ainda que, ao mesmo tempo, cada vez mais essas dificuldades me tornem um pouco mais amargo, mais cínico, indiferente a muitas coisas que antes eu atribuía valor. Eu me considero muito melhor hoje, muito mais maduro. Lamento que as coisas, ao longo de toda uma vida, tenham sido da maneira que foram, ainda que eu tenha dado o melhor de mim, ainda que eu tenha tentado resistir da maneira mais brava e sobreviver. E eu espero que esse crescimento, essa auto-percepção de uma melhora, seja constante. **(Gustavo, 43 anos, advogado)**

Um entrevistado em particular relatou se sentir realizado por ter conseguido manter uma relação amorosa estável com outro homem durante quase 30 anos e de receber o apoio de sua família nesse processo.

Eu me vejo como uma pessoa realizada. Acho que eu sou uma exceção hoje em dia porque muito novo eu realizei uma coisa que eu queria: com 26 anos eu encontrei uma pessoa, a gente se apaixonou e vivemos juntos até hoje. Então acho que a gente construiu uma coisa juntos, foi acontecendo muito naturalmente. Ele começou a participar das reuniões de família... Meus sobrinhos hoje chamam ele de tio, já nasceram sabendo disso e tratando da mesma forma. **(Márcio, 55 anos, advogado aposentado)**

Enquanto alguns indivíduos afirmam adotar um postura claramente gay, isto é, se posicionam socialmente dessa forma, outros relatam não terem

problemas em falar sobre sua orientação sexual, mas que não fazem “alarde” sobre ela. Na nossa opinião, estes indivíduos se encontrariam nos estágios mais avançados de aquisição de uma identidade homossexual, momento no qual a identidade gay perde importância e se transforma em apenas uma das várias identidades no auto-conceito do indivíduo.

Eu sou maduro, assumido. Eu me posiciono como gay, adoto, inclusive, essa postura claramente. E bem resolvido em relação à isso, tranqüilo. **(Leonardo, 43 anos, agente de viagens)**

Eu me vejo como um ser humano, da espécie macho, e que sexualmente tem prazer com outro da sua espécie, igual à mim. Eu não me vejo... não consigo me diferenciar e dizer “eu sou gay então preciso usar determinadas coisas, freqüentar determinados lugares”. **(Felipe, 52 anos, psicólogo)**

Se alguém perguntar se eu sou gay eu respondo, mas não vou sair por aí com uma legenda dizendo que sou porque isso cria estereótipos. Mas se alguém me perguntar sinceramente por uma coisa de trabalho, uma coisa honesta, digna, eu digo que sou. **(Bruno, 50 anos, psicólogo)**

A pergunta “Como você acha que os outros te percebem?” foi introduzida com o objetivo de verificar a *identidade percebida* dos sujeitos, isto é, a identidade que é ativada em contextos sociais onde o indivíduo acredita que outros o percebem como homossexual. Assim, perguntados sobre como eles achavam que outras pessoas os percebiam, os entrevistados deram respostas variadas. Alguns indivíduos disseram não estarem preocupados com o assunto, enquanto outros achavam que eram vistos de forma negativa por outras pessoas. Esta visão mais negativa, no entanto, não era derivada da homossexualidade em si, mas de características de personalidade do indivíduo em questão. Um entrevistado em particular relatou ser percebido de maneira negativa por outros homossexuais.

Outros homossexuais me percebem de uma maneira muito estranha porque eu sou o que se denomina M.O.R. (*middle of the road*). A minha geração foi uma geração que ficou a meio caminho do travestismo e do *leather gay*, das bichas de couro. **(Gustavo, 43 anos, advogado)**

No que se refere à percepção por parte de heterossexuais, o sujeito acima acredita que as demais pessoas acham que ele “se faz de vítima” por ser

homossexual, enquanto outro entrevistado se diz bastante preocupado com o fato de que sua homossexualidade seja percebida.

Os problemas são derivados da homossexualidade, sem sombra de dúvida, e por isso ela acaba sendo uma questão central na nossa existência. Eu fico puto da vida quando as pessoas dizem: “você quer se tornar vítima por essa questão, a homossexualidade acaba fazendo você a eterna vítima”. Eu tenho que saber lidar com isso tudo para sobreviver. E quando eu digo sobreviver não é me fazer de vítima. É sobrevivência enquanto dignidade, enquanto ser humano. **(Gustavo, 43 anos, advogado)**

As vezes eu me pego um pouco preocupado em se as pessoas estão percebendo a minha homossexualidade. Eu não sei se é um resto de homofobia interna minha, ou se é um medo ou uma preocupação da homofobia social, de um ataque, agressão, violência... Então nesse sentido eu tento manter a minha homossexualidade velada, mas nem sei se isso é possível. **(Gabriel, 49 anos, psicólogo)**

Os demais entrevistados acreditam que são percebidos de forma positiva por outras pessoas, seja porque estas não percebem sua homossexualidade, seja porque eles são bastante transparentes e assumidos quanto à sua orientação sexual.

As pessoas não percebem de cara que eu sou gay, o que para mim é uma certa vantagem por causa da coisa do preconceito. Eu acho que isso me preserva mais. **(Thiago, 38 anos, designer)**

A maneira como eu vivo a minha orientação sexual é muito clara, no trabalho, na família, em todos os lugares que eu frequento. Sou uma pessoa que tem essa coisa da visibilidade bem explícita e as pessoas percebem isso. **(Leonardo, 43 anos, agente de viagens)**

Com relação a este assunto, um dos entrevistados mencionou que ele procurava ser tão sincero à respeito da própria homossexualidade que as pessoas à sua volta eram, de certa forma, obrigadas a aceitá-lo.

Assunção da homossexualidade

A descoberta da homossexualidade ocorreu em distintas fases da vida para diferentes sujeitos. Entretanto, a grande maioria dos entrevistados mencionou sentir atração por outros homens desde a infância ou início da adolescência, ainda que tivessem compreendido melhor este desejo e tido suas primeiras experiências sexuais em momentos posteriores de suas vidas.

Eu me lembro já com 4 anos de idade, no Jardim, no Maternal, eu me apaixonava por meninos. Em frente à casa aonde nasci tem uma praça muito bonita que tinha um monumento e eu sempre abraçava e beijava aquele monumento fingindo que eram os rapazes. Mas eu me percebi homossexual enquanto categoria a partir dos 17 anos, quando estava começando no Rio de Janeiro o surgimento da questão de uma identidade homossexual. Então eu conheci pessoas que se denominavam “entendidas”. **(Gustavo, 43 anos, advogado)**

Acho que é uma coisa que a gente sempre se percebe, de uma certa forma, mas eu comecei a me sentir diferente com 11 anos, só que eu não tinha muita consciência do que era aquilo. Só passei a ter com 18 anos, e a entender melhor o que acontecia comigo. **(Márcio, 55 anos, advogado aposentado)**

Desde que eu me lembro e que eu me entendo por gente eu tive um olhar especial para outros homens. Claro só ficou aos 15 anos. Mas também foi uma coisa rápida de resolver. Na oitava série eu comecei a comprar revistas pornográficas masculinas escondido. **(Fabiano, 36 anos, antropólogo)**

Os entrevistados acima também mencionaram que desde muito cedo começaram a se perceber diferentes de outras crianças, seja pelo fato de gostarem de “brincadeiras de meninas”, seja porque apresentavam um comportamento considerado efeminado. Estes dados são corroborados por outras pesquisas (Bailey & Zucker, 1995; Fichter & Daser, 1987; Green e cols., 1996; Strong e cols., 2000b), que postulam que durante a infância muitos homossexuais masculinos apresentam graus mais baixos de conformidade a seu papel de gênero do que crianças da mesma idade. Analisando este tema a partir das teorias de formação da identidade homossexual de Cass (1979, 1984a, 1984b) e Troiden (1985, 1989), podemos dizer que este seria o estágio da *sensibilização*, isto é, aquele que ocorre antes da puberdade, quando o indivíduo começa a se sentir marginalizado e diferente das outras pessoas.

Eu me apaixonava muito por outros meninos e não era correspondido e essa não correspondência é que me fazia ver que eu não era igual às outras crianças. Ou seja, era sempre o olhar do outro influenciando para a minha percepção da diferença. **(Gustavo, 43 anos, advogado)**

Hoje lembrando de como eu era quando menino, eu sei que eu era diferente, só que eu não tinha consciência. Isso foi uma coisa muito ruim porque por mais que você não queira você tem um jeito, um outro comportamento. **(Márcio, 55 anos, advogado aposentado)**

Aquela coisa de brincar de casinha, da figura feminina, de brincar de boneca. A coisa do desenho, do gosto, da roupa, de perceber: “mãe você está bonita porque o seu sapato está assim”. Homem não presta atenção nessas coisas.

Então ao longo do tempo você vai percebendo que tem uma coisa diferente. **(Alexandre, 45 anos, administrador)**

Apenas dois indivíduos relataram ter descoberto a própria homossexualidade quando adultos, sem terem tido qualquer tipo de desejo homossexual durante a infância.

Um pouco antes da entrada na faculdade, no final do segundo grau, com uns 18 anos, foi quando eu comecei a fazer a passagem. **(Leonardo, 43 anos, agente de viagens)**

Foi durante o processo da minha primeira análise. Esse desejo começou a surgir durante o processo de análise e eu não queria ser homossexual. (...) Eu comecei a minha vida sexual muito tarde, em torno dos 29 anos. **(Gabriel, 49 anos, psicólogo)**

No que se refere à categoria de assunção da homossexualidade, devemos ressaltar que “ser assumido como homossexual” foi uma pré-condição para participar da pesquisa, o que fez com que as respostas dadas pelos entrevistados fossem bastante similares entre si, sobretudo no que diz respeito às vantagens de se assumir como gay. Muitos entrevistados relataram que ao assumirem sua orientação sexual foi como se tivessem “tirado um peso das costas” de serem obrigados a levar uma vida dupla, enquanto outros mencionaram que o preconceito por parte de suas famílias fez com que eles se tornassem independentes muito cedo na vida.

É bom se assumir porque tira um peso. Quando eu falei, por exemplo, para o meu chefe, eu senti um alívio, porque eu não queria ficar tendo que me esconder. Eu tinha uma vida pela metade, lá eu era uma coisa e fora dali eu era outra e eu queria ser uma coisa só. **(Pedro, 33 anos, publicitário)**

Para mim foi um processo que não tinha como fazer diferente. Quando eu me dei conta de que era homossexual eu pensei: é uma realidade isso e eu não gostaria de viver me escondendo. Claro que eu paguei um preço por ter me assumido cedo, mas nada que não tenha se resolvido com o tempo. Meu pai era militar e para ele foi difícil, um processo, um embate real, nós discutíamos... Mas isso me estimulou muito, quer dizer, eu saí de casa cedo, fui trabalhar cedo, tive esse impulso. Teve esse reflexo na minha vida. Eu não queria dar a ele o direito de me cobrar nada em relação a isso. Eu queria poder ostentar a minha identidade erótica sem dever nada a eles. **(Leonardo, 43 anos, agente de viagens)**

Meus pais dizem que me amam e eu acredito nisso. Se eles me amam eles tem que conhecer o filho que eles têm. Se eu disser para eles que eu não sou gay eles não estão me conhecendo. Então disse para o meu pai e para a minha mãe.

Foi difícil porque eles são conservadores, mas hoje em dia não há nenhum problema. No começo, quando eu tinha 16 anos eles me perguntaram se era uma fase. Eu falei que não era fase não, que era o que eu era mesmo. **(Jaime, 30 anos, psicólogo)**

Tal como o sujeito acima, a maioria dos entrevistados tomou a decisão consciente de assumir a homossexualidade para outras pessoas, fato que possivelmente lhes possibilitou preparar-se para as conseqüências que esta revelação poderia acarretar. Dois entrevistados relataram terem procurado a ajuda de psicólogos para poderem lidar melhor com este processo. Um indivíduo, no entanto, teve sua homossexualidade revelada inadvertidamente por terceiros, quando, com 15 anos na época, teve que oferecer explicações sobre suas revistas pornográficas masculinas. Seguindo o caminho trilhado por Sophie (1987), chamamos este tipo de assunção da homossexualidade de “assunção acidental”. Os demais entrevistados precisaram reagir a comentários ou perguntas por parte de membros da família.

Quando eu cheguei em casa e vi que as revistas pornográficas estavam em cima da mesa na casa dos meus avós, já imaginava do que se tratava. E aí eu tinha duas possibilidades: ou eu tentava disfarçar o indisfarçável ou resolvia aquilo e pronto. Então eu chamei a minha avó, chamei a minha tia que é psicóloga e aproveitei esse ensejo para dizer: “olha, vou aproveitar então que nós chegamos a este ponto para que vocês saibam a partir de agora que eu sou gay, que eu tenho preferências por homens.”. E obviamente depois dali fui correndo para casa para contar para a minha mãe porque não tinha saída. Como eu tive esse *coming out* aos 15 anos e em casa já estava resolvido, fora de casa não tinha porque esconder, então eu nunca escondi. **(Fabiano, 36 anos, antropólogo)**

Foi traumático. Assim que eu cheguei aqui no Rio eu fui morar com uma prima e ela comentou com o meu irmão que eu só andava com gays, com marginais, com drogados, com isso e com aquilo outro. Aí meu irmão veio me perguntar e eu disse: “olha, com marginal e drogado eu não ando não, mas gay eu sou”. Aí ele contou para uma irmã, que contou para um irmão e assim sucessivamente até que alguém contou para a minha mãe. Meu pai morreu dizendo que o meu irmão era mentiroso. Ele nunca veio me perguntar e eu também nunca falei, mas se tivesse me perguntado eu teria dito para ele também. **(Bruno, 50 anos, psicólogo)**

Minha mãe virou para mim um dia e perguntou qual era a mania que eu tinha de andar com viado. Aí eu vi que estava na hora de falar com ela. Minha mãe reagiu super mal, fingindo que nunca tinha notado nada nesse sentido. Eu falei para ela: “deixa de ser hipócrita. Quem você acha que foi fulano e beltrano?”. O meu pai foi quem começou a fofoca. E eu falei para ele: “se você não tinha coragem de segurar a onda então que não começasse”. Eu dei um chega para lá em todo mundo. **(Sílvia, 46 anos, arquiteto)**

Foi minha mãe que me perguntou diretamente se eu era gay, se eu tinha passado para o outro lado “que estória é essa”, achando que era mais uma das minhas atitudes, porque eu tinha atitudes políticas revolucionárias, eu era de esquerda, tinha furado a orelha, tinha atitudes bastante ousadas. Quando eu disse para ela que eu tinha tentado não ser, resistir, que foi muito difícil para mim aceitar que eu era, ela entendeu. Disse: “se é assim eu entendo. Não concordo, não gosto, mas aceito”. **(Leonardo, 43 anos, agente de viagens)**

Alguns entrevistados foram obrigados a assumir sua orientação sexual devido a circunstâncias de vida tais como o início de um namoro com alguém do mesmo sexo.

Aos 19 anos eu me apaixonei pela primeira vez por um homem e a gente ficou junto durante 8 anos, então para mim era uma vida normal. Ele freqüentava a minha casa, a família dele freqüentava a minha casa, a minha família freqüentava a casa dele. Quer dizer, eu não tive essa coisa de fazer escondido. Por uma questão da família de onde eu venho, que é muito carinhosa, ou talvez por ter tido a felicidade de ter encontrado como meu primeiro namorado um cara que era um pouco mais velho do que eu, que tinha uma família mais atualizada, aberta, acolhedora. **(Felipe, 52 anos, psicólogo)**

No momento em que eu optei por ficar com meu companheiro, eu sabia que estava fazendo uma opção extremamente difícil. Eu não sabia como ia ser, mas eu sabia que ia ser difícil. E quando a coisa foi ficando mais profunda, meu envolvimento foi crescendo, as pessoas foram percebendo, obviamente. A minha família veio me questionar sobre qual era meu envolvimento com ele e aí eu abri o jogo e falei na cara. Foi um choque, uma briga. **(Thiago, 38 anos, designer)**

Apesar de todos os entrevistados terem assumido seu desejo homossexual internamente, o grau com que revelavam esta identidade para familiares, amigos e demais membros da sociedade variou consideravelmente. A maioria assumiu primeiro para amigos, depois para irmãos e finalmente para seus pais.

Quando eu chutei o balde, liguei o dane-se e resolvi assumir para todo mundo foi com 23 anos. Eu pensei: é isso que eu sou, é isso que eu vou ser, não quero mudar. Quem quiser me aceitar assim me aceita, quem não quiser sinto muito. A minha família inteira sabe. Minha mãe e meu pai também. Quando eu assumi, eu assumi primeiro para os amigos, depois para a minha irmã e minha irmã me ajudou chegar até minha mãe. **(Jorge, 45 anos, empresário)**

Muitos entrevistados não se assumiram verbalmente para as suas famílias, isto é, seus pais e irmãos sabem de sua orientação sexual, mas este tema não é conversado abertamente. Esta postura é conhecida em inglês pela expressão *Don't ask, don't tell* (“não pergunte, não conte”) e parece ser mais comum entre

indivíduos que ainda possuem algum grau de preconceito internalizado. No entanto, vale ressaltar que apesar destes sujeitos não afirmarem constantemente sua orientação sexual, tampouco a escondem e respondem com naturalidade quando perguntados a respeito. Os sujeitos afirmaram que seus familiares notaram sua homossexualidade gradualmente e que portanto não precisaram se assumir de fato, isto é, chegar um dia e dizer “eu sou gay”.

Com meus pais eu nunca cheguei e falei, eles não sabem verbalmente, mas eles foram sabendo aos poucos. Eu não aparecia com mulher, tanto que eles pararam de cobrar. Eu já tinha um relacionamento com meu ex-namorado, passava o final de semana na casa dele. Quando foram conhecer ele já viram que ele era uma pessoa mais velha e começaram a supor “o que um cara de 27 anos está fazendo com outro de 48?” Aí viajamos para a Europa. Não precisa ser muito inteligente, né? **(Pedro, 33 anos, publicitário)**

Foi uma conversa onde minha mãe abordou indiretamente esse assunto e ela me perguntou: “você é feliz assim?”. Respondi: “Sou”. Ela não usou a palavra homossexual nem gay, mas acho que isso estava implícito. **(Gabriel, 49 anos, psicólogo)**

Eu nunca sentei com meus pais para conversar, mas eles também nunca pediram. Com os meus amigos eu comecei a agir de forma natural. Não entro no assunto se eu não tiver intimidade para entrar na sua sexualidade, mas se estiver em um assunto genérico eu vou falar sobre mim, naturalmente. **(Inácio, 38 anos, diretor de Centro Cultural)**

As reações dos membros da família foram, na maior parte das vezes, negativas, sobretudo por parte dos pais e mães dos entrevistados, o que corrobora as pesquisas de LaSala (1998). Chamou-nos a atenção o fato de que os pais parecem ter reagido melhor à revelação do que as mães, ao contrário do que sugere o senso comum. Em alguns casos, apesar de uma rejeição inicial, a família passou a aceitar a homossexualidade do sujeito.

A minha mãe teve a reação mais contrária, ela não enxerga, assumiu a cegueira para sempre. Para ela, o meu companheiro é um colega que divide quarto comigo. É claro que ela sabe que não é, mas é uma coisa que ela comprou essa idéia e botou isso na cabeça. Eu já tentei trazer a realidade à tona, mas ela está com 80 anos agora. Eu acho que não é necessário. O meu pai falou sutilmente sobre isso comigo. Escreveu uma carta onde ele falou que as minhas escolhas eram as minhas escolhas em relação a todas as coisas na vida, que eu sendo muito feliz, sabendo respeitar, mantendo o meu caráter, que o resto da vida era minha. Eu fico mais tranquilo assim. **(Thiago, 38 anos, designer)**

A minha mãe chorou muito na primeira semana e a minha tia também. Meu pai mais adiante me disse: “olha, tudo bem”. **(Fabiano, 36 anos, antropólogo)**

Por surpresa meu pai aceitou mais que a minha mãe. Minha mãe até hoje fala assim: “eu queria tanto ter um neto...”. **(Jorge, 45 anos, empresário)**

A minha mãe ficou chocada durante um tempo, mas eu insisti. Eu ligava e ela era monossilábica, chorava muito, e eu me sentia o último dos homens, mas fui insistente. Hoje ela vem para minha casa. **(Bruno, 50 anos, psicólogo)**

Algumas famílias também tiveram reações de questionar a homossexualidade do entrevistado, perguntando se esta não era uma “fase” ou acusando terceiros de estarem levando o sujeito para o “mau caminho”, mais uma vez corroborando as pesquisas de LaSala (1998).

Vieram todas as típicas acusações de que ele estava me levando para o mau caminho, que eu estava tendo uma experiência por curiosidade. **(Thiago, 38 anos, designer)**

Meu avô me dizia: “talvez isso seja coisa da idade” e eu dizia para ele: “eu acho que não é coisa da idade não...”. **(Fabiano, 36 anos, antropólogo)**

Assim como aconteceu no caso dos pais, muitos sujeitos não se assumiram abertamente para os seus irmãos, apesar de achar que estes, de algum modo, estão cientes da sua orientação sexual. Nas situações em que o indivíduo revelou explicitamente sua homossexualidade as reações dos irmãos foram bastante variadas. Alguns reagiram negativamente em um primeiro momento, mas vieram a aceitar a homossexualidade do membro da família com o tempo. Outros optaram por ter uma única conversa franca sobre sexualidade (após a qual nunca mais se tocou no assunto), ao passo que alguns tiveram uma postura de aceitação imediata. Em dois casos a aceitação da homossexualidade foi apenas parcial.

Os meus irmãos não foram entusiastas, mas também não reprovaram. Falaram: “não queria essa opção, mas espero que você seja feliz com ela”. Um deles explicitou o fato de que tinha preconceito, mas também isso nunca redundou em nenhuma atitude dele de discriminação. Acho que eles se habituaram com a idéia. **(Otávio, 44 anos, professor)**

Com as minhas irmãs e meus cunhados foi tranqüilo, porque eles falaram que gostavam de mim antes de saber que eu era gay e que iam continuar gostando. **(Bruno, 50 anos, psicólogo)**

Perdas afetivas no processo de assunção da homossexualidade também ficaram evidentes, seja porque o sujeito nunca contou para seus irmãos que é gay (o que diminui o grau de intimidade entre as pessoas), seja porque o irmão não foi capaz de lidar com a notícia.

Para o meu irmão eu não me assumi e eu acho que isso atrapalha a minha relação com ele porque eu vou na casa dele, aquelas comemorações de família, aniversário de fulano, Dia das Mães, e eu fico muito quieto. Eu não compartilho a minha vida com eles e fica uma coisa chata. Isso me incomoda porque fica uma ida à casa dele burocrática, por obrigação. **(Gabriel, 49 anos, psicólogo)**

Minha irmã mais nova ficou furiosa, brigou muito. Ela não aceitava de jeito nenhum e eu não soube não brigar com ela. Nós ficamos muito mal. Hoje em dia em dia nós somos amigos, mas alguma coisa se perdeu nesse processo. Para mim, da minha parte, eu tinha uma certa idolatria por ela, sabe? **(Thiago, 38 anos, designer)**

Em algumas entrevistas também surgiu o tema do “respeito”, seja o cuidado de não querer impor a própria homossexualidade em situações onde ela não é relevante, seja o respeito na forma em que perguntas a respeito dela podem ser feitas. Um exemplo disto é que a medida em que o tema da homossexualidade ganha mais visibilidade, sobretudo na mídia (Lukenbill, 1999), é cada vez mais comum que crianças façam perguntas sobre este assunto. O entrevistado abaixo relata uma situação deste tipo e o modo como lidou com ela, forma esta que nos pareceu bastante adequada.

A forma com que eu faço as coisas é tão natural que o meu sobrinho com 6 anos me perguntou se aquele cara que andava sempre comigo era meu namorado. Ele perguntou assim: “tio, você é gay?”. Eu respondi: “sou. Isso muda alguma coisa para você?”. “Não. Aquele cara que está sempre contigo é seu namorado?” “É”. “Ah tá. Era só para saber se aquilo que eu estava achando era isso mesmo”. Foi uma forma tão legal, tão respeitosa... **(Sílvia, 46 anos, arquiteto)**

De fato, tal como foi abordado anteriormente, se o indivíduo realmente se sente à vontade com sua orientação sexual, agindo natural e espontaneamente, essa aceitação terá um efeito sobre as demais pessoas, tornando-se-lhes mais fácil ficarem à vontade com ele em situações sociais.

Alguns entrevistados apontaram para a importância do contato com outros homossexuais que serviam como modelos positivos nos quais os sujeitos podiam se espelhar. Tal como apontado por Gross (1996), citado anteriormente nesta tese,

homossexuais que não conhecem outros gays e lésbicas ou que ainda não entraram em contato com a comunidade gay possuem modelos profundamente estereotipados do que significa ser homossexual, a maioria dos quais se baseia em imagens distorcidas veiculadas pelos meios de comunicação de massa. Seguindo o raciocínio de Aronson (1999), podemos dizer que a falta de modelos positivos nos quais os homossexuais possam se espelhar gera sentimentos de inferioridade e alienação, limitando, igualmente, projetos de vida. Em outras palavras, as novas conexões formadas dentro da comunidade gay favorecem o desenvolvimento de uma identidade positiva, ajudam o sujeito a redefinir valores sociais, e a encontrar oportunidades alternativas para intimidade e família (Meyer & Dean, 1998). Sophie (1987) corrobora este raciocínio quando postula que ter amigos homossexuais que atuem como modelos positivos e que contradigam estereótipos é fundamental na superação do preconceito internalizado e no desenvolvimento de uma identidade gay positiva.

A partir do meu relacionamento com o meu ex eu comecei também a me abrir. Ele foi muito importante para mim para isso. A me assumir. Porque eu comecei a entender a possibilidade de uma pessoa mais velha, que se assumiu, que fez uma carreira e que era respeitado. Ele é uma referência boa para mim. (...) O teatro também me liberou, porque eu comecei a ter contato com outros gays, que até então eu não tinha. Eu não conhecia ninguém igual à mim, não tinha uma referência, não tinha com quem conversar. O meu professor de teatro, que é gay, foi uma pessoa que me ajudou muito. **(Pedro, 33 anos, publicitário)**

Eu tinha um professor de desenho no colégio de padres, fresquíssimo também, um gay chique. Para mim ele foi o único modelo de normalidade enquanto ser desviante, e ele serviu exatamente para mim para aliviar essa culpa que eu sentia porque ele era uma pessoa positiva, que me dava atenção, e nos momentos mais difíceis eu me valia sempre da imagem dele de atenção, de carinho. (...) Com 17 anos eu tinha uma chefe que eu gostava muito, ela era muito bela, feminina, e um belo dia ela disse para mim: “você sabe né? Eu sou lésbica, sou entendida”. Eu quase tive um troço, nunca tinha ouvido falar... Tinha ouvido falar da mulher macho, decidida, mas nunca tinha ouvido falar de uma mulher capaz de deitar com outra mulher, de amar outra mulher. Então foi através dessa minha chefe que eu tive acesso a esse meio entendido. O mundo para mim criou uma outra tonalidade, talvez um arco-íris realmente, porque eu conheci pessoas iguais à mim, que tinham o mesmo desejo. Porque ao longo de toda a minha vida, na escola, no meu bairro, tinha várias crianças e eu nunca conheci ninguém igual à mim. **(Gustavo, 43 anos, advogado)**

Eu namorei uma pessoa durante muito tempo que hoje é um ícone gay, é uma referência gay, que foi uma pessoa que me trouxe para esse universo, ampliou um monte de possibilidades, um monte de coisas, me fez conhecer gente, lugares, situações. Foi um grande aprendizado. **(Alexandre, 45 anos, administrador)**

Todos os entrevistados acreditam que a assunção da homossexualidade é um processo composto por fases, apesar deste processo variar muito de pessoa para pessoa. Um sujeito em particular definiu a assunção como “cruzar uma linha”, sendo que alguns indivíduos estenderiam este cruzamento. De um modo geral, os sujeitos ressaltaram os seguintes elementos nas suas falas sobre este tema: o processo é freqüentemente longo, assustador e difícil, o apoio da família e de amigos é crucial na aquisição de uma identidade gay positiva, e assumir ser homossexual nos dias de hoje é muito mais fácil do que era a 25 anos atrás. Este dado é corroborado por outros autores (Dank, 1971; McDonald, 1982; Troiden, 1979), que postulam que em décadas anteriores a assunção da homossexualidade ocorria entre 23 e 28 anos de idade, enquanto pesquisas mais recentes (D’Augelli & Hershberger, 1993; Herdt & Boxer, 1993) revelam que a idade caiu para 16 anos.

No que se refere às fases que compoariam este processo os sujeitos mencionaram que a primeira e a mais importante delas é a pessoa se assumir para si mesma. Outros marcos considerados importantes são: dar-se conta de que existem outras pessoas iguais a você, ter as primeiras experiências sexuais e afetivas com alguém do mesmo sexo, experienciar a subcultura gay de um modo exacerbado (por exemplo, achar que todo mundo é homossexual, freqüentar apenas bares e boates gays, etc.) e, finalmente, integrar a identidade gay como mais um aspecto da personalidade. De fato, para grande parte da população gay a experiência de assunção da homossexualidade é freqüentemente seguida de um aumento da atividade sexual, como uma forma de confirmar a própria sexualidade. Tal como nos aponta D’Augelli (1998), a identidade sexual depende, em parte, do comportamento sexual. Em outras palavras, a experiência psicológica do comportamento sexual ajudaria a confirmar a identidade ou solucionar uma possível ambigüidade.

Eu acho que tem uma primeira fase de negação, de você não querer, ter medo. Depois você descobre que você não é o único. Essa foi a minha grande fase. Me lembro da primeira vez que eu entrei numa boate gay no Rio. Eu pensei “meu Deus, não sou só eu, tem um monte”. Depois que você descobre que você não está sozinho é muito bom, você passa a se entender mais, a ter menos medo, menos vergonha, estigma. Depois tem uma fase meio de deslumbramento, você acha que tudo gira em torno daquilo, você vive em função disso, vai a boate toda noite, transa com todo mundo. E depois você se acalma. **(Márcio, 55 anos, advogado aposentado)**

Eu acho que tem um processo inicial que é uma espécie de auto-negação. Depois, quando você assume, tem um período contrário em que as pessoas começam a achar que todo mundo é gay. Porque a partir do momento em que você assume para você, você se sente mais livre em relação a isso e começa a perceber os códigos, onde você está dando mole, onde é que estão prestando atenção em você e aí, de repente, você começa a ver que um monte de gente está dando sinais que antes você não estava percebendo simplesmente porque você estava negando. E depois a coisa meio que se acalma. Depende muito de cada um. Acho que tem pessoas que vão lutar com isso até o final da vida. Vão querer não ser, ou vão querer deixar de ser. **(Thiago, 38 anos, designer)**

Talvez eu tenha atingido o ponto máximo desse se assumir, mas lamentavelmente nem todas as pessoas conseguem atravessar esse processo. Lamentavelmente, porque a ansiedade e a culpa com as quais a pessoa acaba se revestindo são fatais. Eu lido com homens que jamais conseguiram passar da primeira fase, que é de conseguir identificar a atração por um ser do mesmo sexo. A maioria das pessoas estão na metade e são muito poucas as pessoas que conseguem completar esse processo. É complicado, é muito difícil, e tem um quê de heroísmo em cada uma dessas pessoas que consegue. É desejável sim, porque esse processo significa, sobretudo, o seu bem-estar. **(Gustavo, 43 anos, advogado)**

Não obstante os benefícios que a assunção da homossexualidade acarreta para o bem-estar psíquico do indivíduo, tal como apontado pelo sujeito acima, e corroborado por outros estudos (DiPlacido, 1998), nem todos os entrevistados concordam com a postura adotada pelo movimento homossexual de que todos os gays e lésbicas deveriam se assumir.

Eu também não levanto bandeira de que fulano tem que sair do armário. Cada um tem as suas paranóias, entendeu? Tem gente que tem muitas paranóias, as vezes a pessoa não aguenta porque é difícil mesmo. **(Inácio, 38 anos, diretor de Centro Cultural)**

Quando as pessoas falam, principalmente nos grupos gays, que “você tem que se assumir, contar para todo mundo”, eu acho que não funciona dessa forma. Acho que você vai abrindo um espaço e cada um tem uma história diferente de vida. Eu me assumi, está bom, mas não preciso estar gritando para todo mundo que eu sou gay. Se eu chego falando logo que sou gay pode criar todo um clima e eu prefiro que a coisa fique meio no ar. **(Alexandre, 45 anos, administrador)**

No que se refere aos mecanismos de encobrimento que alguns homossexuais adotam com o intuito de não revelar sua orientação sexual, formulamos a pergunta da seguinte forma: “Você já fez coisas para não parecer que era gay?”. Alguns entrevistados mencionaram jamais terem feito isto, ou que, pelo menos, não se lembravam de nenhum exemplo em particular. A maioria dos sujeitos, no entanto, afirmou ter utilizado estes mecanismos em algum momento

de suas vidas, sobretudo durante a adolescência ou antes de assumirem sua homossexualidade para suas famílias. Os recursos mais comuns incluíam inventar namoradas fictícias e uma preocupação excessiva com gestos e palavras que pudessem revelar inadvertidamente o estigma.

Sempre botava o nome de uma menina no meio. Pedia para uma amiga lésbica ligar para casa para fazer de conta de vez em quando que tinha uma mulher ligando. Tinha um monte de artifícios para meus pais não descobrirem. **(Pedro, 33 anos, publicitário)**

Eu me lembro que no início eu inventava que tinha namorada. Também talvez eu tivesse uma preocupação de não falar coisas, de não desmunhecar... **(Márcio, 55 anos, advogado aposentado)**

Já fiz coisas para não parecer gay, sem dúvida. Quando era adolescente essa constatação para mim foi conflituosa, não foi tranqüila. Então na escola, por exemplo, no segundo grau, perante os colegas, eu procurava disfarçar, procurava falar de assuntos ditos masculinos como futebol, mulher, cerveja. **(Otávio, 44 anos, professor)**

Alguns entrevistados mencionaram que continuam adotando mecanismos de encobrimento até hoje, particularmente em situações de natureza profissional. Estes dados são corroborados por Kates (1998), que usa o termo *desidentificadores* para referir-se à adoção de comportamentos ou objetos que transmitam a idéia de que o homossexual pertence à categoria dos heterossexuais.

Mais numa coisa de gestos. As vezes eu me pegava um pouco preocupado com isso, se eu estava expressando gestos femininos... ou então uma determinada roupa. E hoje as vezes isso também aparece. **(Gabriel, 49 anos, psicólogo)**

Não só já fiz como acho que faço. O preconceito é nítido então as vezes você tem que se colocar de uma forma um pouco mais... Tenho medo de dizer que não sou autêntico, mas não é isso... Eu tento ter uma energia masculina mais forte, caso vá entrar num meio basicamente hetero. Eu me percebo as vezes querendo me colocar de forma mais máscula, para impor. **(Inácio, 38 anos, diretor de Centro Cultural)**

De vez em quando eu me vejo em uma roda de amigos heterossexuais e inconscientemente eu sou capaz de ter um comentário, uma atitude, não claramente para disfarçar, mas... Outro dia uma amigo fez um comentário sobre uma mulher que passou, dizendo “aquela gostosa” e eu fui junto, deixei passar em vez de me posicionar, porque as vezes se posicionar o tempo inteiro cansa, desgasta. E várias vezes no trabalho, em entrevistas no começo da minha profissão, quando eu não tinha uma segurança muito firme, para disfarçar, ganhar espaço social no trabalho, eu omiti, eu não me posicionei mais claramente porque eu temia ser discriminado e as vezes era discriminado mesmo. Não é uma coisa

formal, mas com os amigos do trabalho, gente importante, influente... **(Leonardo, 43 anos, agente de viagens)**

Por conta do meu trabalho eu lido muito com homens, empresários e pessoas que são preconceituosas. Então na frente deles eu assumo um papel, se não assexuado, de hetero. Eu não fico totalmente relaxado. Eu tenho que ficar mais atento porque muitas vezes em papo de homem tem a questão do sexo. Quando passa uma mulher gostosona e as pessoas falam “olha que rabão” eu falo “bonita, né?” Eu não vou ficar: “ah não! Eu não acho, eu não gosto”. Entendeu? Eu tenho que assumir papéis, nesse caso, no trabalho... **(Pedro, 33 anos, publicitário)**

Como fica evidente no discurso acima, a experiência do encobrimento é complicada, difícil e sofrida, demandando muita energia psíquica por parte do sujeito. Em diversos casos o encobrimento parece dar origem a uma “vida dupla”, que faz com que o indivíduo viva em dois mundos separados (em um se assume e em outro não) e o risco desses mundos se encontrarem é uma constante fonte de sofrimento e tensão. A “vida dupla” foi particularmente identificada pelos entrevistados pelo fato de não poder compartilhar a vida pessoal com familiares, amigos ou colegas de trabalho. Em outras palavras, o encobrimento dificulta a manutenção de relações sociais autênticas. O entrevistado abaixo, fala um pouco sobre este assunto.

O que os gays não entendem é que é muito mais doloroso você pretender ser uma coisa que você não é do que efetivamente ser o que você é. Se você fica pretendendo que você não é gay você tem que ficar inventando estórias, criando namoradas, criando situações, lembrando das estórias que você criou. Porque, de fato, as pessoas se divertem muito mais com a saia justa que ficam os gays que pretendem ser o que não são, do que com os gays que são o que são e ponto. **(Fabiano, 36 anos, antropólogo)**

Tal como nos lembra Escoffier (1997), homossexuais que levam vidas duplas prejudicam suas possibilidades de terem relações sexuais/emocionais estáveis, uma carreira no trabalho e na luta por direitos caso venham a ser discriminados.

Relação com a família de origem

No que se refere à relação com a família de origem, alguns entrevistados disseram que esta era boa e que seus pais e irmãos o aceitavam, mesmo que a homossexualidade não fosse um tema verbalizado.

Hoje em dia o relacionamento é muito bom, mas mesmo assim minha homossexualidade é uma coisa não-verbalizada... **(Márcio, 55 anos, advogado aposentado)**

Ótima. A relação é tranqüila. Meus pais freqüentam normalmente a minha casa e meus irmãos também. Isso para eles é nítido, é claro, e não sou absolutamente discriminado. **(Inácio, 38 anos, diretor de Centro Cultural)**

Quando a minha mãe insinuava coisas de namorada eu engrossava o assunto e falava: “você quer saber mesmo? Sabe por que não tem namoradas me ligando para cá?” Aí ela se calava, ou seja, em nenhum momento ela quis saber daquilo. Mas ela me ama, gosta de mim. Quando eu terminei com um namorado de 13 anos e comecei com outro ela fez a substituição automaticamente, os meus tios também. Todo mundo fala assim: “cadê fulano? Manda um abraço para ele.” **(Alexandre, 45 anos, administrador)**

Em outros casos as relações melhoraram progressivamente com o passar dos anos, a medida em que pais e irmãos começaram a aceitar melhor a homossexualidade do entrevistado. Mesmo assim, alguns sujeito relataram se sentirem distantes de suas famílias e que as relações que mantinham com estas eram de pouca intimidade.

É ótima, depois de muitos anos se passarem, de muitos embates. Mas hoje é outra estória. Minha mãe convida meu namorado para ficar na casa dela, não tem mais problema. Com minhas irmãs o relacionamento é muito bom, elas são todas amigas do meu companheiro, se dão muito bem. Meu irmão mora nos Estados Unidos e ele lida muito bem com isso, me apresenta amigos gays. **(Leonardo, 43 anos, agente de viagens)**

Eu tenho um irmão, hetero convicto, mas eu morei 5 anos em São Francisco com ele, e lá ele aceitava ou aceitava, não tinha como, e ele passou a aceitar. Antes disso ele tinha horror, ele dizia que eu era a vergonha da família, falava: “não sei como que meus pais aceitam”. Hoje ele aceita, acha tudo bem. **(Jaime, 30 anos, psicólogo)**

O discurso do entrevistado acima corrobora a teoria de Goffman ([1963] 1988) de que a tendência para a “difusão” do estigma da homossexualidade do indivíduo para as suas relações mais próximas é um dos motivos porque tais relações tendem a ser evitadas ou a terminar. De fato, tal como veremos a seguir, muitos sujeitos relataram a perda de relações familiares importantes após a assunção da homossexualidade.

A minha relação com a minha avó acabou. Nunca mais foi restabelecida. **(Fabiano, 36 anos, antropólogo)**

Tenho 2 irmãos que realmente não aceitam. Comigo tudo bem mas não querem nem saber do meu parceiro. **(Bruno, 50 anos, psicólogo)**

Em determinado momento eu cortei relação com a minha família por completo. Cortei porque a “bicha útil” era o que eles esperavam. Aquela coisa de “ele maquia tão bem, né? É tão engraçado! Tão sofisticado. Fala sobre tudo.” Então minha família hoje é quem? Retomei relação com a minha irmã que mora em Nova Iorque a partir do momento em que eu soube que a filha dela era lésbica. Com as outras pessoas eu não tenho a menor relação. Encontro em festas, momentos sociais, mas não procuro mais. Tenho uma relação paternal com um tio. Ele foi a única pessoa na minha família que nunca se mostrou envergonhado, nunca se mostrou reticente quanto à minha identidade. **(Gustavo, 43 anos, advogado)**

Eu me sinto muito longe deles. Eu tenho amigos que são muito mais família que a minha família de sangue. **(Sílvia, 46 anos, arquiteto)**

Os entrevistados acima também apontaram para um assunto que é bastante discutido entre a comunidade homossexual, isto é, o significado da “família eleita” (Rucker e cols., 1996; Kates, 1998). Como vimos nos capítulos anteriores, enquanto as famílias de outras minorias sociais oferecem apoio a seus membros, os homossexuais são rejeitados por aqueles indivíduos que os criaram. Desta forma, quando os gays conseguem fazer amizades ou estabelecer laços afetivos com algum membro não-preconceituoso da família, estes relacionamentos com frequência se tornam íntimos e centrais para o bem-estar psíquico do sujeito. Para muitos homossexuais que foram expulsos de casa por seus parentes, a família biológica perde seu grau de importância e é substituída pela “família eleita”, composta por indivíduos com os quais o sujeito tem um vínculo afetivo especial, independente de compartilharem laços sanguíneos ou jurídicos.

Preconceito

Todos os entrevistados, sem exceção, acreditam que o preconceito contra homossexuais ainda é muito grande no Brasil, não obstante este ter melhorado nos últimos anos, sobretudo devido a uma maior exposição do tema da homossexualidade na mídia. De acordo com estes sujeitos, o preconceito seria maior em cidades pequenas ou em subúrbios, ao passo em que a zona sul carioca apresentaria uma falsa aparência de liberalidade, pois ainda restringe os padrões de comportamento dos homossexuais quando comparados ao resto da população.

Principalmente na zona sul do Rio de Janeiro existe uma falsa aparência de liberalidade, uma certa liberação em relação aos relacionamentos gays, mas eu acho que não é bem verdade, ainda existe muito preconceito. É que nem falar de preconceito racial, aquela coisa que “no Brasil não existe preconceito racial”, o que é uma mentira. **(Thiago, 38 anos, designer)**

As vezes eu fico pensando se mudou para melhor ou se só mudou o tipo de vida que as pessoas levam e a gente se encaixou nessa coisa do gueto. **(Inácio, 38 anos, diretor de Centro Cultural)**

Aos gays foi nos dado mais espaço na marra. Sempre foi assim. É tudo muito difícil, e no Brasil não é diferente, a gente teve que lutar muito. Então aceitou-se porque “já que não tem jeito vamos deixar eles no gueto”. Aceitou-se em parte, mas desde que o gay seja estéril. Você pode ser gay desde que você não procrie. Família gay? União civil? Nem pensar! **(Jaime, 30 anos, psicólogo)**

Perguntados sobre aonde este preconceito ficava mais evidente, diversos sujeitos mencionaram a falta de determinados direitos legais, as constantes agressões a homossexuais por parte de jovens preconceituosos, e a quase impossibilidade de realizar demonstrações físicas de afeto em público (tal como abraçar, dar a mão, fazer um carinho, olhar com cumplicidade ou dar um beijo sutil), comportamentos que casais heterossexuais exibem com naturalidade.

Por que quando você está na praia ou num restaurante com seu namorado você não pode andar de mão dada com ele nem dar um beijo na hora que você quiser? Isso acaba com a pessoa. A gente não pode nem fazer um gesto de demonstração de carinho. Por isso é que a gente procura os lugares que são do gueto. **(Márcio, 55 anos, advogado aposentado)**

Mais adiante no seu discurso, este mesmo entrevistado relata que na nossa sociedade a homossexualidade se torna uma característica central da identidade do sujeito, sendo apontada constantemente em situações aonde ela não é de modo algum relevante.

Por que as pessoas nos vêem como pessoas diferentes? Da mesma forma que você não fala “o Presidente Lula, heterossexual, 60 anos”, por que que tem que ter “fulano de tal, homossexual, tantos anos”? É igual quando tem assassinato. O cara é assassinado e sempre botam uma vírgula e a palavra “homossexual” depois. Do heterossexual não falam isso. As pessoas têm que entender que opção sexual não tem nada a ver com seu estilo, com ser gente boa ou má, inteligente ou burra. **(Márcio, 55 anos, advogado aposentado)**

Indagados sobre as causas do preconceito contra homossexuais, alguns sujeitos citaram a influência da Igreja Católica e, sobretudo, a falta de informação

sobre sexualidade de uma maneira geral, o que faria com que muitos heterossexuais (sobretudo homens) sentissem medo na presença de gays e lésbicas. Fiske (1998) corrobora estes dados quando diz que a idéia, corrente entre a população geral, de que o preconceito é causado por ignorância, tem sido estudada desde 1930. Um dos entrevistados apontou, neste sentido, para a importância da disseminação de informações corretas sobre homossexualidade, assim como do estabelecimento de um contato positivo entre heterossexuais e homossexuais para a diminuição do preconceito, tema abordado anteriormente (Staub, 1989).

Preconceito existe, principalmente por conta da Igreja, da sociedade. Eu acho que a grande coisa do preconceito, principalmente no Brasil, é por causa da ignorância das pessoas. O Brasil é um país que não tem muita cultura, não dá educação para as pessoas, e as pessoas acham que gay é ralé. **(Jorge, 45 anos, empresário)**

Existe muita falta de informação a respeito de homossexualidade. Por isso que eu digo que eu faço um trabalho meio de conscientização das pessoas porque eu sou aceito em determinados grupos e as pessoas me perguntam coisas que nunca tiveram coragem de perguntar para outro cara que fosse gay. As pessoas têm uma visão péssima, então o preconceito vira uma falta de informação, como todo e qualquer preconceito, né? Quando se fala em gay aparece um monte de *drag queen* ou homens de chicote com roupinha de couro. Então quando a mãe descobre que o filho é gay pensa que ele vai se vestir de mulher ou andar por aí com um chicote na mão. É uma coisa muito doida porque as pessoas perguntam se você gosta de se vestir de mulher e eu respondo: “não, não fico bem de saia...” *(risos)* **(Sílvia, 46 anos, arquiteto)**

Além das causas citadas acima, grande parte dos entrevistados mencionou que o preconceito contra os homossexuais aumenta à medida em que a visibilidade deste grupo social fica maior. Em outras palavras, a visibilidade não constitui, em si mesma, um gesto de liberação ou aceitação social, assim como a familiaridade não reduz, necessariamente, o menosprezo. Estes dados são corroborados por Badinter (1992), que aponta para o fato de que, historicamente, quanto mais os homossexuais se tornaram visíveis, mais se defrontaram com novos tipos de hostilidade.

O preconceito é maior porque a gente está mais visível, a gente não se submete mais a muita coisa e isso cria uma resistência. A gente tem uma agenda, faz pleitos, somos seres políticos, buscamos nos afirmar cada vez mais e o preconceito acaba se exercendo a partir daí. O preconceito é cada vez mais forte porque a gente tenta combater isso tudo. **(Gustavo, 43 anos, advogado)**

Eu poderia dizer que está avançando, melhorando, e isso tudo é verdade, mas a reação contra também é maior. Na medida em que os gays ocupam um espaço maior, se tornam mais visíveis, o movimento anti-gay também se ressentido e reage mais violentamente. Então se de fato existe hoje um maior espaço e menos preconceito, é mais discutido, existem mais modelos para que os jovens possam se identificar, e isso é uma coisa muito positiva, por outro lado as reações são mais violentas e o embate é maior. Então o movimento anti-gay é mais organizado e mais forte hoje do que era há mais tempo atrás. **(Leonardo, 43 anos, agente de viagens)**

Apesar de concordarmos com os comentários acima, também acreditamos que o preconceito contra homossexuais tenha, de fato, se transformado em o que podemos chamar de *preconceito moderno*, ao mesmo tempo indireto, sutil e complexo e por esta mesma razão ainda mais insidioso (Aberson, 2003; Dovidio & Gaertner, 1986). Segundo estes autores, o preconceito moderno (também chamado de racismo moderno) pode ser explicado da seguinte forma: sentindo-se pressionadas por normas sociais mais liberais e tolerantes, algumas pessoas abrandariam seus comportamentos discriminatórios, mantendo internamente os mesmos preconceitos de outrora. Desta forma, a sociedade pareceria ter se tornado menos discriminatória, mas a partir do momento em que estas mesmas pessoas se sentem livres para expressar seus sentimentos, o preconceito volta a níveis elevados.

Uma pesquisa realizada no Brasil por Camino e cols. (2001) revelou dados semelhantes, sugerindo que as leis anti-discriminação fazem com que as pessoas inibam expressões claras de preconceito, mas conservem, ao mesmo tempo, disposições negativas internas contra membros de determinados grupos sociais. Apesar da citação abaixo referir-se à discriminação contra negros, a consideramos bastante elucidativa da forma como o preconceito moderno opera na nossa sociedade de um modo geral.

A força de uma norma social anti-racista leva as pessoas a evitar assumir atitudes pessoais preconceituosas, mas essa norma não lhes impede de ver que no Brasil continua-se a discriminar as pessoas de cor negra. Nesta situação contraditória, existe discriminação, mas ninguém é responsável por ela. (Camino e cols. 2001: 31)

Por outro lado, indivíduos que adotam o preconceito moderno utilizam explicações alternativas, e supostamente racionais, para discriminar abertamente. Assim podem dizer, por exemplo, que não contrataram um homossexual “porque

ele não tinha o perfil adequado para o emprego”. Assim, dada a natureza deste novo tipo de preconceito, Augoustinos e Walker (1995) sugerem que ele seja estudado indiretamente, tentando buscar as discrepâncias entre o que as pessoas *dizem* e o que elas *fazem*.

Acho que quem tem preconceito ainda fica com vergonha, então não manifesta muito. Hoje em dia a homossexualidade é um fenômeno tão difundido e tão assumido que todo mundo tem amigos homossexuais, parentes, ou colegas de trabalho. Então o exercício do preconceito ficou uma coisa meio ingrata hoje em dia. **(Otávio, 44 anos, professor)**

Em outras palavras, visto que expressar preconceito é entendido como socialmente indesejável, muitas pessoas aparentam seguir normas tolerantes (tais como adotar um comportamento “politicamente correto”) sem tê-las internalizado (Crocker e cols., 1998). De acordo com estes autores, no entanto, o fato do preconceito moderno ter surgido nos últimos anos não significa que formas mais tradicionais de discriminação e intolerância deixaram de ser adotadas por determinados indivíduos, de maneira aberta e consciente.

As categorias sobre estereótipos e estigmatização dos homossexuais foram agrupadas por apresentarem uma série de semelhanças. Em primeiro lugar, podemos dizer que a maioria dos entrevistados postulou que os estereótipos mais comuns com relação aos homossexuais são de que estes são “doentes”, “pecadores”, “pervertidos”, “promíscuos”, “efeminados” e “irresponsáveis”. Estereótipos semelhantes também foram encontrados por Simon (1998) e Wolfe (1998). Para estes sujeitos, determinados conceitos desenvolvidos pela medicina a partir do século XIX (tal como vimos no primeiro capítulo deste trabalho), assim como a postura oficial da Igreja Católica com relação à homossexualidade, são os principais responsáveis pela estigmatização dos homossexuais na nossa sociedade.

A partir de um determinado momento histórico essa divisão das sexualidades passou a ser valorada socialmente, politicamente, culturalmente, economicamente. E aí veio a medicina no século XVIII-XIX legitimar cientificamente isso, dizer que era uma doença, uma anomalia, uma aberração sexual. Tem essa tradição médica até os dias de hoje. A religião também ajudou a estigmatizar bastante e continua estigmatizando. **(Gabriel, 49 anos, psicólogo)**

Principalmente na nossa sociedade, aonde a gente tem uma cultura judaico-cristã do pecado, da culpa. Então a gente tem no Levítico: “se deitar com outro homem na cama é abominável”. Eu acho que tem essa questão religiosa, e também tem a questão que a própria medicina levou para o lado da patologia, da

anormalidade. Isso ficou muito entranhado na nossa cultura. **(Felipe, 52 anos, psicólogo)**

Certamente uma compreensão má, ao meu ver, da moral religiosa. A Igreja se manifesta explicitamente contra a homossexualidade, aquela coisa de “devemos amar o pecador, mas abominar o pecado”. Segundo essa visão a homossexualidade é um desvio, um pecado, um erro, e os homossexuais devem ser apoiados, amados, auxiliados, no sentido religioso do termo, mas devem se abster de práticas sexuais homossexuais. E acho que também tem um preconceito social na medida em que os homossexuais, pelo menos aqueles que têm uma vivência estritamente homossexual, não se reproduzem biologicamente. **(Otávio, 44 anos, professor)**

Os discursos acima apontam para o tema desenvolvido por Haddock e Zanna (1998) de que nossa cognição sobre os homossexuais não se baseia apenas em estereótipos, mas crenças abstratas (tais como sistemas de valores) também são um elemento fundamental na atitude preconceituosa. Em outras palavras, muitas pessoas teriam preconceitos contra homossexuais por acreditarem que este grupo possui um sistema de valores diferente (ou oposto) ao da cultura dominante. O estereótipo de que os homossexuais seriam promíscuos e incapazes de se relacionarem afetivamente também foi mencionado por diversos entrevistados.

O grande problema é que a maioria das pessoas vêem uma relação entre dois homens e perguntam: “mas vocês se beijam na boca? Tem amor mesmo ou é só sexo?”. As pessoas acham que um olha para o outro, traça uma reta e trepa. **(Sílvio, 46 anos, arquiteto)**

No aspecto sexual existe um estigma de que o gay é uma pessoa que tem prazer exacerbado, faz coisas do outro mundo. Existe um estigma de que os gays têm um pozinho, uma essência diferente, para alcançar o orgasmo. Ou então que é muito depravado, que não tem limite para a questão sexual. Vê o gay como um liberado ou como um enlouquecido sexualmente. **(Alexandre, 45 anos, administrador)**

Dos sujeitos que apontaram a promiscuidade como um estereótipo, muitos acreditam que os próprios homossexuais são responsáveis por sua perpetuação.

Tem uma coisa dentro das paradas gays, que tem um caráter extremamente sexual, explícito, que eu acho totalmente desnecessário. Acho que tem coisas que você pode se reservar um pouco mais. Andar na rua de mão dada, dar beijo, beleza, tranqüilo. Mas você não precisa sair por aí mostrando bundas e paus e coisas e tal, né? Baixaria é baixaria, independente de ser gay ou não. **(Thiago, 38 anos, designer)**

A atitude de alguns gays publicamente com relação ao sexo faz com que as pessoas tenham ainda mais preconceito. Por exemplo, eu vi num dia na Banda

de Ipanema, em um trio elétrico, um bando de garotos de programa, michês, travestis ou gays afetados lá sambando e se roçando. Aí começaram a abaixar a sunga e mostrar os pelos e o outro já pegava por trás metia a mão dentro da sunga e começava a masturbar. Na frente de todo mundo! Me deu um nojo aquela cena. Parecia que eu estava vendo um filme Calígula. Era a visão do inferno. E aí eu, que sou uma pessoa que creio em Deus, não tenho como não associar isso a uma coisa do diabo, a pensar que aquilo é uma coisa baixa, deprimente. As pessoas vão olhar e pensar: “olha lá o viado, a bichona. É isso que eles fazem”. **(Pedro, 33 anos, publicitário)**

Outros entrevistados também acreditam que os próprios gays contribuem para a sua estigmatização, mas em um sentido oposto: gays que não se assumem ou tentam parecer heterossexuais se tornam motivo de escárnio e chacota.

O que mais estigmatiza os gays é não assumir. **(Fabiano, 36 anos, antropólogo)**

É achar que não são gays e querer fazer papel de hetero. **(Bruno, 50 anos, psicólogo)**

De acordo com alguns entrevistados, os meios de comunicação de massa também possuiriam um papel preponderante no que se refere à perpetuação de estereótipos negativos com relação à homossexualidade. Estes dados são corroborados por diversos autores (Bowes, 1996; Gross, 1996; Wardlow, 1996), que mencionam que os homossexuais têm sido praticamente invisíveis na mídia, exceto quando são mostrados como vítimas (de violência ou ridículo) ou vilões. Kushner (1997) lembra, por sua vez, que quase não existem imagens de homossexuais bem-sucedidos, felizes ou levando uma vida familiar “comum”.

Tem tanta diversidade sexual no mundo gay que isso deveria ser mais usado pela mídia. Mas dois homens que namoram ou um casal gay normal não dá ibope. A mídia vai em cima do que é engraçado, daqueles gays padrões, que desmunhecam. **(Sílvia, 46 anos, arquiteto)**

Eu acho que a televisão estigmatiza os gays. É muito raro a televisão colocar o gay como uma coisa natural, geralmente ele é tratado de uma forma caricatural. É uma coisa ruim isso que a televisão mostra porque o público geralmente julga pelo o que ele vê. **(Jorge, 45 anos, empresário)**

Eu acho que tem que botar a questão da homossexualidade como normalidade, mostrar que gay não tem cara. **(Bruno, 50 anos, psicólogo)**

Os estereótipos presentes na mídia também parecem afetar sobremaneira a aquisição de uma identidade homossexual positiva, tal como foi observado em Nunan (2001), e exemplificado pelo entrevistado abaixo.

Naquela época era muito diferente do que é hoje, então o que você via de homossexual era travesti, ou então a Rogéria que aparecia no Carnaval. E eu pensava: “mas eu não sou isso, não é isso o que eu quero”. Era um sofrimento muito grande porque eu não queria ser mulher. (**Márcio, 55 anos, advogado aposentado**)

Imagens caricaturais veiculadas com o intuito de alavancar índices de audiência de programas humorísticos ou sensacionalistas com frequência dificultam a aquisição de uma identidade gay positiva, pois os sujeitos não se reconhecem nelas. Desta forma, vários de nossos entrevistados utilizaram a expressão “mas eu não sou assim!” quando se deram conta, pela primeira vez, que eram homossexuais.

Na adolescência foi complicado porque eu morava no interior do estado, numa cidade pequena, e as informações que a gente tinha do que era ser gay eram muitos deturpadas. E durante um tempo foi uma coisa complicada para mim porque eu tive uma criação católica e eu tive que buscar dentro de mim mesmo algumas respostas, alguns caminhos, para fazer isso. Porque desde criança eu ouvia que gay era uma pessoa que queria ser mulher, e eu não tinha nada daquilo. Não queria ser mulher, não tinha vontade de me vestir de mulher, eu tinha atração por homens. Então eu comecei a achar que eu era um gay fora dos padrões, uma deturpação do próprio gay. (**Sílvio, 46 anos, arquiteto**)

Este tema é corroborado por Goffman ([1963] 1988), que o resume no seguinte trecho:

... quando o indivíduo compreende pela primeira vez quem são aqueles que de agora em diante ele deve aceitar como seus iguais, ele sentirá, pelo menos, uma certa ambivalência porque estes não só serão pessoas nitidamente estigmatizadas e, portanto, diferentes da pessoa normal que ele acredita ser, mas também poderão ter outros atributos que, segundo a sua opinião, dificilmente podem ser associados ao seu caso. (Goffman, [1963] 1988: 46)

Para alguns sujeitos estes estereótipos negativos foram tão fortemente internalizados que este fenômeno gerou neles um medo significativo com relação à atividade sexual entre pessoas do mesmo sexo.

Foram dois medos que me acompanharam ao longo da infância e da adolescência. Primeiro: “a pessoa que dava o cu gastava o cu e colocava um cu de

platina” e segundo: “todo homossexual acaba sendo assassinado”. Então a partir disso eu passei a dar muito pouco e sempre busquei homens menores que eu, porque pelo menos eu não correria o risco. **(Gustavo, 43 anos, advogado)**

Com relação à discriminação, o componente comportamental do preconceito, quase todos os entrevistados relataram tê-la sofrido em maior ou menor grau em algum momento de suas vidas, apesar de nem todos terem fornecido exemplos específicos de discriminação.

Sofri discriminação a vida toda. A minha luta é pela sobrevivência. **(Gustavo, 43 anos, advogado)**

O tipo de discriminação mais relatado foi a verbal, isto é, ouvir piadas ou xingamentos, sobretudo por parte de estranhos na rua. Estes dados são corroborados pelos estudos de Berrill (1992), pelo *Censo GLS* (2005) e por Carrara e Ramos (2005). Devemos ressaltar o fato de que comentários desrespeitosos, ainda que não estejam dirigidos ao indivíduo em particular, tendem a afetar sua identidade sexual como um todo.

Nós temos amigos que são mais afetados na voz, no gestual, ou na forma de se vestir. Algumas vezes quando a gente saiu com eles na rua a gente já ouviu: “Aí bichona! Mariquinha!”. **(Pedro, 33 anos, publicitário)**

Um dia andando em Copacabana um homem, um babaca qualquer, chegou para mim e disse: “viadinho”. Falando de maneira agressiva, para me depreciar, me desqualificar mesmo. Eu fiquei puto da vida. Não porque ele me chamou de viadinho, mas pelo o que significava ser “viadinho”. Eu peguei ele pelo pescoço e falei: “viadinho é o caralho. Viadão! Viadinho não. Viadinho é merda. Eu sou viadão”. **(Gustavo, 43 anos, advogado)**

Assim como o entrevistado acima, outros 2 sujeitos reagiram a situações de discriminação: um foi discriminado dentro do ambiente universitário mas lutou por seus objetivos e os alcançou, enquanto o outro foi discriminado pela polícia, tal como veremos abaixo.

Uma vez eu estava namorado na praia e a polícia veio, foi uma grande questão, saiu até nos jornais, eu tinha uns 20 anos. **(Leonardo, 43 anos, agente de viagens)**

Não obstante os entrevistados acima terem reagido, Fiske (1998) postula que mesmo após detectar discriminação, a maioria dos sujeitos desiste de reagir

ou de tocar no assunto, dado os elevados custos sociais de acusar alguém de preconceito. Com frequência, a vítima não conta sobre o ocorrido a ninguém, e geralmente não faz nada a respeito. Tolerar o preconceito ou negá-lo, parecem ser as respostas mais comuns, seguidas de tentativas de solucionar o problema através da busca de apoio social ou evitando/apaziguando o agressor. Fazer reclamações públicas (no caso de instituições) ou confrontar o agressor são extremamente incomuns, sobretudo devido aos custos sociais e organizacionais de adotar este tipo de atitude.

Alguns entrevistados relataram terem sido discriminados por vizinhos ou por indivíduos que se negaram a alugar um imóvel para um casal de homossexuais.

A gente era amigo de um casal de vizinhos e de repente houve uma confusão e eles brigaram com a gente. Aí um dia eu dei uma festa e como eles eram vizinhos de porta resolveram encher o saco, deu confusão, polícia. E aí eles usaram esse argumento de que nós éramos gays, que estávamos denegrindo o ambiente do prédio. Foi horrível. Não aconteceu nada, muito pelo contrário, as pessoas ficaram todas do nosso lado e contra o casal. Quer dizer, no fundo, o casal tinha preconceito sim, porque se mostravam tão amigos nossos mas na hora que aconteceu uma coisa eles usaram esse preconceito deles. **(Márcio, 55 anos, advogado aposentado)**

Liguei para ver um apartamento porque a gente estava atrás de apartamento para alugar. Falei com uma senhora. O apartamento era maravilhoso e falei que ia passar lá com meu amigo. Aí ela disse: “mas são dois rapazes? Eu queria alugar para um casal.”. Mas nós éramos um casal! Como era uma senhora eu falei: “olha, não vou perder seu tempo, não vou perder meu tempo, deixa para lá”. O pior foi que a gente estava indo numa conversa muito séria, mas quando eu falei do amigo ela mudou. **(Alexandre, 45 anos, administrador)**

Indagado sobre o motivo pelo qual eles achavam que homossexuais eram discriminados ao alugar imóveis um dos entrevistados respondeu:

Determinadas pessoas não alugam apartamentos para gays, porque acham que gay normalmente gosta de dar festa, fazer bagunça, de levar gente para casa e é perigoso. Isso é um estereótipo, né? Porque não é todo mundo que é assim. Pode alugar para um casal hetero ou para dois garotos que vão fazer muito mais bagunça do que dois caras gays. **(Márcio, 55 anos, advogado aposentado)**

Tipos de discriminação mais graves foram encontrados em quatro categorias: discriminação por agentes de saúde mental, discriminação no ambiente de trabalho, discriminação na infância e/ou no ambiente escolar, e discriminação

cometida por familiares. Assim, um dos entrevistados relatou ter sido discriminado por uma psicóloga, não por ser homossexual, mas por ser HIV-positivo. De acordo com o sujeito, este fato marcou profundamente a sua vida, sobretudo porque o episódio ocorreu algumas semanas depois dele ter sido diagnosticado como portador do vírus da AIDS.

Eu fui me despedir dela como eu fazia sempre e ela me empurrou e disse: “não, eu fui picada de mosquito e eu não queria que você me beijasse”. Aquilo para mim foi a morte. Eu saí dali e fui caminhando chorando. Foi a primeira vez que eu tive a sensação de ser rejeitado e foi justamente pela minha analista. É claro que eu não voltei mais nela. Essa experiência me marcou muito porque além de ser no surgimento da doença, foi também na época em que se começou a associar a AIDS à homossexualidade, à promiscuidade. Então eu comecei a pensar: “eu sou um cara marcado para o resto da vida”. Fora o medo intenso de morrer. A sensação que eu tinha é que eu vivia 24 horas com um revólver na minha cabeça. **(Felipe, 52 anos, psicólogo)**

Segundo dados levantados por Carrara e Ramos (2005), 11% dos homossexuais são discriminados na área da saúde, quanto que outros 12% o são no ambiente de trabalho, tal como veremos nos depoimentos a seguir. O entrevistado abaixo, por exemplo, que é psicólogo, sofreu discriminação por um outro agente de saúde mental.

Eu trabalhei durante alguns anos numa equipe de acompanhamento psiquiátrico e lá a gente trabalhava com um determinado psiquiatra que era quem encaminhava os pacientes dele para o acompanhamento. Eu trabalhei com colegas no caso de um paciente que foi encaminhado por ele, o caso foi muito bem-sucedido e tal. Depois, nos próximos encaminhamentos de pacientes dele, eu não era solicitado a entrar. Eu comecei a questionar isso e uma colega falou que esse psiquiatra tinha me achado muito feminino para entrar nos casos. **(Gabriel, 49 anos, psicólogo)**

Discriminações em processos seletivos para empregos foram mencionadas por 2 entrevistados.

Eu já vi pessoas que chegaram para fazer entrevista lá na empresa que eram mulheres muito masculinas ou homens muito efeminados e que podiam ser os melhores candidatos, mas as pessoas não iam contratar eles por causa disso. Porque elas pensavam: “é demais, né? Vai sujar, vai manchar”. **(Pedro, 33 anos, publicitário)**

Me foi possibilitada uma oferta de trabalho em um hotel para trabalhar na portaria. Aí passei pelo processo de seleção, aquela coisa toda. Eu não ia de brinco, ia de cabelo arrumado, com uma roupa discreta. Apenas não queria deixar

que a minha sexualidade viesse à frente de qualquer outra imagem para as pessoas. Fui chamado para conversar com a pessoa responsável no hotel, fez vários testes comigo. Eu fui super ansioso. Dois dias depois a pessoa me ligou e disse que eu era sério demais... Tentei entender. Eu fiquei tão ansioso em não tentar transparecer que eu era homossexual que acabei transparecendo... Para mim foi um nó porque eu pensei: “não acertei na mão”. Aquela coisa do bolo que você faz todo dia. Pensei: “errei a mão, e agora?” Fiquei muito preocupado daí para frente. **(Gustavo, 43 anos, advogado)**

O evento descrito acima é um exemplo bastante claro do fenômeno que definimos anteriormente como *ameaça do estereótipo*, isto é, quando homossexuais, freqüentemente cientes dos rótulos imputados a seu grupo, desenvolvem um alto grau de apreensão em situações nas quais entram em contato com outros indivíduos, pois temem que seu comportamento espontâneo acabe por confirmar os estereótipos (Marx e cols., 1999). Para estes autores, a ameaça do estereótipo é uma pressão situacional que pode interferir na performance intelectual do sujeito, tal como vimos no depoimento anterior. Em um momento posterior de sua vida, após ter sido demitido de um outro emprego por ser homossexual, o sujeito acima relatou ter desistido de participar de quaisquer processos seletivos.

Foi uma questão muito difícil de lidar a partir de então porque eu não consigo fingir que não sou homossexual e isso vai ser muito claro em toda e qualquer entrevista à qual eu me submeter e eu vou acabar fracassando. Eu não fui selecionado, não consegui mais me empregar, e chegou um determinado momento em que eu também abri mão, “não quero me submeter mais a essa tortura. É uma questão de dignidade não me submeter a isso”. **(Gustavo, 43 anos, advogado)**

Outros sujeitos relataram que assumir a homossexualidade no ambiente de trabalho pode gerar conseqüências negativas, tais como a perda do emprego ou dificuldade de ascensão profissional.

Alguém sugeriu o nome de uma pessoa que tinha competência para ocupar um determinado cargo e eu me lembro que disseram “ele não pode ir porque ele é bicha”. Eu sabia que existia esse tipo de coisa e era muito engraçado porque falavam isso comigo, as pessoas não sabiam que eu era gay. Esse outro cara como era mais declarado, mais assumido, ele foi discriminado mesmo. Então eu acho que com medo disso eu me resguardei muito no trabalho. **(Márcio, 55 anos, advogado aposentado)**

Eu trabalhei 22 anos no estado e lá eu sofri toda sorte de preconceito. O preconceito das pessoas comigo era que eu tinha que me esconder, não podia me

mostrar, estar junto delas. O chefe da divisão me transferiu porque um colega que trabalhava comigo disse que não trabalhava com gay. Me transferiram quando eu estava de férias, o que não é nem legal. **(Bruno, 50 anos, psicólogo)**

Prosseguir numa carreira jurídica, adquirir a respeitabilidade do cargo, significa o enrustimento. A respeitabilidade é muito pequena quando um jurista é tido como homossexual e eu não quero ficar enrustido, eu não quero ir para um armário que eu nunca conheci. **(Gustavo, 43 anos, advogado)**

Estes dados confirmam aqueles levantados por diversos autores (Badgett & King, 1997; Deaux & LaFrance, 1998; Escoffier, 1997; Mays & Cochran, 2001). Primeiramente, os homossexuais parecem ter razão em achar que serão discriminados no emprego se as pessoas souberem de sua orientação sexual: de acordo com pesquisas citadas pelos autores acima, mais de 30% dos homossexuais já experienciaram algum tipo de discriminação laboral. Em pesquisas recentes realizadas na Inglaterra (Arabsheibani e cols., 2006), detectou-se que homens gays ganham 6% a menos que heterossexuais e possuem uma probabilidade 3% menor de estarem empregados. O assédio sexual no ambiente de trabalho também não pode ser minimizado e com frequência gays são sujeitos a ameaças, intimidação e violência física. Em segundo lugar, não assumir a homossexualidade também tem um enorme impacto na vida profissional dos sujeitos, que são obrigados a ouvir piadas preconceituosas, deixam de levar seus companheiros às festas da empresa ou evitam falar sobre férias e assuntos pessoais com colegas ou chefes. Na medida em que este tipo de socialização no ambiente de trabalho ajuda a fazer aliados, levando, em última instância, a oportunidades de emprego ou ascensão profissional, os gays saem perdendo. Vale ressaltar que indivíduos solteiros também não conseguem determinadas promoções. Em um aspecto semelhante, Day e Schoenrade (1997) mencionam que homossexuais não-assumidos no ambiente de trabalho apresentam menores índices de satisfação laboral quando comparados a heterossexuais ou gays assumidos. Encurralados entre duas alternativas igualmente ruins (visto que tanto revelar a homossexualidade como não fazê-lo possui conseqüências negativas), muitos gays ficam sem saber como agir. Rostosky e Riggle (2002), por sua vez, encontraram uma forte correlação entre preconceito internalizado e baixos índices de assunção da homossexualidade no ambiente de trabalho, mencionando, igualmente, que os sujeitos que tinham parceiros assumidos no emprego possuíam maiores probabilidades de se assumirem também.

Acreditamos que uma das formas através da qual os homossexuais respondem ao preconceito no ambiente de trabalho é limitando suas expectativas profissionais e, portanto, seu potencial salarial. Importante retomar aqui a idéia de que, por serem mais escolarizados que o resto da população (DeLozier & Rodrigue, 1996; Kahan & Mylryan, 1995), os homossexuais teriam empregos mais bem remunerados. Apesar de nossa amostra ser tendenciosa neste sentido (pois entrevistamos apenas gays de classe média, parcela da sociedade que tende a ser mais escolarizada), supomos, levando em consideração o alto grau de discriminação laboral experienciado pelos homossexuais, que estes sujeitos não possuem, necessariamente, empregos (e salários) condizentes com seu grau de escolaridade (Lukenbill, 1999). Por outro lado, a discriminação laboral é ainda mais grave se levarmos em consideração que ter um emprego estável e bem remunerado é fundamental para indivíduos que não podem contar com o apoio da família ou de determinadas proteções legais comuns a casais heterossexuais. Em outras palavras, os gays precisam ser extremamente independentes e planejar seu futuro com cuidado, pois sabem que provavelmente terão de manter-se sozinhos pelo resto de suas vidas.

O elevado grau de discriminação experienciada na infância, sobretudo no ambiente escolar, despertou nossa atenção pela recorrência com que apareceu no discurso dos entrevistados. Assim, de acordo com dados levantados por Carrara e Ramos (2005), 27% dos homossexuais sofrem discriminação em ambientes escolares ou universitários (tal como ocorreu com um dos nossos sujeitos, mencionado anteriormente).

Desde a primeira série até o segundo grau, eu passei por situações... Eu sempre fui um menino diferente dos outros porque eu não gostava de jogar futebol, eu não era uma pessoa muito sociável, de ter amigos. Na escola a socialização parte do futebol e se você não está ali... Eu era uma pessoa que era posta de lado. Eu sempre era o melhor aluno. As professoras, a diretora, paravam para me elogiar. Eu ganhava concursos, estava toda hora aparecendo em jornal, rádio, eu era muito visado. Então qual era a forma das pessoas me criticarem? “Ah, ele é isso tudo, mas é viado”. Eu recebia bilhetinhos: “E aí viadinho, como está seu dia hoje? Vai dar a bunda hoje?”. Crianças são muito cruéis. **(Pedro, 33 anos, publicitário)**

As pessoas me discriminavam, os inspetores consentiam na discriminação, na pilhéria, na chacota. Eu era chicoteado com palavras o dia inteiro. Ninguém falava nada. Ao contrário, as pessoas compactuavam, professores e membros da diretoria escolar. E aquilo me angustiava muito e

reforçava ainda mais a culpa por não ser igual aos outros. (**Gustavo, 43 anos, advogado**)

Apesar de não termos abordado, na nossa revisão bibliográfica, o tema da discriminação experienciada por homossexuais no ambiente escolar (visto que esta tese tem por objetivo investigar a vivência de indivíduos adultos), este assunto se mostrou de suma importância e acreditamos que ele precise ser estudado em trabalhos posteriores. De fato, o problema da discriminação escolar parece ser tão grave que alguns países criaram escolas especificamente voltadas para estudantes homossexuais, bissexuais e transgêneros. Uma destas, a *Harvey Milk High School*¹⁰⁰, é uma escola pública que opera desde 2003 na cidade de Nova Iorque. Criticada tanto por setores conservadores da sociedade (que acreditam que a iniciativa é desnecessária e desperdiça recursos do estado), quanto por alguns militantes homossexuais (que postulam que este tipo de estabelecimento só aumentará o preconceito), a escola parece ter sido um “mal necessário” em função dos riscos que um ambiente escolar tradicional pode oferecer a estudantes homossexuais.

Pesquisas conduzidas nos Estados Unidos (*Human Rights Watch*, 2001; Kosciw & Diaz, 2006; Plummer, 2001), por exemplo, indicam que estudantes homossexuais sofrem discriminação verbal diariamente, incluindo comentários preconceituosos, piadas, xingamentos e ostracismo por parte de outros alunos. Violência física e sexual também foram relatadas em diversos casos e, com frequência, os episódios de discriminação eram ignorados ou incentivados por professores ou funcionários da escola. Na pesquisa realizada por Kosciw e Diaz (2006), 64% dos estudantes relataram se sentir inseguros na escola devido à sua orientação sexual. Assim, não deve nos surpreender o fato de que muitos destes estudantes apresentem dificuldades acadêmicas, abandonem precocemente os estudos, limitem o estabelecimento de metas profissionais ou, em casos mais graves, se suicidem. Tal como abordamos anteriormente nesta tese, diversas pesquisas (D’Augelli e cols., 1998; McDaniel e cols., 2001; Nicholas & Howard, 1998; Paul e cols., 2002; Remafedi, 1994; Remafedi e cols., 1991) apontam para o elevado índice de suicídio entre adolescentes e jovens homossexuais.

¹⁰⁰ O nome da escola é uma homenagem a Harvey Milk, um político de São Francisco assassinado em 1978 por ser homossexual (Castells, [1996] 2002).

Um estudo realizado pela UNESCO no Brasil (Castro e cols., 2004) revelou dados bastante semelhantes aos encontrados nos Estados Unidos. De acordo com esta pesquisa, 25% dos alunos não gostaria de ter um colega homossexual, enquanto que 15% considera a homossexualidade uma doença.

A discriminação contra alunos que são ou que são considerados homossexuais por parte dos colegas ocorre principalmente de forma velada, por meio de referências preconceituosas. A recorrência à linguagem pejorativa é comum na violência contra homossexuais, com o intuito de humilhar, discriminar, ofender, ignorar, isolar, tyrannizar e ameaçar. (Castro e cols., 2004: 303)

Esta pesquisa revelou, igualmente, que a discriminação contra gays é abertamente assumida e valorizada por alunos (principalmente os do sexo masculino) e que, na maioria dos casos, os professores banalizam, silenciam ou colaboram ativamente com a discriminação. De acordo com os autores, esta situação resulta no abandono da escola e em um baixo sentimento de pertencimento ao ambiente escolar.

Os relatos de discriminação durante a infância e adolescência, de um modo geral, também foram bastante significativos nas nossas entrevistas.

No momento em que a gente mais sofre é na infância. Isso é muito grave e ninguém pensa na infância. Eu era muito cobrado de ter que gostar de futebol, nessa coisa da identidade masculina que é imposta. **(Leonardo, 43 anos, agente de viagens)**

No meu prédio tinha várias crianças, playground, campo de futebol, etc.. Eu era sempre excluído de tudo, quase nunca era convidado para as festas no prédio. (...) Tinha uma determinada vizinha que tinha dois filhos e eu me dava muito bem com eles, e em um aniversário de uma das crianças ela fez uma festa grande em casa e convidou todo mundo, menos a mim. Mas criança não se sente constrangida porque não recebeu um convite formal, eu era amigo das crianças, freqüentava a casa, e fui. Chegando lá ela me viu, ficou incomodada, me chamou num canto e disse: “você não foi convidado, vá embora”. Eu fui embora. Sofri muito com aquilo porque eu pensei: “meu Deus do céu ela não gosta de mim porque eu sou fresco”. Era muito uma palavra que se usava, “florzinha”, “mocinha”, “mulherzinha”. Eu com 8 anos era uma criança inocente e me botar para fora de casa foi uma coisa inesquecível. **(Gustavo, 43 anos, advogado)**

Com 11-12 anos eu sofria muito isso, me chamavam de “mulherzinha”, “mariquinha”, e eu não me sentia assim. Era uma coisa muito difícil para mim porque eu não entendia bem por que eu tinha esse estereótipo. Essa fase foi muito difícil porque criança e adolescente é muito mau, eles não têm muita piedade nesse sentido. **(Márcio, 55 anos, advogado aposentado)**

Diversos entrevistados mencionaram não terem amigos de infância parecidos com eles nos quais pudessem se espelhar.

No colégio de padres onde estudei, eu nunca conheci nenhum homossexual, ninguém que demonstrasse qualquer semelhança de atitude, comportamento ou compreensão do mundo parecida com a minha. Em toda a minha vida na escola eu nunca consegui encontrar um amigo, alguém que eu pudesse compartilhar, ou pelo menos me sentir menos ameaçado por ser percebido mais doce. Eu fui me fechando cada vez mais. Um belo dia, muitos anos depois, eu encontrei com uma pessoa que estudou comigo lá e começamos a conversar sobre as pessoas e ele disse: “ah, fulana é lésbica”, o outro morreu de AIDS, era gay, não sei o quê. Quer dizer, que coisa complicada, né? O quão ameaçador nós homossexuais somos à existência de outras pessoas. Enquanto identidade, entendeu? Porque hoje olhando retrospectivamente é impossível que em um universo de tantos alunos só eu fosse gay. **(Gustavo, 43 anos, advogado)**

Dois entrevistados terem relatado espontaneamente experiências sexuais infantis traumáticas, incluindo abuso sexual.

Meu pai é de uma cidade pequena no interior do estado. Ali eu comecei a minha vida sexual. Ali eu fui servido, literalmente, aos rapazes, aos meus primos, inicialmente. Eu fui sucessivamente penetrado por primos... me levavam para o murão e lá tinham 15 para me comer, todos grandes. O sofrimento da penetração é horrível, é uma coisa que até hoje me acompanha. E ali eu desenvolvi as primeiras emoções por pessoas do mesmo sexo. Eu desenvolvi carinho e amor por quem abusava de mim sexualmente. **(Gustavo, 43 anos, advogado)**

Teve um fato que aconteceu comigo quando eu tinha 11 ou 12 anos. Tinha um freguês no bar do meu pai e era um cara que eu tinha um super contato, era uma pessoa que eu gostava de conversar. Um dia... Tinha uma parte que era o depósito e lá tinha um banheiro para os fregueses. E as vezes eu ia lá para levar as caixas de refrigerante e cerveja. Aí eu entrei com uma caixa para colocar e no que eu entrei ele estava no banheiro e me chamou. Fez assim: “psiu, vem cá”. Eu pensei que era alguma coisa, estava entupido e tal, mas ele veio mostrar o pau para mim. Ele estava me chamando para eu chupar ou segurar, sei lá. Aquilo me deu uma facada, me machucou muito, eu me senti traído. **(Pedro, 33 anos, publicitário)**

Para este sujeito, a experiência acima fez com que ele desde criança começasse a associar “masculinidade” com “promiscuidade”, associação esta que, segundo ele, teve repercussões importantes em sua vida sexual adulta.

Assim como apontado por Carrara e Ramos (2005), o preconceito por parte da família também apareceu em uma série de entrevistas, sugerindo que, em muitos casos, a aceitação familiar era condicional. Em outras palavras, podemos

dizer que o homossexual era tolerado desde que ele não expusesse sua orientação sexual ou seus relacionamentos amorosos.

Eu já ouvi de algumas pessoas, inclusive do meu irmão, a explicitação de que eles têm preconceito. Eu tenho, por exemplo, uma cunhada, que é psicóloga, e certa vez em um almoço de família surgiu o assunto da homossexualidade e ela disse: “eu sou psicóloga, estudei todas as teorias sobre homossexualidade, eu entendo, mas eu não aceito”. Para mim entrou por um ouvido e saiu pelo outro. **(Otávio, 44 anos, professor)**

Eu namorei um rapaz durante muitos anos, nós terminamos, ficamos amigos e a família dele não era daqui e no Natal ele não tinha nenhum lugar para passar. Aí eu perguntei para o meu irmão se eu podia levar ele para passar o Natal com a gente e o meu irmão falou: “Ah, Natal é uma coisa só para a família”. Eu encarei aquilo como uma coisa de preconceito, de discriminação. Poxa, Natal, né? Natal é para celebrar o amor, a amizade, os afetos, de reunir as pessoas. Ele colocar essa restrição... **(Gabriel, 49 anos, psicólogo)**

Eu sempre me esforçava para ser tolerado. Era uma esforço muito grande, mas eu percebia que essa tolerância era sempre passível de ser revogada a qualquer instante. Então, por exemplo, era assim: vamos todos a uma festa? Mas a recomendação era sempre “se comporte, não fale fino, não desmunheque”. E isso me irritava, porque eu percebia muito claramente que eu tinha sempre uma função utilitária. Eu servia enquanto bicha para maquiagem as primas, para dar uma orientação na roupa... Enfim, coisas típicas que se espera de uma bicha. Mas quando eu ultrapassasse essa barreira, eu era rejeitado. Isso eram coisas que sempre me traziam a tona o seguinte: você serve para dar dica de maquiagem, dica de roupa, para fazer favores, mas jamais para ser quem você é. (...) Hoje, graças a Deus, eu consegui me liberar dessa coisa de eu querer me esforçar para agradar. E ser atencioso, ser gentil, era uma forma de compensação. **(Gustavo, 43 anos, advogado)**

De fato, tal como postulado por diversos autores (Crocker e cols., 1998; Gonsiorek, 1988; Malyon, 1982; Pharr, 1988), a estratégia de *supercompensação* é freqüentemente utilizada por indivíduos com preconceito internalizado. Neste sentido, os homossexuais tentariam superar o preconceito comportando-se de maneiras extremamente positivas e buscando sempre atingir um nível cultural ou econômico superior ao da maior parte da população. Podemos mencionar, assim, que nas interações entre gays e heterossexuais, o homossexual suportaria o peso de ter que convencer o outro de que ele é merecedor de amor e de respeito, tanto quanto qualquer outra pessoa (Frable e cols., 1990).

O profundo e subjacente medo de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros é que no centro do seu ser eles são irreparavelmente defeituosos e inaceitáveis para a sociedade, para suas famílias, e para eles mesmos. Com isto pode advir a crença de que não importa o quão bem sucedidos eles sejam em

outros aspectos das suas vidas, quão brilhantes ou famosos - no fundo, eles não prestam. (Finnegan & McNally, 2002: 96; tradução nossa)

Este tema também foi abordado pelos entrevistados abaixo:

Para a gente ser gay, se assumir, encarar uma situação como essa, a gente tem que ser o melhor em tudo. Eu sempre fui o melhor aluno da minha turma. Eu estudava muito porque eu já sou gay, então eu tenho que ser muito bom naquilo. No meu trabalho eu tinha que ser o melhor, ia muito, estudava muito. Você tinha que se destacar de alguma forma. “Fulano é gay, mas é tão competente!” Aquela coisa de “é bicha, mas tem isso aqui”. **(Alexandre, 45 anos, administrador)**

As pessoas que são gays, talvez pelo fato de serem gays, são mais eficientes, se cobram mais, se capacitam mais. Talvez para tentar provar, já que eu vou ter que enfrentar o preconceito, eu vou ter que ser bom nisso, tenho que ser o melhor, como se fosse um contrapeso. **(Pedro, 33 anos, publicitário)**

Expressões do tipo “ele é gay *mas* é legal” servem apenas para reforçar os estereótipos iniciais sob uma aparência de suposta aceitação do indivíduo homossexual que foge à regra. Este fenômeno é explicado por Fiske (1998) e Myers (2000) que afirmam que a maioria das pessoas é capaz de identificar informações que contradigam um determinado estereótipo. No entanto, quando estas exceções se concentram apenas em alguns homossexuais “atípicos”, o sujeito pode manter o estereótipo antigo dividindo-o em uma nova categoria chamada subtipo. Em outras palavras, a criação de um subgrupo do estereótipo ajudaria a manter o estereótipo geral, justificando e perpetuando o *status quo* de discriminação.

Um tema que chamou nossa atenção foi a relação de alguns entrevistados com suas mães, relação esta que, segundo eles próprios, marcou profundamente suas identidades e auto-estima devido aos fortes elementos de preconceito existentes. Em primeiro lugar um dos sujeitos acredita que a desconfiança de sua mãe com relação às mulheres é uma das explicações para o fato dele ser homossexual.

Eu lembro que quando eu era criança minha mãe dizia com grande ênfase: “as meninas não são confiáveis, as meninas são fofoqueiras, traidoras; a gente não deve confiar nas meninas. Os meninos são muito mais sinceros, mais abertos”. Isso ficou inculcado em mim, então eu acho que eu nunca confiei que eu pudesse receber das mulheres amor, carinho. **(Otávio, 44 anos, professor)**

Alguns indivíduos foram constantemente alertados por suas mães com relação a abusos sexuais por parte de outros homens. O primeiro entrevistado relatou sofrer muito por causa do olhar persecutório da mãe e da vigilância exercida por esta sobre sua sexualidade, enquanto o segundo mencionou ter aprendido desde cedo que ter prazer anal era algo proibido.

No primeiro ano da escola eu chego em casa e minha mãe me previne contra abusos de padres em escolas masculinas e resolve me examinar para ver se eu tinha sido penetrado, me colocou de quatro para ver meu ânus. Eu deixei ela me examinar, uma coisa horrível uma criança de 6 anos ser submetida a essa situação por sua mãe. **(Gustavo, 43 anos, advogado)**

Desde criança a minha mãe falava para mim, quando eu ia para escola: “olha se o coleguinha te chamar e quiser botar o dedo lá atrás, no buraquinho, você não deixa não, tá? Que sangra, machuca, isso dá doença. Você chama a professora na hora. Não deixa não, hein?”. Ela falava isso constantemente. Então eu sabia que prazer sexual no ânus era proibido, aquela região no homem não podia ser tocada. **(Pedro, 33 anos, publicitário)**

Mais adiante este mesmo sujeito relatou um segundo episódio no qual a mãe o obrigou a afirmar sua heterossexualidade.

Minha irmã uma vez chegou para a minha mãe - isso me marcou muito - e disse: “uma menina lá da escola veio perguntar para mim se o meu irmão era viado, porque está todo mundo lá dizendo que ele é viado”. Eu fiquei com um ódio... E minha mãe disse para mim: “olha, você vai chegar lá, pegar a garota em um canto e falar ‘você quer que eu te mostre quem é viado? Vamos lá para um canto para eu te comer para eu te mostrar quem é viado’”. Minha mãe me falou para falar isso. Eu devia ter 13 anos. E eu fui para a garota falar isso, morrendo de medo, mas eu tinha que me posicionar. **(Pedro, 33 anos, publicitário)**

Outro entrevistado foi expulso de casa pela mãe aos 14 anos de idade.

Aos 14 anos de idade ela me colocou para fora de casa e aí começou um martírio de prostituição, de abandono, de me expor e de me submeter a tudo. É um trauma do qual eu jamais me recuperei, acho que jamais vou me recuperar porque eu passei o pão que o diabo amassou, de chegar a mastigar papel para aliviar a fome. Eu batia com fome na porta dela. Ela abria a janelinha e me dava uma tangerina, uma laranja, mas dizia “vai embora”. Acabei voltando para casa em regime de *open house* 1 ano depois, e ela me fazia ver, me fez acreditar, que eu era responsável por tudo aquilo, que ela fez aquilo porque eu mereci e que tudo aquilo era para o meu bem. Eu tive que aceitar ter sido colocado para fora de casa para aliviar a culpa que ela sentia. Eu interiorizei a culpa dela e construí uma culpa muito maior. **(Gustavo, 43 anos, advogado)**

Perguntado sobre sua relação atual com a mãe este mesmo entrevistado respondeu:

A minha auto-estima sempre foi muito baixa, por causa dela. Ela era uma pessoa que gritava 24 horas por dia que preferia um filho morto do que homossexual. Eu não faço a menor questão de ter relação com ela. Eu não falo com ela, não a vejo, tem uns 4 anos. Eu tenho sentimento, afeto, mas não quero convívio com uma pessoa que sempre me aniquilou, me reduziu a pó, sempre fez questão absoluta de demonstrar o meu pouco valor, de apontar todas as minhas falhas. Ela não consegue me ver enquanto ser humano. Para você ter uma idéia: eu me olhava no espelho e eu nunca me via, eu só via ela. Que coisa louca né? **(Gustavo, 43 anos, advogado)**

Este entrevistado também relatou que aos 11 anos de idade começou a tomar hormônio masculino por indicação médica, a pedido da mãe. Relatos de indivíduos que foram obrigados por suas mães a se submeterem a terapias para “curar” a homossexualidade, também foram comuns.

Na época que minha mãe descobriu que eu era homossexual, ela foi procurar um psicólogo, porque ela achava que eu ia fazer algum tratamento para sarar. Depois ela ficou com muita raiva da psicóloga porque ela disse: “ele não tem problema nenhum, quem está precisando de tratamento é a senhora”. **(Márcio, 55 anos, advogado aposentado)**

Quando eu era criança minha mãe me levou num psicólogo por conta dessa coisa da homossexualidade porque eu estaria andando, rebolando, com um comportamento feminino. Me indicaram um psicanalista e um dos critérios da indicação era porque ele era homem, aquela idéia da figura masculina. **(Gabriel, 49 anos, psicólogo)**

Quando eu contei para a família que era gay obviamente me jogaram num terapeuta, porque eles acharam que ele iria me transformar em heterossexual de alguma forma. E o terapeuta queria me comer! Quando eu ia para as sessões com ele, ele estava de pau duro! Foi uma coisa horrível. **(Fabiano, 36 anos, antropólogo)**

Em contraposição às reações familiares descritas acima, que parecem ter gerado conflitos maiores para os sujeitos, a atitude dos círculos de amigos dos entrevistados foi bastante positiva e foram relatados poucos casos no qual o indivíduo perdeu amigos após a revelação de sua orientação sexual. Os sujeitos mencionaram também que possuem um número semelhante de amigos heterossexuais e homossexuais e que se relacionam igualmente bem com diversos grupos sociais. Por fim, mencionamos que alguns sujeitos relataram nunca terem se sentido discriminados, seja pelo fato de serem homossexuais com uma

aparência considerada “masculina”, seja porque tentam adotar uma postura que eles chamaram de “respeitosa” (isto é, adequada às distintas situações sociais), ou porque exercem profissões onde a incidência de homossexuais é considerada elevada (tais como arquitetura e design). O único entrevistado negro da amostra, por sua vez, afirma ter aprendido que “eu só sinto discriminação se eu me sentir discriminado”, isto é, “se eu deixar que ela me afete”.

Quando definimos pela primeira vez o termo *preconceito*, postulamos que apesar deste ser usado quase sempre em sua acepção negativa, ele, em teoria, também pode ser positivo. Assim, o *preconceito positivo* seria aquele no qual um determinado indivíduo possui um pré-juízo favorável com relação aos homossexuais, acreditando que os gays possuem determinadas características físicas ou mentais que ele julga positivamente. Em outras palavras, uma pessoa pode preferir escolher um candidato abertamente homossexual para um emprego que requeira “sensibilidade” por acreditar, por exemplo, no estereótipo de que todo gay é sensível. Apesar de ainda ser fundamentalmente negativo (pois se baseia em estereótipos), o preconceito positivo pode funcionar a favor do homossexual, caso o sujeito saiba como tirar proveito dele.

Tanto quanto saibamos, o fenômeno do preconceito positivo não tem sido largamente estudado pela Psicologia Social, e não fomos capazes de encontrar artigos que tratassem especificamente deste tema com relação aos homossexuais. Não obstante, existem alguns trabalhos sobre o preconceito positivo relacionado à beleza ou à atratividade física (e. g. Mobius & Rosenblat, 2006; Sigall & Ostrove, 1991). Ao que parece, o assunto tem sido pouco investigado devido à crença de que qualquer preconceito é essencialmente negativo (pois enquadra o sujeito em estereótipos, limitando a expressão de sua individualidade), não importando, assim, se este possui conseqüências prejudiciais ou benéficas para o indivíduo. No entanto, acreditamos firmemente na importância do estudo do preconceito positivo e de que forma este afeta a vida de homossexuais que se deparam com ele.

Perguntados sobre se haveria preconceito positivo a favor de homossexuais apenas 2 sujeitos acreditam que não, mencionando que o preconceito nunca é uma atitude positiva, pois marginaliza determinados setores da sociedade. A grande maioria dos entrevistados, no entanto, acredita na existência deste tipo de preconceito e aponta para uma série de estereótipos

positivos com relação aos gays, tais como: alegria, inteligência, flexibilidade, bom gosto e sensibilidade. Vale lembrar que estereótipos semelhantes foram encontrados por Haddock e Zanna (1998). Alguns sujeitos, inclusive, parecem acreditar na veracidade destes estereótipos.

Os gays têm determinadas nuances diferentes dos heterossexuais. Talvez na forma de falar, no cuidado de entender o outro, ser mais acolhedor, mais carinhoso, menos ríspido, mais flexível na vida. **(Felipe, 52 anos, psicólogo)**

É o lado positivo do estereótipo, que os gays são sensíveis, excelentes confidentes para as mulheres, sofisticados, refinados, educados, cultivados. **(Otávio, 44 anos, professor)**

Eu acho que tem com relação à questão do gosto, de dar um pitaco positivo. Lá no meu trabalho tem muito disso, sempre me perguntam o que eu acho. **(Alexandre, 45 anos, administrador)**

Para outros indivíduos, o preconceito positivo seria particularmente evidente na contratação de indivíduos para determinadas profissões, tais como Comissário de Bordo, Atendente de Telemarketing, Arquiteto ou Cabeleireiro, por exemplo.

Eu já ouvi várias vezes gente dizendo que cabeleireiro tem que ser gay porque se não, não dá certo. **(Fabiano, 36 anos, antropólogo)**

Existem funções de trabalho, tipo comissário de bordo, cabeleireiro, que exigem uma atitude que o gay tem muito mais a predispor, do que uma pessoa que não seja gay. A serventia, a simpatia, a paciência, a alegria. Tudo isso é uma coisa que o povo gay em geral tem. Eu acho que é por uma forma de a gente viver, uma forma mais leve. O gay assumido é muito mais leve para se lidar, para discutir problemas, para poder levar adiante qualquer situação. **(Jorge, 45 anos, empresário)**

Eu já ouvi cliente dizer assim: “mas você não é tão gay, né?” Porque quer contratar um arquiteto que desmunheque, dê escândalo. As pessoas acham que para ser arquiteto tem que ser gay. Tem até uma brincadeira que as pessoas falam que “nem todo gay é arquiteto, mas todo arquiteto é gay”. Acha que a pessoa é mais sensível, tem mais gosto, aquela coisa de preconceito positivo. O gay é mais sensível, sabe fazer mais as coisas, é mais artístico. Até pode ser que tenha uma sensibilidade maior... **(Sílvio, 46 anos, arquiteto)**

No que se refere à maior sensibilidade dos homossexuais, alguns sujeitos acreditam que esta sensibilidade especial não deriva de uma característica intrínseca à homossexualidade, mas é fruto da experiência de encobrimento que

faz com que o indivíduo tenha que prestar constante atenção ao meio à sua volta, analisando detalhes imperceptíveis para a maioria das pessoas.

Essa questão de você buscar artifícios para se esconder, para ocultar, vai criando em você uma condição, uma qualidade de percepção maior do que a das outras pessoas. Que não é nato, é algo adquirido. **(Pedro, 33 anos, publicitário)**

Eu acho que tem muitos gays que são muito mais sensatos, até em função do preconceito, de toda a estória de vida que você vive, você observa muito os outros, fica muito ligado, antenado. Eu sempre fui uma pessoa muito ligada e muito preocupada com o que os outros iam pensar de mim, então eu observava muito o outro. **(Alexandre, 45 anos, administrador)**

A idéia de que os homossexuais são mais “sensíveis” do que o resto da população precisa ser analisada com maiores detalhes. Em primeiro lugar, podemos dizer, tal como nos é apontado por Goffman ([1963] 1988), que tendemos a imputar aos estigmatizados uma série de atributos *desejáveis* mas não *desejados*, freqüentemente de natureza sobrenatural tais como “sexto sentido”, “percepção” e, no caso específico dos homossexuais, “sensibilidade” e “criatividade”. Por outro lado, os próprios gays podem achar estes estereótipos positivos e, por isso, difíceis de resistir. Desta forma, segundo Fiske (1998), não é incomum que determinados estereótipos positivos sejam compartilhados tanto por heterossexuais como por homossexuais, particularmente quando o estereótipo está relacionado à identidade, orgulho e auto-estima grupal.

Em segundo lugar, diversos autores (Margolies e cols., 1987; Pollak, 1985) têm, de fato, concordado em que os gays são mais sensíveis do que o resto da população, não devido a uma essência localizada na natureza de sua orientação sexual, mas originária de uma lucidez específica proveniente da experiência de encobrimento. Em outras palavras, o encobrimento faria com que os homossexuais se tornassem observadores astutos das relações humanas, constantemente analisando-as e criticando-as. Deste modo, por ocupar uma posição social de certa forma marginalizada, os gays adquirem a capacidade de adotar pontos de vista que o resto da população não tem. Segundo Freitas e cols. (1996), o encobrimento é um componente central das experiências compartilhadas pelos homossexuais, tornando-os mais atentos a detalhes, devido à necessidade de estarem continuamente se defendendo de ataques externos. Assim, os detalhes constituiriam o campo simbólico e conceitual da sensibilidade homossexual.

Alguns sujeitos postularam explicações alternativas para o fenômeno do preconceito positivo a favor de homossexuais. Para estes indivíduos os meios de comunicação de massa estimulariam a idéia de que ser gay está na moda, e de que é politicamente correto ter amigos de distintas orientações sexuais. De fato, tal como nos apontou um entrevistado, o homossexual, sobretudo o que é efeminado, é aceito pela sociedade desde que ele seja caricatural, engraçado.

Teve um momento que tava meio na moda tipo “toda festa tem que ter um gay, um casal gay”, para ficar mais interessante. Ficou uma coisa meio *fashion*, folclórica, diferente. “Vamos todos ter um amigo gay porque é chique”.
(**Márcio, 55 anos, advogado aposentado**)

Existe esse preconceito positivo também por uma indução do politicamente correto, principalmente por parte da alta intelectualidade. A questão das cotas raciais, étnicas, é quase como se houvesse uma cota gay. Todo mundo agora quer dizer que tem amigos gays. “Eu tenho amigos gays, nunca tive preconceito, o fulano e o sicrano freqüentam a minha casa, são meus amigos”.
(**Otávio, 44 anos, professor**)

É aquela coisa de “vamos botar essa bicha aqui para quebrar a rigidez”. Eu percebo que as pessoas de uma maneira geral toleram o homossexual enquanto útil. “Ele serve porque ele é bicha, a gente tem que ter uma bicha, tem que ser politicamente correto, a bicha vai dar a dica da decoração, ela é cômica, levanta o astral”. (**Gustavo, 43 anos, advogado**)

Com relação ao preconceito intra-grupal, todos os nossos entrevistados relataram haver preconceito entre homossexuais, sobretudo contra gays efeminados, travestis, lésbicas, bissexuais, indivíduos de classe baixa ou homossexuais não-assumidos.

Homossexuais efeminados sofrem muito. Mas, entre o povo heterodiscordante, eu diria que as pessoas transgênero. Todas as pessoas que não desempenham o papel social, que não buscam se adequar à expectativa de heteronormatividade de gênero, são perseguidas. É a fanchona, a caminhoneira, a bicha que desmunheca, ou então o transgênero, a travesti, etc. Nós somos muito perseguidos. (**Gustavo, 43 anos, advogado**)

O homossexual pobre é alvo de discriminação pelos próprios homossexuais. Tem muita piada, muita gíria, bichinha pão-com-ovo¹⁰¹, ou bichinha pão-com-manteiga. Eu acho isso bastante desvalorizante, discriminatório. Tem isso a nível do homossexual de classe baixa e também do homossexual pinto, que tem um comportamento feminino muito acentuado. Aí

¹⁰¹ Segundo Beto de Jesus (comunicação pessoal, 2006) a gíria “bicha pão com ovo” é uma forma pejorativa e depreciativa para se referir a gays mais pobres, moradores da periferia e com pouca instrução.

tem outras expressões: bichinha quá-qua-quá, pintosa. **(Gabriel, 49 anos, psicólogo)**

Eu acho que são os gays mais pobres que tentam ser uma coisa que eles não são. Então existe hoje o protótipo do gay fortinho, marombado, as *Barbies*, que esse é o objetivo de todos os gays mais pobres, de ter uma blusa de grife, de ter um peito saliente, um braço forte, de ir numa boate e poder ter roupas caras, etc. Esse é o ideal, o padrão. E essas pessoas que tentam ser aquilo que elas não são para o gay isso é uma coisa terrível. Existe todo um preconceito dentro do mundo gay, quem é mais bichinha ou menos bichinha, fala desse jeito ou de outro, coloca essa ou esta roupa. **(Alexandre, 45 anos, administrador)**

Perguntados sobre os motivos pelos quais este preconceito ocorreria, alguns entrevistados mencionaram que ser vistos ao lado de um homossexual efeminado causaria desconforto em muitos gays devido à possibilidade de revelação do estigma.

Um namorado em potencial, um paquera, ele olha 3 vezes e pensa: “não, você é muito viado para mim, vai sujar a minha barra, vai me denunciar e alguém vai entender que eu sou viado também”. **(Gustavo, 43 anos, advogado)**

Tem a questão “eu não sou efeminado e não gosto de efeminados”. Eu tenho a impressão de que um gay não-efeminado tem medo da convivência com um gay efeminado no sentido de denunciar a sua opção sexual. **(Felipe, 52 anos, psicólogo)**

O homossexual efeminado causa uma certa repulsa. Uma roupa ou um gestual acentuadamente feminino é uma coisa que incomoda. Os homossexuais que são mais assumidos socialmente também geram um certo mal-estar por parte de alguns homossexuais que têm dificuldade de se assumir. A visibilidade desses homossexuais incomoda. **(Gabriel, 49 anos, psicólogo)**

Outros sujeitos mencionaram que este preconceito se deve a um culto exacerbado da masculinidade pela comunidade gay. O preconceito entre homossexuais também seria particularmente visível em sites de relacionamento na internet, onde as frases “não quero efeminados” apareceriam com frequência nos perfis dos usuários.

Hoje existe uma tendência, que me incomoda, um culto à hipermasculinidade. Então entre os gays nos sites de relacionamento o discurso é sempre o mesmo: “macho querendo macho”, “nada contra efeminados, apenas não tenho tesão”. É um lugar comum, uma repetição, e eu acho uma coisa tão pobre... E alguns dizem assim: “não, esse não é gay, é travesti”, o outro é efeminado, *Barbie*, *bear*... Eles começam a discriminar, a querer classificar... **(Leonardo, 43 anos, agente de viagens)**

Acho que parte dessa padronização internacional da homossexualidade é baseada num tipo mais masculinizado, então talvez isto tenha a ver com a discriminação entre os próprios gays também. É difícil determinar porque no fim está todo mundo preocupado em não ser uma bichinha, em ser masculino. É só entrar no *Orkut* e ver o perfil das pessoas, ver como as pessoas se descrevem no *chat*. **(Fabiano, 36 anos, antropólogo)**

Tal como discutimos em Nunan (2001), a partir dos anos 90 o modelo de homossexual “supermacho”¹⁰² (que marcou as décadas de 70 e 80) parece ter arrefecido em prol de um culto ao corpo, com elementos claramente andróginos, característico do subgrupo das *Barbies*. Autores como Fry e MacRae (1983) apontam para o forte preconceito que este fenômeno provocou dentro da comunidade gay: os homossexuais efeminados, feios, velhos, pobres ou negros que não se encaixam neste padrão de beleza, tendem a ser estigmatizados e excluídos.

Perguntados a respeito do motivo pelo qual haveria preconceito entre homossexuais, a maioria dos sujeitos disse que o preconceito é inerente ao ser humano e que outras minorias sociais (tais como os negros) também se discriminam entre si. Este fenômeno seria decorrente do medo que as pessoas sentem daquilo que é diferente, aliado ao fato de que os homossexuais também foram criados em uma sociedade preconceituosa e que, por este motivo, carregam consigo estereótipos contra uma série de grupos. Tal como aponta Bohan (1996), a comunidade gay é um versão menor da sociedade mais ampla e com frequência manifesta seu racismo, classismo, sexismo e outros tipos de preconceitos. O importante, no entanto, é estar atento para o preconceito e não deixar que este prejudique as relações sociais. Alguns sujeitos mencionaram também que o preconceito entre gays era extremamente negativo, pois criava “um gueto dentro de um gueto”, enquanto outros lembraram que quando homossexuais possuem preconceito entre si eles perdem o direito de reivindicar que o resto da sociedade deixe de ter preconceito contra gays e lésbicas, de uma forma geral.

A maioria dos entrevistados revelou que possui preconceito contra alguns grupos de homossexuais, incluindo gays efeminados, travestis, *Barbies*, bissexuais ou lésbicas. Um indivíduo disse ter preconceito contra pessoas que têm

¹⁰² Os “supermachos”, que adotavam um modelo teatralmente masculino, vestiam roupas de couro, botas pesadas e usavam cabelo curto, barba e bigode, apoiando um conceito de virilidade tradicional. As imagens míticas deste período são os cowboys, policiais, bombeiros, motoristas de caminhão e esportistas, tal como apresentados, por exemplo, pelo grupo musical *Village People*.

preconceito e que é a efeminação excessiva de alguns homossexuais que faz com que a identidade sexual de outros gays passe despercebida. Especificamente com relação a gays efeminados e travestis os entrevistados disseram que se sentem ameaçados pelo fato de que estes indivíduos possam revelar, de alguma forma, seu estigma. Outros se preocupam em entrar em contato com características consideradas femininas.

Eu tenho um preconceito em relação a aqueles muito efeminados... um medo de estar em um lugar público com eles. De estar andando, estar junto com alguns, e alguém falar “olha lá a bichona”. Eu tenho medo de encontrar com pessoas do trabalho. **(Pedro, 33 anos, publicitário)**

Eu não gosto de sair com gente que dá pinta, de ser visto na rua com gente assim. Eu não gosto pela atitude. A gente vai ser foco de comentários maldosos. Então eu acho que o preconceito é mais uma auto-preservação, uma preservação que você faz para si mesmo para não ser rotulado no mesmo nível que as outras pessoas com as quais você está saindo. **(Jorge, 45 anos, empresário)**

Eu não tenho amigos com trejeitos gays, mas não é por eles serem gays. Eu também não tenho amigos com super trejeitos, sejam mulheres ou homens. Acho essas pessoas invasivas, sabe? As vezes eu acho que tem um grupo gay que invade, que para se auto-afirmar precisa expressar aquilo daquele jeito. **(Inácio, 38 anos, diretor de Centro Cultural)**

Estes entrevistados afirmam que sentem medo ou vergonha ao verem este tipo de pessoa na rua e que evitam serem vistos na sua companhia. De acordo com estes sujeitos, o homossexual é um homem como qualquer outro e por isso não precisa parecer-se com o sexo oposto, nem chocar os outros com uma aparência efeminada. A orientação sexual é considerada um aspecto da vida privada que não deve ser exibido na rua. A expressão mais utilizada para se referir a este tipo de homossexual foi “*bicha* pintosa” ou “dar pinta”, que pode ser traduzida da seguinte forma: “dar pinta” é adotar um comportamento ou aparência física efeminada/estereotipada que faz com que o indivíduo seja rapidamente identificado como gay pelas demais pessoas. Em outras palavras, significa chamar a atenção para a própria sexualidade.

Eu acho que eu nunca seria amigo de um travesti. Porque me incomoda aquela coisa meio dúbia de ser meio homem meio mulher, acho muito afetados. De repente não tem a ver com a minha realidade, não vou conseguir conversar muito, mas é puro preconceito. Tem muito travesti inteligente e gente boa. **(Márcio, 55 anos, advogado aposentado)**

Existem situações que eu realmente preciso digerir e olha que eu sou moderninho. Tipo, eu preciso ficar confortável com travestis, por exemplo. Não é uma sintonia automática, não é mesmo. Eu tenho alguns amigos que fazem *cross-dressing*, se vestem de mulher, e ainda assim hoje eu preciso de alguns minutos para digerir, então isso me diz alguma coisa. Talvez seja assim que os heterossexuais nos vejam. **(Fabiano, 36 anos, antropólogo)**

Eu era preconceituoso com o gay muito efeminado. Porque a minha preferência sexual sempre foi muito clara, eu sempre me envolvi com mulheres que eram muito femininas e homens que eram muito masculinos. E para mim os códigos não se misturavam, então eu tinha uma certa implicância com mulheres que eram muito masculinas ou com homens que eram muito femininos. **(Thiago, 38 anos, designer)**

Não precisa ser efeminado. É uma opção sexual, não uma mudança de sexo. O homem vai ser homem e a mulher vai ser mulher. Cada um vai ser cada um, sempre. Mesmo que se opere, que se mutile, é homem, é mulher. Eu acho errado ficar com comportamento de mulher, disso eu não gosto. **(Bruno, 50 anos, psicólogo)**

Os discursos acima nos remetem à idéia de que o repúdio a gays efeminados reforça, na verdade, padrões normativos de masculinidade e feminilidade. Quando os sujeitos dizem “homem tem que ser homem” (e conseqüentemente, “mulher tem que ser mulher”), eles estão postulando que existem normas adequadas para ser homem ou mulher, e que a *bicha* ou o travesti subvertem estas normas de gênero. De fato, este parece ser um dos motivos pelos quais os homossexuais efeminados são discriminados tanto por heterossexuais quanto por homossexuais, sendo freqüentemente alvo de violência física ou verbal, tal como corroboram Franklin (1998) e Kite e Whitley (1998). Personagens públicas, tais como a travesti Rogéria e a transexual Roberta Close, são amplamente aceitas pela sociedade brasileira, justamente porque reforçam as normas de gênero consideradas apropriadas para as mulheres, dados estes corroborados por Green (1999).

Cox e Gallois (1996) nos oferecem uma outra possível explicação para o fato dos homossexuais terem preconceito contra gays efeminados. De acordo com postulados da Psicologia Social tais como a *Teoria da Comparação Social*, o ser humano está sempre comparando o seu grupo com outros grupos ao redor. Neste sentido, ao comparar-se com os heterossexuais, muitos homossexuais podem vir a desenvolver uma baixa auto-estima, pois em várias instâncias o grupo homossexual é visto como inferior e estigmatizado. Assim, segundo estes estudiosos, uma forma de ganhar a auto-estima perdida é comparar-se com grupos

ainda mais inferiorizados socialmente, no caso, os homossexuais efeminados. Apesar de acreditarmos na validade da explicação acima, postulamos, junto com outros autores (Jacobs, 1997; Kite & Whitley, 1998), que a crença veiculada por nossos sujeitos de que “você pode ser homossexual, contanto que seja um homem”, deve ser também analisada à luz dos benefícios associados à masculinidade em uma sociedade patriarcal. Ao invés de demonstrar insegurança sobre o fato de ser homossexual ou de temer entrar em contato com características femininas, o preconceito contra gays efeminados pode sugerir um desconforto com a possibilidade de perder o status do gênero masculino, que ocorreria se as pessoas continuassem a identificar os homossexuais com as mulheres.

Com relação às *Barbies* os entrevistados disseram que as consideram fúteis, enquanto que as lésbicas são discriminadas por serem “masculinizadas” e “agressivas”. Tal como vimos em Nunan (2001), o universo das lésbicas parece ser bastante distinto do dos homossexuais masculinos, o que faz com que gays e lésbicas possuam subculturas bastante diferentes, raramente sendo vistos juntos nos mesmos lugares. O pouco contato acaba reforçando estereótipos e preconceitos, advindos da falta de entendimento da vivência particular a cada grupo.

Eu tenho preconceito contra a lésbica que quer ser super masculina, e quer brigar, e você vai na boate de mulher e tem um milhão de brigas. Em boate gay masculina não tem briga. **(Inácio, 38 anos, diretor de Centro Cultural)**

Eu vejo um fortinho, malhado, e começo a pensar: “esse garoto não tem nada na cabeça porque ele é *Barbie*, cultiva o corpo, ele é uma cara vazia, fútil”. Eu penso isso de ante-mão e me afasto. **(Leonardo, 43 anos, agente de viagens)**

Eu não tenho muita paciência para um gay que gosta de festa *rave*, bichinha que só pensa em etiqueta de roupa, que pensa na próxima festa... Eu não chamaria uma pessoa dessas para uma mesa comigo para sentar e tomar chope. Porque eu não vou conversar com um garoto que está preocupado com a camiseta *Gucci* que ele comprou.... **(Sílvio, 46 anos, arquiteto)**

Bissexuais, por sua vez, foram criticados por serem indivíduos que vivem com culpa por levarem uma vida dupla e que, por este motivo, acabam contaminando suas mulheres com o vírus do HIV.

Por que que as mulheres começaram a ser mais contaminadas? Porque existem muitos bissexuais. E isso não é quantificado porque é muito difícil falar de homens casados que têm práticas homossexuais. Tem muito mais do que a

gente imagina. Isso eu acho preocupante, porque geralmente essas pessoas têm menos cuidado, porque homens casados que procuram homossexuais, garotos de programa, ou travestis, não podem assumir isso, como a gente faz, então fica sempre aquela coisa escondida no quarto escuro, no banheiro não sei da onde, e acabam ficando muito mais expostos à doença porque se protegem menos do que quem se assume. **(Márcio, 55 anos, advogado aposentado)**

De fato, tal como vimos anteriormente, bissexuais não-assumidos ou homossexuais com preconceito internalizado, possuem um risco maior de infecção pelo vírus do HIV. Isto ocorre porque por não se identificarem como gays, nem participarem de eventos dentro da comunidade homossexual, estes indivíduos estão menos expostos a materiais educativos sobre práticas de sexo seguro direcionadas a eles, tornando-os mais propensos a adotar comportamentos de risco (Finnegan & McNally, 2002).

Relacionamento afetivo

Perguntados sobre o que esperavam de um relacionamento amoroso, os entrevistados mencionaram, de um modo geral, as seguintes características: companheirismo, respeito, amor, sexo, lealdade, solidariedade, amizade, afinidade, cumplicidade, sinceridade, confiança, admiração, incentivo, crescimento pessoal e construção de uma vida juntos. Alguns sujeitos ressaltaram a importância dos membros do casal manterem as suas individualidades, enquanto outros lembraram que tanto heterossexuais como homossexuais dariam importância aos mesmos elementos dentro de um relacionamento.

Eu espero o que todo mundo espera. Afeto, que você possa dividir, compartilhar, viver bem. Como nós estamos juntos há tanto tempo, claro que nosso relacionamento foi mudando ao longo dos anos. Hoje nós somos mais grandes companheiros e amigos que vivemos juntos, do que um casal. Mas o que eu esperava de um relacionamento, eu tive, que é uma pessoa que foi meu companheiro, a gente foi crescendo juntos, construiu tudo junto. Não foi um mar de rosas, claro, nós tivemos muitos problemas, mas nós conseguimos superar todos eles e ficar juntos. O que eu esperava e o que eu espero é saber que eu tenho uma pessoa com a qual eu posso contar, que vai estar comigo, que eu não tenha nenhuma dúvida da lealdade, da amizade dele. **(Márcio, 55 anos, advogado aposentado)**

O que eu sempre esperei de um relacionamento: amor. Fica meio piegas falar isso, mas é verdade. Companheirismo, dar suporte um ao outro, você ter uma troca, na verdade. O importante é que um, de certa forma, complete o outro. É claro que existem atritos, mas é importante você ter respeito, carinho, dar

apoio, você ter uma afeição muito grande. Tesão é fundamental. É você poder crescer junto, construir junto. Você escolhe uma pessoa para você compor uma vida junto com ela. A gente se imagina velhinho, gagá, um implicando com o outro. **(Thiago, 38 anos, designer)**

Eu acho que um relacionamento é companheirismo, é você tentar atingir juntos um mesmo ideal de vida. Seja gay, seja hetero, parceiro é uma pessoa que vai te dar força numa hora ruim e numa hora boa, no sentido sempre para frente. Casamento é uma coisa muito forte e é você poder seguir adiante com todos os problemas que possam acontecer. **(Jorge, 45 anos, empresário)**

Com relação à existência de companheiros, notamos que nossos entrevistados apresentavam um padrão significativo de relacionamentos longos e, mesmo dentre aqueles indivíduos que estavam solteiros no momento da entrevista, a maioria havia tido namoros ou casamentos que duraram vários anos. Independente do estado de coabitação, o tempo médio de duração dos relacionamentos dos nossos sujeitos girava em torno de 8 anos, sendo que entrevistamos um indivíduo que morava com seu companheiro há 26 anos e outro o fazia a 18. Seis indivíduos se consideravam casados, isto é, coabitavam com o parceiro, com relacionamentos que variavam entre 1 a 26 anos de duração (média de 11 anos de casamento). Os que tinham um companheiro mas optaram por não morarem juntos, o fizeram por várias razões, incluindo distância física (o namorado morava em outro estado) ou porque preferiam que cada um tivesse sua própria casa no momento, mesmo que esta situação pudesse mudar com o passar do tempo. Vale ressaltar que diversos sujeitos mencionaram que gostam muito de estar casados, enquanto que todos os solteiros entrevistados disseram estar em busca de um novo namorado e/ou casamento. Desta forma, ao contrário do que sugere o preconceito, relacionamentos homossexuais de longa duração não parecem ser incomuns, tal como ficou evidente nesta pesquisa, assim como nos estudos de Mackey e cols. (1997) e Wilke (1998).

Dos indivíduos que estavam em relacionamentos no momento da entrevista, todos disseram que suas relações eram satisfatórias, não obstante existirem alguns momentos de crise pelos quais qualquer casal passa, episódios estes que, segundo os entrevistados, precisam ser superados através de diálogo e mudança. Tal como vimos anteriormente no capítulo sobre conjugalidade homossexual, estes dados foram corroborados por diversos estudos (Kurdek & Schmitt, 1986; Peplau & Cochran, 1981), que postulam que casais gays seriam

indistinguíveis de casais heterossexuais em aspectos tais como: satisfação com a relação, ajustamento do casal, amor e alegrias/problemas conjugais. Mackey e cols. (1997), por sua vez, postulam que, independente da orientação sexual, as características que fazem um relacionamento ser duradouro e satisfatório são as mesmas para ambos os grupos.

Minha relação é satisfatória. Acho que com o tempo toda relação tende a ter coisas insatisfatórias e coisas muito boas. Outra pessoa eu não quero ter. Se eu ficar viúvo, aí tudo bem, mas eu não penso em ninguém. Ele tem um excelente caráter, é uma pessoa digna, trabalhadora, honesta. Períodos de encantamento, de paixão, duram pouco, depois é a realidade mesmo. Então o que a gente pode tentar é melhorar esse *day-by-day*. **(Bruno, 50 anos, psicólogo)**

Já foi melhor. Eu acho que é o próprio desgaste depois de 6 anos. Depois de 6 anos a gente fica exigindo muito, querendo que as coisas sejam como elas eram há algum tempo atrás e as coisas mudam, a idade muda a cabeça da gente. Aí você tenta resgatar o que você tinha para o momento atual, mas as vezes não dá, então você tem que mudar para adaptar, se não não vai. **(Jorge, 45 anos, empresário)**

Com relação ao tema da divisão de papéis e tarefas dentro de casa notamos que estas eram distribuídas de acordo com os gostos e habilidades de cada indivíduo. Na maior parte das vezes estas divisões não eram rígidas, ou previamente combinadas, acontecendo naturalmente ao longo do tempo e podendo sofrer mudanças caso houvesse necessidade. As decisões também eram freqüentemente tomadas em conjunto. Dados similares foram encontrados por diversos autores (Mackey e cols., 1997; McWhirter & Mattison, 1984), que mencionam que as divisões de papéis e tarefas domésticas entre casais homossexuais tendem a ser flexíveis e adequadas à necessidades individuais (características de personalidade, interesses, habilidades, preferência por determinadas atividades ou horários de trabalho) e relacionais (podendo transformar-se à medida em que os parceiros mudavam comportamentos interpessoais específicos). Estas informações diferem significativamente das encontradas por Jablonski (2004-2007) na sua pesquisa (ainda em andamento) sobre a divisão de tarefas e responsabilidades entre casais heterossexuais. Os dados encontrados por este autor até o momento apontam para uma divisão bastante rígida e marcada de tarefas consideradas masculinas e femininas, sobretudo com relação ao cuidado com os filhos.

A gente divide basicamente tudo. Não tem uma regra... Considerando que eu passo mais tempo em casa do que ele, porque eu trabalho em casa... Para começar a gente tem uma empregada que vem três vezes por semana, que cuida de toda a parte de tarefas domésticas da casa. Eu adoro cozinhar. Ele não gosta. Então eu cuido mais da comida do que ele. Quando eu estou com preguiça, a gente vai comer qualquer coisa ou pede num restaurante. Ambos gostamos de cuidar das coisas de casa, então as vezes ele faz algumas coisas, eu faço outras. Eu sou mais desorganizado do que ele, deixo as coisas espalhadas. Ele cobra mais arrumação. **(Thiago, 38 anos, designer)**

Quem levantar primeiro faz o café e o outro arruma a cama. Tudo funciona assim. Enquanto um joga o lixo fora o outro lava a louça. É uma coisa muito mecânica. Normalmente as coisas vão se encaixando. **(Alexandre, 45 anos, administrador)**

Isso é fácil porque sempre tem um que não gosta de fazer uma coisa, o outro gosta de fazer, ou pelo menos aquele que gosta um pouco mais ou que detesta um pouco menos. Ele adora cozinhar, então ele cozinha. Eu, por exemplo, odeio lavar louça, mas na relação anterior eu lavava louça, porque ele cozinhava. Nessa agora, ele prefere lavar louça. Eu boto as roupas para bater e estendo as roupas, que é uma coisa que ele já não gosta de fazer. **(Fabiano, 36 anos, antropólogo)**

Alguns entrevistados relataram dificuldades com relação à divisão financeira, mencionando que esta era uma área de conflito bastante comum entre casais homossexuais, dados estes também corroborados por outros autores (Blumstein e Schwartz, 1983; Driggs & Finn, 1990; Hawkins, 1992). Um sujeito em particular mencionou que vários amigos seus deixavam de namorar com determinados homens pelo fato deles terem uma condição econômica inferior. No caso de sujeitos que coabitavam, alguns preferiam ter contas conjuntas, enquanto outros optaram por manterem sua independência financeira e dividirem gastos igualmente. No entanto, notamos que estas divisões não eram de modo algum rígidas e que quando um dos membros do casal estava com menos dinheiro, o outro sempre ajudava.

As vezes entra o dinheiro individual, as vezes entra o dinheiro do casal. A gente fala muito sobre isso, que é um exercício, uma coisa muito difícil. **(Alexandre, 45 anos, administrador)**

O financeiro é uma coisa muito complicada entre gays. Eu sempre ganhei muito melhor que ele e as vezes quando tem briga eu acabo falando essas coisas que eu acho que eu não devia falar porque estou errado. As vezes joga na cara, cobro isso dele. Eu sou muito gastador, ele é mais pão-duro, fica segurando o meu dinheiro, controlando as minhas coisas. **(Márcio, 55 anos, advogado aposentado)**

A gente tinha o hábito de misturar o dinheiro num caixa único e administrava em conjunto, mas isso não foi bom, então chegou um momento da relação em que a gente achou por bem separar e cada um ter a sua independência financeira, a sua coisa individual. Agora, sempre com muita compreensão. Se está faltando dinheiro aqui ou ali passa para o outro, nós sempre tivemos isso muito claramente. **(Leonardo, 43 anos, agente de viagens)**

Tanto eu quanto ele somos péssimos para contabilidade. A gente vai pagando as coisas, depois a gente vê quem tem dinheiro ainda sobrando para pagar alguma coisa. Não tem uma divisão do tipo “eu pago metade disso, você paga metade daquilo...” As vezes a gente vai num restaurante e eu pago, as vezes ele paga. É uma coisa fluida. **(Thiago, 38 anos, designer)**

Devido ao desemprego do companheiro ou de uma renda muito baixa por parte deste, alguns sujeitos mencionaram que sustentam a casa sozinhos. Dois destes indivíduos afirmam não se incomodar com esta situação, pois acreditam que ela é temporária, ao mesmo tempo em que incentivam o companheiro a se qualificar profissionalmente, seja fazendo um curso universitário, seja aprendendo um outro idioma. Para o entrevistado abaixo, por exemplo, é tão difícil conhecer alguém de quem você goste, que problemas financeiros temporários não deveriam ser um empecilho para o estabelecimento de uma relação. Menciona, ainda, que em relacionamentos heterossexuais é freqüente que um membro do casal (geralmente o homem) ganhe mais do que o outro e que isto não é questionado.

Como nada é definitivo, se você arranja um namorado que tem menos dinheiro que você, cabe a você decidir se você quer ou não e a partir daí passa a ser também sua responsabilidade tentar encontrar caminhos possíveis para que isso seja melhorado. Então eu não vejo problema algum em temporariamente não poder dividir contas, por exemplo. Porque por outro lado nós vivemos numa sociedade tão escassa de oportunidades que não dá simplesmente para fechar os olhos para essa dificuldade. Eu acho que se você tem uma relação em que um tem mais do que o outro, não tem problema, é exatamente assim que funcionam a maioria dos relacionamentos heterossexuais. Sempre vai ter um que ganha mais. Espero que ele ganhe mais que eu um dia. **(Fabiano, 36 anos, antropólogo)**

O entrevistado abaixo, no entanto, disse se ressentir desta situação, acreditando que estava reproduzindo um modelo de relacionamento heterossexual.

Teve um momento que parecia que eu era o provedor do casal e ele era quem fazia as coisas. Eu trabalhava muito, saía de casa de manhã, então ele cuidava mais de tudo porque tinha mais tempo. E chega um momento em que a gente acaba repetindo o modelo do casamento hetero. Apesar da relação homossexual ser uma relação diferente da relação de um casal hetero a gente acaba se enquadrando e reproduzindo a mesma coisa. Eu era o provedor, o marido, que saía de casa para trabalhar e ganhar dinheiro e ele era o cara que

cuidava da casa como se fosse a mulher, apesar dele trabalhar também. **(Márcio, 55 anos, advogado aposentado)**

O fato de alguns casais gays acabarem reproduzindo modelos de relacionamento característicos dos heterossexuais também foi abordado pelos sujeitos abaixo. Para estes entrevistados, os homossexuais precisam criar seus próprios modelos e não copiar formatos pré-existentes que são inadequados para lidar com suas experiências. Tal como nos aponta Smart (2006), alguns setores da comunidade gay acreditam que a instituição do casamento é opressiva e dilui a singularidade da identidade homossexual. Este raciocínio também é corroborado por alguns autores brasileiros (e. g. Camargos, 2004).

Eu acho que a gente tem que descobrir uma forma de poder deixar o que você quer, seja imóvel ou um seguro de vida, de uma forma legal, sem ter casamento, porque a gente vai começar a copiar o que tem de pior nos heteros, que é o casamento virar um negócio. Sou absolutamente contra a gente copiar esses modelos. Porque daqui a pouco vai ter gay casando de véu e grinalda, tendo esses sonhos, de carona no modelo e no formato do outro. **(Sílvia, 46 anos, arquiteto)**

Eu estou vivendo com uma pessoa há 18 anos, mas eu não digo que sou casado porque eu não sou casado, eu falo que eu tenho um parceiro. Não tem essa estória: “ah, seu namorado...” Sabe? Não me bate muito bem isso. A namorar eu aprendi desde criança com namorada. Não acho legal tentar ficar parecido com uma vida hetero. **(Bruno, 50 anos, psicólogo)**

Os motivos de discussão dos sujeitos nos pareceram tão variados quanto seus relacionamentos. Assim, os motivos mais frequentemente citados foram: ciúmes, falta de atenção, expectativas não atendidas, cobrança, dúvidas sobre o grau de compromisso da relação, perda de interesse sexual, discussões relacionadas à profissão (nos casos em que ambos sujeitos trabalhavam na mesma área), criação de filhos (nos casos em que existiam crianças de relacionamentos heterossexuais anteriores), alcoolismo, obesidade do companheiro, e situações corriqueiras do dia-a-dia (tais como divisão de tarefas ou “apertar a pasta de dente no meio”, por exemplo).

As vezes é falta de atenção de um com outro. As vezes é ciúmes. Tem muito a ver com expectativa, eu acho, ou o que você espera um do outro. E as vezes, quando essas expectativas não são atingidas, rola uma certa ansiedade, uma certa cobrança. Eu acho que é basicamente por cobrança. **(Thiago, 38 anos, designer)**

Diferentes estilos de personalidade também foram mencionados como deflagradores de discussões:

Nós brigávamos muito por causa da forma como ele se relacionava com horário e com dinheiro. **(Otávio, 44 anos, professor)**

Os nossos problemas eram sempre em relação a trabalho ou então na forma como ele não enfrentava os problemas na vida. Como eu era uma pessoa que estava sempre enfrentando as coisas, batendo de frente, aquilo me tirava muito a paciência e eu começava a ficar muito esgotado com aquela forma de ser. (...) Com meu atual namorado eu tenho uns problemas de cadência, de ritmo, porque ele é um pouco mais lento e eu tenho uma certa dificuldade com gente meio lenta. **(Sílvia, 46 anos, arquiteto)**

Ele é muito sonhador, fica delirando na maionese, sem fazer nada, cochilando, descansando, e a vida não dá pra cochilar tanto e descansar, e eu cronometro tudo. Porque quando chega comigo tem uma confiança tão grande que as coisas vão acontecer que ele relaxa, mas me sobrecarrega, então a briga é justamente essa, porque existe um relaxado e existe um outro tenso. **(Bruno, 50 anos, psicólogo)**

Por último, mencionamos que um dos entrevistados relatou que foi justamente a falta de brigas e discussões que provocou o término do seu relacionamento anterior. De acordo com este sujeito, tanto ele como seu companheiro tinham dificuldades pessoais em comunicar insatisfações, o que fez com que problemas na relação não pudessem ser resolvidos.

No que se refere aos mecanismos de resolução de conflito, praticamente todos os entrevistados relataram que preferiam resolver os problemas do relacionamento conversando. O que nos pareceu variar bastante entre os sujeitos eram as formas em que esta conversa ocorria. Alguns indivíduos, por exemplo, mencionaram que gostam de “contemporizar”, de “enxergar o ponto de vista do outro”, ou de “discutir a relação”, uma característica que, tal como eles mesmos apontam, tende a ser um estereótipo atribuído às mulheres.

Conversando. Eu sou muito de falar. Eu não gosto de dormir sem antes resolver o negócio. Dizem que as mulheres são mais assim e que os homens geralmente preferem dormir e falar aquilo no dia seguinte. Aquela estória de discutir a relação. Que eu acho que é um estereótipo também. Me matava, por exemplo, ele virar pro canto e dormir. Tinha vontade de enforcar ele. Depois aprendi que não adiantava fazer isso porque isso o irritava mais e a briga ficava pior, então eu aprendi a parar e no dia seguinte, quando ele estava com uma cara melhor, a gente conversava. **(Márcio, 55 anos, advogado aposentado)**

Eu sou sempre o que está discutindo a relação. Ele é muito emburrado para falar, tipo, se acontece alguma coisa, fica de mal. Tem que falar se ficou chateado com alguma coisa, né? Uma grande dificuldade que a gente tem nessa relação é encontrar esse *timing* para conversar. Porque as vezes eu provoço e não é o momento, ele chegou e está cansado, preocupado com alguma coisa, e diz “depois a gente conversa” e aí já passou. Como eu gosto de escrever as vezes eu escrevo, registro aquilo, mas a coisa perde o momento. **(Alexandre, 45 anos, administrador)**

Outros entrevistados relatam “fugir” das brigas, seja porque não gostam de discutir, seja porque se consideram “rancorosos”.

Quase sempre ele vem me procurar e falar. Eu sou uma pessoa um pouco rancorosa. Se eu falo um negócio é difícil eu voltar atrás. Eu tenho uma dificuldade muito grande de me perdoar e de perdoar as pessoas. Então eu falo aquilo, a minha cara muda, e eu posso ficar assim durante 1 semana, 1 mês, e conviver com a pessoa ignorando ela. Eu não sou muito de buscar conversa não, mas se a pessoa vem, eu me abro. **(Pedro, 33 anos, publicitário)**

Um dos meus princípios de relação é não brigar, não suporto briga nem discussão. Então se eu estou muito puto é assim, inversamente proporcional: quanto mais puto eu estiver menos eu falo. Então se eu estiver muito puto eu vou ficar 3 dias sem falar nada. Ele, por sua vez, vai saber que, se eu estiver sem falar nada, alguma coisa está errada. **(Fabiano, 36 anos, antropólogo)**

Mecanismos de resolução de conflitos tais como “beijos” e “sair para se divertir” também foram citados, ao passo que um dos entrevistados disse ter optado por flexibilizar suas posturas diante de problemas relacionados com tempo e dinheiro.

Perguntados especificamente sobre episódios de violência doméstica, alguns entrevistados disseram nunca terem experienciado este tipo de situação e que, caso tivessem sido agredidos pelo companheiro, o teriam abandonado imediatamente. Ficamos surpresos, no entanto, com o fato de termos encontrado diversos depoimentos de situações de violência doméstica, incluindo violência verbal e/ou física. Dentre aqueles sujeitos que foram agredidos por seus companheiros, alguns perdoaram a agressão, enquanto outros decidiram terminar o relacionamento.

No começo da minha vida eu tive relacionamentos em que houve violência. Houve drogas também. Eu tive um namorado que botou o amante dele para dentro de casa e a gente brigou várias vezes. Até eu conseguir me desvencilhar disso foi muito difícil e houve momentos muito pesados na relação. **(Leonardo, 43 anos, agente de viagens)**

Eu fui agredido por meu primeiro marido, ele me deu um tapa na cara. Eu liguei para a mãe dele e disse para ela. No dia seguinte ela foi lá em casa e eu não sei o que eles conversaram. Eu perdoei ele e a gente continuou. **(Felipe, 52 anos, psicólogo)**

Um belo dia a figura surtou. Me pegou pelo braço, me deu uma sacudida, eu soltei o braço e caí dentro do armário de roupa. Aquela cena patética. Aí foi ótimo, porque já que eu estava dentro do armário de roupa aproveitei para pegar a mala que estava em baixo, já fui botando as roupas dentro. Acho que a figura não acreditou, nem eu, porque eu não tinha para onde ir. Peguei tudo, ele achou que eu fosse voltar e eu nunca mais voltei. Abandonei tudo e fui embora. **(Inácio, 38 anos, diretor de Centro Cultural)**

Enquanto que os entrevistados acima foram vítimas de agressão o sujeito abaixo mencionou ter sido ele o agressor, relacionando seu comportamento com o fato de ter tido um pai muito violento, associação esta corroborada por diversos estudos (Gomes, 2003; Rosenbaum & Maiuro, 1990). No entanto, após o episódio, sentiu remorso, pediu desculpas, e afirmou nunca mais ter agredido o companheiro.

Teve uma vez que eu empurrei ele. Sinceramente eu nem sei por que foi, mas eu fiquei puto da vida e empurrei ele. Depois eu chorei e pedi desculpa por ter sido estúpido. Meu pai era um homem muito violento, era uma coisa que me chocava muito, e eu acho que eu não posso pegar essa herança. Mas via de regra eu não sou violento. Eu sou muito grosso, isso eu sou. **(Bruno, 50 anos, psicólogo)**

Outros dois entrevistados relataram situações limite que poderiam ter escalado para uma agressão maior caso não tivessem se controlado.

Quando eu namorei um cara que era alcoólatra, ele ficou bêbado e começou a me sacudir. Teve uma outra vez que ele ficou completamente bêbado, apareceu na minha casa, me pegou, foi me dar um beijo, mas mordeu a minha boca e aí foi a única vez que eu arrei um soco para dar na cara de alguém, mas não dei. Foi a única vez, porque aquilo já tinha passado do meu limite. **(Sílvia, 46 anos, arquiteto)**

Foi uma coisa quase tipo briga de rua, sabe? De se peitar, assim, mas não chegou a agressão de fato, não, ficou só nos empurrões. **(Thiago, 38 anos, designer)**

Tal como mencionado anteriormente nesta tese, a violência doméstica entre casais gays é um problema social grave com níveis de prevalência similares aos encontrados entre casais heterossexuais. Apesar do exemplo dos depoimentos

acima, infelizmente não fomos capazes de obter informações mais aprofundadas sobre este fenômeno durante as entrevistas realizadas para esta pesquisa. Não obstante, acreditamos que este tema deva ser melhor investigado em estudos posteriores, dedicados exclusivamente à análise da dinâmica da violência doméstica na conjugalidade homossexual.

A idéia de que o preconceito influenciaria no relacionamento amoroso entre dois homens foi corroborada por todos os sujeitos, exceto por um. Muitos mencionaram as restrições legais impostas a casais homossexuais, assim como a impossibilidade de realizar demonstrações físicas de afeto, tal como discutido anteriormente nesta tese.

Tem a dificuldade de você expressar publicamente o seu afeto. As restrições que a gente sofre. Questões legais também. Por exemplo, o meu companheiro é funcionário público em outro estado e se eu fosse mulher e a gente fosse casar ele podia conseguir uma transferência para o Rio. **(Leonardo, 43 anos, agente de viagens)**

A gente evita demonstrações públicas de carinho. Tipo, a gente não se beija na boca em público, ou a gente não sai andando de mão dada. **(Thiago, 38 anos, designer)**

Se você estiver despreparado para isso e, principalmente, se você tiver preconceito internalizado, influencia muito, mina o relacionamento. Mas se você está bem, tranquilo, se você tem orgulho de ser gay, acho que incentiva porque você vai junto com a pessoa dizer “somos gays mesmo e daí?”. Eu não ando de mãos dadas porque não dá ainda né? Mas nunca fizemos questão de disfarçar nada, nos restaurantes a gente sentava do lado. Claro que a gente tinha muita adversidade, muita gente que olhava virado, mas tinha gente que gostava muito e é incrível a manifestação positiva das pessoas. Elas vinham até nós e falavam: “que bonitinho, que casal fofo”. Evidente que a gente não freqüentava botequim da esquina. Também tem que ver que tipo de lugar você freqüenta. Então tinha os dois tipos de reação. Como não é legal ter preconceito aberto, é feio, nunca tivemos muito problema, mas na rua é claro que você tem que se resguardar um pouco. **(Jaime, 30 anos, psicólogo)**

Neste sentido, a constante manipulação de informação (Goffman, [1963] 1988) entre as vezes querer parecer ser um casal ou, ao contrário, passar despercebido, foi levantada pelo entrevistado abaixo:

A gente sai junto, é um casal, mas na verdade a gente não quer ser um casal, a gente quer parecer dois amigos andando num lugar, mas ao mesmo tempo a gente quer ser casal porque a gente percebe ao escolher uma coisa, que as pessoas percebem que estão falando com um casal e isso te dá uma alegria... Não é uma coisa montada, mas a gente começa como dois amigos, depois tem uma hora que a coisa se funde, em um jantar, uma conversa, ou para escolher alguma

coisa. Aí a gente se sente bem casal, mas ao mesmo tempo não. É como se a gente tivesse que ter uma postura do que as pessoas de fora vão estar observando da gente. Eu acho que existe as vezes esse cuidado, existe um certo receio de sofrer algum tipo de violência. **(Alexandre, 45 anos, administrador)**

Esta característica da relação homossexual também foi encontrada por Heilborn (2004) em suas entrevistas:

Parte-se aqui do ponto de vista de que a identidade de casal é situacional. Se, de um lado, é a esfera interna que provê a unidade da díade, de outro, é a dimensão externa, ao representar sua face pública, que reforça substancialmente a identidade. A clivagem interna/externa dessa identidade é particularmente acirrada no caso dos pares homossexuais, uma vez que, variando os contextos, tal identidade pode não ser reconhecida. (Heilborn, 2004: 142)

Dados semelhantes foram encontrados por DiPlacido (1998) e Ossana (2000), que mencionam que o preconceito faz com que muitos homossexuais tenham que monitorar constantemente suas respostas emocionais para não revelar inadvertidamente seus verdadeiros sentimentos. Em outras palavras, ao contrário dos heterossexuais, casais de gays precisam lidar diariamente com este tipo de encobrimento e com a inibição emocional que decorre dele. Tal como mencionado em alguns discursos acima, o preconceito internalizado também foi apontado por outros sujeitos, que mencionam que homossexuais não-assumidos possuiriam muitos entraves em coabitar com outro homem, visto que esta situação seria reveladora da homossexualidade. Dados similares foram encontrados pelas pesquisas de Harry (1988) e Reece (1988).

Por exemplo, morar junto. As vezes um dos parceiros não está disponível para bancar isso. Eu acho que isso pode ser um problema. A coisa da família, do trabalho, isso pode afetar sim o relacionamento de um casal homossexual. A própria sociedade, os vizinhos. As pessoas vão saber direta ou indiretamente que tem duas pessoas do mesmo sexo morando junto, ou as pessoas estão sempre vendo aquelas duas pessoas juntas em situações sociais. **(Gabriel, 49 anos, psicólogo)**

Inventar estórias para não revelar o relacionamento homossexual, assim como mentir para o parceiro com o objetivo de evitar assumir a relação perante outras pessoas, foi apontada por diversos sujeitos. De fato, muitos entrevistados disseram que eles mesmos já deixaram de levar seus companheiros para eventos familiares ou de trabalho, enquanto outros mencionaram terem passado por

situações desta natureza em relacionamentos anteriores. Em alguns casos os relacionamentos acabaram devido à quebra de confiança entre os parceiros.

Chegava no final de ano, ia ter festa da empresa e todo mundo aparecia lá com seus respectivos e eu ia sempre sozinho, só que eu tinha uma pessoa, mas eu omitia ele. Então, por exemplo, quando eu fui assinar o apartamento, eu chamei o meu chefe aqui para jantar, porque eu tenho uma relação de amizade com ele, mas eu pedi para o meu companheiro ir embora, passar o final de semana na casa dos pais. Ele fazia festa de aniversário, me chamava, e eu não levava meu companheiro. As vezes eu falo para meu companheiro falar baixo, que ninguém precisa saber que a gente é gay. Aí ele fala: “que bobeira! A gente mora aqui, ninguém paga as nossas contas, o que as pessoas tem a ver com isso?”. Ele lida muito melhor do que eu. Eu ainda tenho medo, tenho uns entraves. **(Pedro, 33 anos, publicitário)**

Por exemplo, ter que ir a determinados lugares e arranjar uma desculpa qualquer para não levá-lo, para não ter que assumir. Coisas de trabalho, de família. Isso pode influenciar porque a pessoa fica chateada e fala: “por que eu não vou? Você tem vergonha de mim? Está evitando que eu conheça seus amigos?”. **(Márcio, 55 anos, advogado aposentado)**

Como nos apontam Johnson e Keren (1996), quando, por preconceito, a família de origem de um homossexual se recusa a convidar o parceiro deste para um evento familiar, o sujeito é deixado na difícil posição de ter que escolher entre seu companheiro e sua família. Não obstante esta situação, grande parte dos entrevistados mencionou que tantos suas famílias de origem quanto as de seus companheiros apoiavam o relacionamento. Alguns sujeitos relataram que suas próprias mães tinham uma relação melhor com seus companheiros do que com eles mesmos. Outros apontaram para a importância de serem tratados como um “casal”, atitude evidenciada, por exemplo, no fato dos pais fazerem camas de casal para eles ou de comprarem presentes para a “casa nova”.

A minha família apóia meu relacionamento sim, gostam muito dele. Minha irmã adora ele, minha afilhada também. O meu outro namorado, quando eu estava viajando, às vezes ficava aqui, levava meu pai ao cinema, levava minha mãe para sair. **(Jorge, 45 anos, empresário)**

Meus pais adoravam meu ex-namorado, adoram meu atual namorado também. ADORAM, e fazem perguntas, e fazem cama de casal quando a gente dorme lá. Isso é fantástico, né? **(Inácio, 38 anos, diretor de Centro Cultural)**

Os meus irmãos todos se dão super bem com ele e meu irmão mais velho é nosso fiador no apartamento. A gente está sempre junto nas festas. A família dele apóia também. A mãe dele manda presentes para a gente. A primeira vez que eu fui na casa dos pais dele, eu estava “pisando em ovos”, mas a mãe dele veio

logo com um presentinho, jogos de toalhas e roupa de cama. Ela tinha arrumado uma cama de casal para a gente. O pai dele estava mais retraído, mas eu cheguei, fui conversando com ele e daqui há pouco ele estava tranqüilíssimo. Hoje em dia o pai dele liga para mim, diz que está com saudade, pergunta quando é que eu vou para lá. **(Thiago, 38 anos, designer)**

Um entrevistado em particular se queixou de que o apoio excessivo de sua irmã ao seu relacionamento anterior estava prejudicando a relação de ambos.

Minha família apóia mais do que eu gostaria porque hoje, por exemplo, eu estou com um problema com a minha irmã porque ela acha um absurdo eu ter terminado com meu ex-companheiro para ficar com o atual. Ela chega a me agredir verbalmente. A minha irmã está puta comigo há 1 ano porque eu acabei com o meu ex. Eu falo “se você gosta tanto dele, casa com ele, ele está solteiro ainda”. **(Fabiano, 36 anos, antropólogo)**

Perguntado sobre o motivo pelo qual ele acreditava que sua família apoiava seu relacionamento, um dos entrevistados deu a seguinte resposta:

Eles encararam de maneira positiva porque eu me juntei a pessoas boas. A minha mãe deve pensar: “bom, meu filho é gay, mas é melhor ele estar em um relacionamento sério com alguém que não fuma, que não bebe, que não se droga, que não vive na noite e tal, do que ele estar aí, solto na vida”. E aí fica mais fácil aceitar. **(Pedro, 33 anos, publicitário)**

Apesar dos entrevistados acima terem tido seus relacionamentos aceitos por suas famílias, 2 sujeitos se queixaram de que este não era, necessariamente, o caso. O primeiro indivíduo menciona que não obstante uma rejeição de muitos anos, atualmente sua família aceita seu relacionamento, enquanto que outro se ressentido do fato dos pais chamarem seu namorado de “amigo”. Tal como nos aponta Heilborn (2004), “*A denominação como ‘amigo(a)’ torna-se ambígua, já que, por um lado, a condição de parceiro é reconhecida e, por outro, desqualificada*” (Heilborn, 2004: 142). Estes dados são corroborados por LaSala (1998), que menciona que apesar do grau de apoio familiar aumentar com o passar dos anos, em diversos casos ele tende a ser muito pequeno.

Sempre freqüentaram muito pouco a minha casa. Durante muitos anos o meu companheiro não ia na casa da minha mãe, eles só se viam na casa das minhas primas e da minha irmã. Mas meus sobrinhos hoje chamam ele de tio, já nasceram sabendo disso e tratando da mesma forma. **(Márcio, 55 anos, advogado aposentado)**

Ela sempre falava “seu amigo”. Partindo desse ponto, sempre apoiaram o “amigo”, nunca tiveram nada contra, mas nunca falaram “seu namorado”. Isso é triste, me deixa chateado. **(Jaime, 30 anos, psicólogo)**

No que se refere ao apoio da comunidade gay a relacionamentos de longo prazo, alguns entrevistados mencionaram que ele tende a ocorrer, teoricamente, dentro das reivindicações do movimento homossexual. A maioria dos sujeitos, no entanto, parece concordar com a idéia de que, na prática, a comunidade gay não favorece relacionamentos duradouros, pois estimularia o sexo e a rotatividade de parceiros. A fala de que “as pessoas dizem querer um relacionamento estável no discurso, mas não na prática” foi verbalizada por diversos sujeitos.

No discurso sim, até para evitar a promiscuidade, uma proteção contra as DST's, a AIDS, etc. Agora, na prática, é uma galinhagem, uma putaria, uma sacanagem generalizada. **(Otávio, 44 anos, professor)**

Na comunidade gay aqui da zona sul não tem muito espaço para esses relacionamentos duradouros, embora teoricamente todos estão à procura de relacionamentos duradouros. As pessoas dizem que querem encontrar alguém, mas fica muito difícil você sustentar um relacionamento vivendo a coisa da noite, do culto ao físico demais, de um narcisismo exagerado. **(Leonardo, 43 anos, agente de viagens)**

As pessoas falam “Meu sonho é encontrar uma pessoa legal, casar, ter uma vida boa” mas ninguém faz um esforço para isso. Todo mundo quer, mas ninguém age nessa direção. As pessoas estão sempre querendo novidade. Parece que o gay está sempre buscando uma coisa nova, sempre achando que o outro cara vai ser melhor, então eu acho que as pessoas não estão parando e vendo que para viver a dois você tem que abrir mão de muita coisa. **(Márcio, 55 anos, advogado aposentado)**

Heilborn (2004) encontrou dados semelhantes aos nossos: “*Os entrevistados tendem a enfatizar a variedade de opções abertas para os homens homossexuais, e crêem que a variedade ofertada é razão direta da não valorização da relação estável. Há oferta em excesso; daí a tentação de mudança contínua de parceiros*” (Heilborn, 2004: 188). Isto não significa, no entanto, que não existam relacionamentos homossexuais de longa duração, tal como ficou evidente entre os indivíduos entrevistados por nós. Não obstante, sujeitos com relacionamentos estáveis dizem evitar freqüentar determinados lugares da comunidade gay com o intuito de preservar estas relações, dados estes também encontrados pela autora citada acima. Tal como nos aponta Meyer (1989), visto que a comunidade homossexual parece não oferecer apoio a casais homossexuais,

muitos indivíduos deixem de frequentar certos ambientes como uma forma de proteger seus relacionamentos.

Se você vai para uma boate gay sozinho, você entra lá, fica horas e vai paquerar um ou outro, talvez. Mas se você for com namorado chovem 500 homens na tua área. O gay disputa muito com o outro. Se você for a um lugar com seu namorado, as pessoas vão te paquerar para ver se interfere na relação. **(Sílvia, 46 anos, arquiteto)**

Quando alguns gays vêem alguém muito bem, pensam: “nossa fulano está há tanto tempo com sicrano...”. E a gente percebe isso. Se eu chego com meu namorado em algum lugar gay e a gente está junto, pode ter certeza que vai ter muita gente me cantando e cantando ele também. As pessoas pensam: “nossa, eles estão sempre juntos e tal, deve ter alguma coisa de diferente nisso”. As pessoas querem saber o que que fulano tem de diferente que consegue manter uma relação. **(Alexandre, 45 anos, administrador)**

O tema dos filhos foi introduzido espontaneamente pelo sujeito que participou da primeira entrevista piloto. Decidimos inserir uma pergunta sobre este assunto nas entrevistas subseqüentes por acreditarmos que ele pudesse dar origem a associações relacionadas com preconceito internalizado. Alguns sujeitos disseram não querer ter filhos por não gostarem de crianças, enquanto outros relataram que já pensaram em adotar mas desistiram por uma série de motivos distintos. Outros entrevistados mencionaram que gostariam de ter filhos mas que não pretendem tê-los, seja porque são HIV-positivo, porque possuem uma relação complicada com a própria mãe (e tem medo de reproduzi-la em um filho), seja porque querem ter um filho biológico mas não desejam ter que recorrer a “barrigas de aluguel” ou a um relacionamento com uma mulher heterossexual.

Dentre aqueles que desejam ter filhos a maioria colocou a adoção como o caminho mais viável para a realização deste desejo, vontade esta que em alguns casos era individual e em outros era do casal. Muitos dos entrevistados que não tinham filhos eram donos de animais de estimação ou exerciam sua paternidade através do cuidado com sobrinhos e afilhados. Dois sujeitos ajudavam a criar filhos de seus companheiros, frutos de casamentos heterossexuais anteriores. Com relação mais especificamente a preconceito 3 sujeitos disseram que apesar de serem homossexuais assumidos, não gostariam que um de seus sobrinhos fosse gay, equacionando “ser gay” com “sofrimento”.

Eu mesmo sendo gay e tendo um sobrinho... eu quero que ele nunca seja porque eu sei que ele vai sofrer, como eu sofri. **(Pedro, 33 anos, publicitário)**

Eu não tenho problemas de preconceito, mas se um sobrinho meu chegar e disser para mim que é gay, eu vou pensar “coitado, vai sofrer uma barra danada”. Até parece um contra-senso de uma pessoa que diz que é uma libertação, que é tudo legal, mas eu sei que o processo é muito demorado, muito dolorido. **(Sílvia, 46 anos, arquiteto)**

Eu te digo com toda sinceridade: eu sou assumido, tenho orgulho do que sou, eu gosto do que faço, mas eu morro de medo que um sobrinho meu venha a se tornar gay. Pela barra que é. É matar um leão a cada dia. **(Bruno, 50 anos, psicólogo)**

Outros entrevistados falaram sobre a frustração em não terem filhos, o preconceito que recai sobre crianças com pais homossexuais e o medo de um futuro solitário sem filhos.

Já pensei em ter filhos sim. Isso é uma coisa que eu acho que pesa. Pra mim pelo menos, tem gente que fala que não. Chegou um momento em que eu pensei: poxa, não vou ter filhos, né? Eu gosto muito de criança. A gente transfere um pouco isso para sobrinho. Sou o tiozão deles e tal. Mas isso ficou; é meio frustrante. **(Márcio, 55 anos, advogado aposentado)**

Dá uma ponta de tristeza... E tem também a coisa de pensar no futuro. Eu não quero um filho para me sustentar, não é isso, mas no futuro quem é que vai estar junto? Eu tenho que fazer um esforço maior para prever o meu futuro porque eu não vou ter ninguém para me sustentar, me apoiar, porque eu não vou ter filhos. Um gay com 60 anos vai ter o que? Os amigos. Porque você só tem seus amigos. **(Pedro, 33 anos, publicitário)**

Lembramos que apesar de não termos investigado o tema da parentalidade homossexual nesta tese, diversos estudos vem sendo realizados sobre este assunto. Neste sentido, enquanto que a literatura norte-americana e européia sobre o tema é vasta tanto em material acadêmico quanto de auto-ajuda (e. g. Cadoret, 2002; Lev, 2004; Nadaud, 2002), estudos nacionais ainda são recentes e limitados a dissertações e teses (e. g. Santos, 2005; Souza, 2005; Tarnovski, 2002; Uziel, 2002).

Sexualidade

Perguntados sobre monogamia, apenas 2 entrevistados relataram que eram monogâmicos em seus relacionamentos, seja por não acreditarem em relacionamentos “abertos”, seja por preocupações com sua saúde. Outros mencionaram que a monogamia era um ideal difícil de ser seguido, e que esta devia ser uma escolha pessoal e não uma imposição social. Para a maioria dos entrevistados, no entanto, a monogamia é uma escolha negociada pelos parceiros, podendo adotar diferentes formatos de acordo com a situação. Estes dados são corroborados por diversos estudos (Féres-Carneiro, 1997; Johnson & Keren, 1996; Peplau & Gordon, 1991), que postulam que casais homossexuais masculinos tendem a ser menos monogâmicos em seus relacionamentos do que casais de heterossexuais ou lésbicas.

Eu acho que o mais importante é o que você estabelece como código de relação e isso tem que ser respeitado. Se o código é monogamia, que ele seja respeitado, se não, que ele seja respeitado também. **(Inácio, 38 anos, diretor de Centro Cultural)**

Esse negócio de relacionamento estável não vou dizer que não seja bom, é bom, mas eu me relaciono com várias pessoas ao mesmo tempo, eu sou capaz de me apaixonar por várias pessoas diferentes que me atraem por coisas diferentes que elas têm a me oferecer e eu a elas. Eu acho que a monogamia tem as suas vantagens, mas eu não sei se queria isso para mim não. Talvez um modelo monogâmico, mas meio aberto, mas explicitamente aberto, tipo: “nós temos entre nós um relacionamento em princípio monogâmico, nós somos o companheiro um do outro, mas se de vez em quando acontecer uma pulada de cerca...” Pode até ser uma pulada de cerca conjunta do casal. **(Otávio, 44 anos, professor)**

Você pode ter um relacionamento e ter outras pessoas ao mesmo tempo também. Não é promiscuidade, é diferente, você não deve esconder isso do seu parceiro. Deve dizer; “olha, eu amo você mas eu não consigo ser monogâmico, preciso ter outras pessoas”. **(Jaime, 30 anos, psicólogo)**

Estes mesmos sujeitos também faziam a separação entre *fidelidade amorosa* (que sempre é considerada uma traição) e *fidelidade sexual* (que não é, necessariamente, considerada uma traição), dados similares aos encontrados por outras pesquisas (Blumstein & Schwartz, 1983; Féres-Carneiro, 1999; Green e cols., 1996). Independente de quais fossem as regras estabelecidas pelo casal, a lealdade e o respeito deveriam ser mantidos em todas as circunstâncias.

Sempre fui fiel afetivamente, eu podia ter relações diversas, mas eu sempre carreguei no coração um afeto especial por A ou B. Eu consegui separar muito cedo isso. **(Gustavo, 43 anos, advogado)**

Se eu estou com uma pessoa é porque eu gosto dessa pessoa, mas isso independe de eu ter atração física por outra pessoa, de ir lá, transar. Eu não faço isso hoje, porque seria um choque tão grande para a pessoa com a qual eu convivo... No relacionamento anterior que eu vivi, isso era uma coisa normal. E como podia se fazia menos, porque como não era proibido, não era excitante. **(Alexandre, 45 anos, administrador)**

Na realidade, eu faço divisão entre gostar e não gostar. Nunca, em momento nenhum, das pessoas com as que eu transei, eu contei estória, nada. Transei porque estava com vontade, a taxa de hormônio foi lá para cima, gostei da estampa, gostei do papo, fui lá e acabou. Lavou, guardou, está bom. Então, isso para mim de fidelidade, é besteira. A pessoa com que eu estou eu gosto, gosto sexualmente e gosto como pessoa. Agora, se vai ter uma historinha fora, não tem problema. A gente sabe que acontece mesmo. Nunca em momento nenhum, quando a gente está junto eu olho para ninguém, porque eu acho que é uma coisa de falta de respeito. Eu não gosto dessa estória. Se eu estou sozinho a vida é minha, mas se eu estou com alguém a vida é nossa, é diferente. **(Bruno, 50 anos, psicólogo)**

Perguntados sobre o motivo pelo qual os homossexuais masculinos fariam esta divisão, os entrevistados mencionaram que ela estava relacionada à masculinidade e não a características inerentes à homossexualidade. De fato, a socialização de gênero na nossa cultura ensina homens a serem mais interessados em sexo e em variedade sexual, do que mulheres (Nunan, 2003). Desta forma, os gays, por terem sido socializados como homens, seriam capazes de separar amor e sexo e, portanto, desfrutar de sexo casual sem envolvimento emocional e sem que este comportamento seja considerado uma traição (Almeida Neto, 1999).

Eu faço a divisão entre monogamia amorosa e sexual. Tenho amigas que falam que isso é preconceito gay, mas eu acho que isso é coisa de homem. Apesar de eu ser homossexual eu tenho cabeça de homem, é diferente. O homem resiste menos a isso porque é assim que ele foi educado. O homem transa com quem ele quer, porque não precisa ser por amor. A mulher tem uma coisa muito mais de recato. É por isso que eu acho que a relação gay monogâmica fiel sexualmente não existe, porque são dois homens e homem não é assim. Para o homem é mais fácil transar sem amor, sem envolvimento. **(Márcio, 55 anos, advogado aposentado)**

A teoria de que homens seriam socializados para valorizarem sexo também foi utilizada pelos entrevistados para explicar o motivo pelo qual os homossexuais masculinos teriam uma vida sexual mais ativa, quando comparados a lésbicas ou a heterossexuais. Outros sujeitos mencionaram que os homens não só valorizam

mais o sexo do que as mulheres como têm uma maior necessidade física de dar vazão aos seus desejos. Em outras palavras, uma atividade sexual exacerbada presente em alguns setores da comunidade gay seria uma característica da sexualidade masculina, e não da sexualidade homossexual, dados estes que também foram verificados por Burr (1996).

Eu acho que a questão sexual masculina passa por uma necessidade física que a mulher não tem. A minha necessidade sexual é física. Eu consigo separar a minha necessidade sexual da minha necessidade afetiva. E eu tenho necessidades sexuais, eu preciso fazer sexo, e acho que isso acontece com o gay masculino. Tanto é que determinadas coisas existem por causa dessa necessidade masculina, termas, saunas, sex shop com cabine. É para você ir lá resolver e pronto. Ninguém tem telefone de ninguém, ninguém tem nome de ninguém. Daí vem a estória da promiscuidade. **(Inácio, 38 anos, diretor de Centro Cultural)**

Assim como o entrevistado acima, nenhum dos sujeitos disse que esta maior atividade sexual (ou “promiscuidade” tal como a definiram alguns indivíduos) era uma característica homossexual, apenas que certos elementos da subcultura gay favoreciam uma vida sexual mais “visível”. Perguntados sobre o motivo deste fenômeno, os entrevistados disseram que o “mundo gay” facilitaria a troca de parceiros, e que existiriam muito mais oportunidades para um homem fazer sexo com outro homem, do que para um homem ter relações com uma mulher. Para estes sujeitos, grande parte da vida de alguns gays gira em torno de sexo anônimo (disponível em bares, saunas, boates, quartos escuros, parques, estacionamentos e banheiros públicos), mas afirmam que eles mesmos não participam deste circuito de sexo casual por considerá-lo insatisfatório e fútil. Tal como nos aponta Costa (1992), esta “sexualidade clandestina”, não é uma característica inerente à homossexualidade, mas uma consequência da exclusão social vivenciada por estes sujeitos, que os impede de viver publicamente seus relacionamentos amorosos.

Os gays procuram muito sexo. Se você vai a qualquer banheiro público você vê gente transando, no cinema também. Sauna gay é o que mais existe. Eu acho que isso é uma coisa muito marcada para o gay. O gay é muito imediatista, conheceu, não sabe nem o nome e já está transando, leva até para casa. Os gays transam muito entre si por causa dessa falta de seletividade, do prazer imediato, do gozar pelo gozar. **(Felipe, 52 anos, psicólogo)**

É muito mais fácil. O gay não tem os bloqueios que foram colocados nas mulheres na infância. Eu vejo muito mais essa coisa da promiscuidade, da vida

sexual mais ativa, no mundo gay sim. Se você vai a um cinema no centro da cidade e quiser transar com um homem é a coisa mais fácil do mundo. **(Silvio, 46 anos, arquiteto)**

Discordando dos entrevistados acima, alguns indivíduos acreditam que os homossexuais não possuem uma vida sexual mais ativa do que os heterossexuais e que esta crença é um “mito” fruto do preconceito. Para eles a “promiscuidade” seria uma característica individual, desvinculada da homossexualidade.

Outro estereótipo bastante prevalente com relação à homossexualidade é que os homossexuais se dividiriam em *ativos* e *passivos*, papéis sexuais estes que reproduziriam uma relação heterossexual. Ao contrário do que ocorreu em Nunan (2001), onde obtivemos dados contraditórios (isto é, metade dos sujeitos pesquisados relataram que existia a divisão entre gays ativos e passivos, enquanto a outra metade discordava desta afirmação), todos os entrevistados para esta tese concordam com a idéia de que existe uma forte divisão, dentro da comunidade gay carioca, entre homossexuais ativos e passivos. Estes dados, por sua vez, foram corroborados pelas pesquisas de Féres-Carneiro (1997) e Heilborn (2004), que encontraram uma presença marcante do modelo atividade/passividade na prática sexual dos homossexuais masculinos brasileiros.

Nesses sites de relacionamento tem muito isso, de a pessoa querer saber antes se você é ativo ou passivo e tem uns que dizem que são “100% ativos”, e tem outros que pedem “eu quero que seja 100% ativo”. O passivo faz questão que o ativo seja 100% ativo. Eu acho que isso faz parte desse culto à hipermasculinidade e está carregado de preconceito. **(Leonardo, 43 anos, agente de viagens)**

Existe essa divisão sim. Existe até em anúncios. Você vê em revistas, em sites de bate-papo. As pessoas falam “só quero passivos” ou “não aceito passivos”. Porque na maioria das vezes o passivo é interpretado como efeminado. Não tem nada a ver, mas muita gente faz essa associação. **(Pedro, 33 anos, publicitário)**

Tal como postulado pelo entrevistado acima, alguns sujeitos mencionaram que o gay que se define como passivo é associado com a figura feminina e sofre preconceito tanto da sociedade mais ampla como dos próprios homossexuais, tema este que discutimos no capítulo sobre identidade homossexual no Brasil e nas culturas latinas.

Eu sempre digo que o ativo é melhor compreendido pela nossa sociedade do que o passivo, porque tem aquela questão do gênero, da associação com o feminino. Socialmente, mesmo no meio homossexual, ser ativo é mais bem visto. Mas eu digo: “gente, eles são ativos com quem?”. Se é mais bonito, mais digno, ser ativo, quem contribui para isso? Quer dizer, são as incoerências, as loucuras. **(Gustavo, 43 anos, advogado)**

A sociedade tem a noção de que homossexual é sinônimo de feminino, logo é mulher. Isso ainda é uma representação muito forte nos dias de hoje. Então homossexual é passivo. **(Gabriel, 49 anos, psicólogo)**

Com relação à passividade sexual ser associada à feminilidade e, portanto, desvirilizar o homem, alguns sujeitos se referiram ao sistema de gêneros brasileiro que, tal como discutido anteriormente, divide os indivíduos em duas categorias: o *homem* (ativo) e a *bicha* (passiva). Este sistema, característico das culturas latinas, foi contraposto ao modelo norte-americano onde qualquer pessoa que tenha relações sexuais com um membro do mesmo sexo biológico é considerada homossexual, independente de adotar uma postura ativa ou passiva. Em outras palavras, a identidade gay transcenderia os papéis sexuais, o que não ocorre, necessariamente, no Brasil.

Tem gente que é ativo e que por conta disso não se considera homossexual, o que é um grave equívoco. **(Otávio, 44 anos, professor)**

Quando eu comecei a minha vida sexual eu aprendi que gay era o que dava. E o meu problema começou justamente aí, porque eu não tinha vontade de fazer só isso. Eu achava que eu era errado dentro de uma coisa que já era uma aberração. **(Sílvio, 46 anos, arquiteto)**

E aí entra o preconceito porque tem gente que fala assim: “eu não sou gay, eu só como”. Ou: “Eu sou ativo, então eu sou melhor do que você”. Eu acho que no relacionamento sexo é igual para todos. **(Jorge, 45 anos, empresário)**

Apesar da pergunta ter sido genérica, alguns entrevistados mencionaram, espontaneamente, suas preferências sexuais. Outros, por sua vez, se declararam “versáteis” (isto é, são tanto ativos como passivos) ou “flex” (uma alusão a alguns modelos de automóveis que funcionam tanto com gasolina quanto com álcool). Para estes entrevistados, categorizar-se como exclusivamente ativo ou passivo é uma “bobagem”, pois acreditam que as posturas sexuais variam de acordo com os relacionamentos.

No que se refere ao tema do comportamento sexual todos os entrevistados demonstraram um elevado grau de preocupação com a AIDS e com as formas de

preveni-la, sobretudo através do uso de preservativos, dados estes corroborados por Féres-Carneiro (1999). Enquanto que alguns indivíduos disseram que só fazem sexo com preservativo (mesmo com namorados ou companheiros), outros mencionaram que utilizam camisinha em relações sexuais com estranhos, mas optam por não usá-la com parceiros fixos, desde que exista um “pacto de fidelidade” entre ambos. Alguns entrevistados mencionaram também que se submetem a exames de HIV com frequência, ao passo que outros disseram que quando fazem sexo com desconhecidos adotam posições “seguras” (tais como evitar penetração anal e sexo oral com ejaculação na boca, por exemplo). O temor com relação à AIDS, no entanto, parece ser muito forte, sobretudo entre os indivíduos mais velhos da nossa amostra que vivenciaram o início da epidemia e perderam diversos amigos e companheiros.

Tem que se proteger, tem que pensar muito nisso porque eu estou com 45 anos e eu peguei a AIDS na época braba. Quando a AIDS apareceu eu perdi 19 amigos. **(Jorge, 45 anos, empresário)**

Eu venho de uma geração que viveu o *boom* da AIDS. Tipo 85 eu era adolescente, tinha 15 anos. Eu vivi esse processo desde o início. Todos da minha geração têm muitos amigos que morreram, então nós que sobrevivemos lidamos com a AIDS de forma menos mítica, é mais realidade do que mito, porque se esteve tão próximo. Nos anos 80 quem tinha AIDS morria e pronto. Quem passou por esse tratamento de choque dos anos 80 se cuida. **(Fabiano, 36 anos, antropólogo)**

Eu vivi isso bem de perto. Eu tive situações de amigos meus que morreram e eu uso camisinha há 17 anos. Teve uma época que eu comecei a descobrir que a coisa não era longe não. Isso deu para mim uma mudança grande. Eu me lembro quando eu vi o primeiro caso de AIDS no Brasil, eu tinha 21 anos... Eu perdi muitos amigos. Eu cheguei a um ponto de abrir minha agenda e cortar 3 nomes, um em baixo do outro. Foi uma coisa que eu vivenciei de forma muito forte, era um monstro. **(Sílvia, 46 anos, arquiteto)**

Alguns sujeitos mencionaram o aumento dos índices de contaminação entre homossexuais jovens, posto que estes não vivenciaram o surgimento da epidemia de AIDS e, portanto, acreditam que esta é uma doença que pode ser controlada através de medicação. Apesar de não termos feito perguntas especificamente sobre status sorológico, 2 entrevistados revelaram espontaneamente que eram HIV-positivos. Um destes, diagnosticado há 1 ano, mencionou que ainda não havia dado a notícia para a sua família e que pouquíssimas pessoas sabiam de sua condição. O outro, diagnosticado desde

1985, isto é, durante o *boom* da epidemia de AIDS, falou sobre como era ser HIV-positivo naquela época.

Na época, ser HIV-positivo significava a morte, ao ponto de amigas da minha mãe fazerem prece na minha casa. A sensação que eu tinha era que eu ia morrer, eu estava condenado em breve a morrer. Eu pensava “o próximo sou eu”.
(Felipe, 52 anos, psicólogo)

O sujeito acima também revelou ter experienciado um grau elevado de preconceito internalizado no momento em que foi diagnosticado como HIV-positivo, sobretudo porque, tal como nos aponta Barcelos (1998), na época, a associação entre homossexualidade, doença e promiscuidade era muito grande. Em outras palavras, acreditava-se que os homossexuais eram culpados pelo surgimento da doença. Esta informação é corroborada por Nicholson e Long (1990), que postulam que homossexuais HIV-positivo que sofrem de preconceito internalizado tendem a se culpar pela doença.

Depois que eu constatei isso, eu tive preconceito comigo e achei que todo mundo iria me rejeitar. Eu tive muito preconceito em relação a mim, em ser HIV-positivo. Eu internalizei o preconceito externo da promiscuidade, da homossexualidade, e a partir daí eu tive muita dificuldade em me relacionar. Eu achei que o HIV era uma punição. Depois eu vi que aquilo seria uma marca na minha vida, como se eu tivesse uma ficha de antecedente criminal, como se eu tivesse pego carona no preconceito externo do outro achando que eu era promíscuo. (Felipe, 52 anos, psicólogo)

Ambos sujeitos mencionaram que o mais difícil de ser HIV-positivo era o preconceito das demais pessoas, sobretudo possíveis parceiros, e que, como medo de serem rejeitados, oscilavam entre revelar ou não seu status sorológico. De fato, tal como postula Terto Jr. (1996), revelar-se HIV-positivo possui muitos elementos em comum com a assunção da homossexualidade, pois frequentemente o sujeito oscila entre contar ou não contar, a quem, como e quando.

Mas o mais difícil - e isso é uma coisa que todas as pessoas soropositivas falam - é o seu relacionamento com o outro. Quando você encontra uma pessoa pela qual você se apaixona, que você acha que pode ter uma relação legal... Tem determinadas pessoas que contam e outras que não falam nada. E eu estou vivendo isso agora. Falo ou não falo? Porque se você sempre se cuidar você vai estar protegendo os outros da mesma forma. Agora, o que é difícil não é nem esse aspecto, mas se você vai dividir a sua vida com alguém, vai namorar, é muito difícil você esconder uma coisa dessas que é tão importante. Eu estou tentando

lidar com isso. Ainda existe um preconceito muito grande. **(Márcio, 55 anos, advogado aposentado)**

O preconceito contra indivíduos HIV-positivo ainda parece ser grande dentro da própria comunidade homossexual, o que teria estimulado o surgimento de grupos de relacionamento voltados especificamente para este setor da população.

É aquela estória também de de repente você não se sentir sozinho, sabe? Assim como quando eu descobri que era homossexual, fui numa boate e vi que não era só eu, quando você começa a conversar com as pessoas você vê que muita gente tem. Claro que no começo você fala para muito pouca gente, mas eu falei para 2 amigos e um deles falou: “e daí? Eu também sou.”. Isso ajudou muito a eu mesmo entender que isso não era o fim do mundo. **(Márcio, 55 anos, advogado aposentado)**

Perguntados especificamente sobre *barebacking* a maioria dos entrevistados disse estar ciente do fenômeno, apesar de não praticá-lo por considerá-lo uma “maluquice” e uma “roleta russa”. De acordo com estes sujeitos, apesar do *barebacking* ter surgido nos Estados Unidos ele estaria se disseminando rapidamente pelo Brasil, sobretudo através da internet, tal como apontam Halkitis e cols. (2003). Alguns indivíduos, no entanto, se questionam até que ponto a prática do *barebacking* não seria mais uma fantasia do que uma realidade.

Acho uma maluquice. Acho uma roleta russa com direito a 5 balas no tambor de um revólver com 6. É uma coisa que tá direto, você vê em salas de bate-papo na internet. Tudo bem que muita coisa ali é fantasia, nem acontece, mas essa coisa do *barebacking*... Nos Estados Unidos começou forte e no Brasil já está forte. **(Sílvia, 46 anos, arquiteto)**

Acho isso uma doideira. Isso veio da internet. Mas eu fico pensando que essa coisa da internet é muita fantasia também, as pessoas escrevem coisas ali que não necessariamente vão fazer. Tem muita gente falando disso, tem salas de *barebacking*, sites, fotos. **(Márcio, 55 anos, advogado aposentado)**

A maioria dos sujeitos condena a o *barebacking*, seja porque eles mesmos são HIV-positivos e estariam se comportando como “assassinos”, seja porque acreditam que esta prática dissemina o HIV.

Eu condeno isso. Imagina?! Não passa pela minha cabeça. Eu acho que isso é ser assassino. Imagina eu sendo HIV-positivo ter um sexo sem preservativo? De jeito nenhum. **(Felipe, 52 anos, psicólogo)**

Eu diria que eu tenho muita raiva dessa gente, mas eu não posso ter raiva, eles são assim porque eles são. Eu acho que se você quer fazer sexo sem camisinha e buscar isso você pode desde que você diga para o seu companheiro que você sempre faz isso, que é isso que você quer e que você pode estar contaminado sim porque você não sabe. Mas eles não fazem isso. Eles querem transar sem camisinha e afirmam para você que eles não têm nada. Como é que eles sabem? E a maioria deles não faz exame. Eles não estão muito preocupados com isso. **(Jaime, 30 anos, psicólogo)**

Perguntados sobre o motivo pelo qual determinados indivíduos fariam *barebacking*, alguns entrevistados disseram que a prática poderia ser excitante devido ao elevado risco de contaminação, tal como postulado por alguns estudos (Gauthier & Forsyth, 1999; Gus, 2000; Jesus, 2002; Mansergh e cols., 2002). Para outros sujeitos, muitas pessoas (independente da orientação sexual) não gostam de usar preservativo e acreditam que o sexo desprotegido é muito mais prazeroso. Para nossos entrevistados, enquanto que as gerações que vivenciaram o surgimento da AIDS seriam bastante conscientes quanto à importância do sexo seguro, indivíduos mais novos acreditariam que a AIDS é uma doença crônica que pode ser controlada com medicação. Estes dados são corroborados por uma série de estudos (Dean e cols., 2000; Dilley e cols., 1997; Kalichman e cols. 1998; Kelly e cols., 1998; Marinho, 2004; Silva e cols., 2004; Venable e cols. 2000).

Com o movimento da medicação, do coquetel, as pessoas começaram a ver que não estavam morrendo mais e começaram a achar que aquilo não tinha problema porque “se eu pegar e ficar positivo eu tomo remédio e não vai me acontecer nada”. E não é bem assim, né? No caso do *barebacking* as pessoas acharam que como tem medicação, elas não precisam se cuidar. **(Márcio, 55 anos, advogado aposentado)**

Hoje em dia o fato de alguém ser soropositivo não é mais a sentença de morte que era há 20 anos atrás. No início da epidemia da AIDS alguém se descobrir soropositivo era uma sentença de morte, a pessoa sabia que ia morrer. Aí dependendo da entrega pessoal, da resistência àquele quadro, do tratamento que tivesse, durava mais ou menos. Hoje o soropositivo é um doente crônico, como um hipertenso, um diabético. **(Otávio, 44 anos, professor)**

Alguns sujeitos, no entanto, acreditam que o *barebacking* é, na verdade, uma espécie de “suicídio”, um comportamento que alguns homossexuais adotam devido a uma “não aceitação pessoal” ou uma culpa por serem homossexuais. Tal como postulam alguns autores (Friedman & Downey, 1994; Odets, 1995), estes sentimentos parecem estar ligados ao preconceito internalizado.

Eu fico pensando: será que as pessoas não vão para esses encontros por causa de uma culpa? Para materializar uma repulsa, uma não-aceitação pessoal? Tem gente que se deixa contaminar porque não se aceita como homossexual. Isso é uma coisa inconsciente. **(Gabriel, 49 anos, psicólogo)**

Acho que é uma prática que revela uma auto-estima muito baixa, porque hoje em dia a informação é absurdamente disseminada. Então o *barebacking* seria uma tendência meio suicida. **(Otávio, 44 anos, professor)**

Um outro entrevistado menciona que muitos homossexuais praticariam o *barebacking* porque são HIV-positivos e acreditam não terem mais nada a perder, a despeito dos perigos da re-infecção.

Tem pessoas que pensam: “Ah, dane-se. Já que eu estou contaminado, então a pessoa que estiver comigo que trate de usar”. Eu acho que hoje infelizmente existe essa filosofia de transar sem camisinha porque “eu já estou ferrado mesmo”. **(Jorge, 45 anos, empresário)**

Com relação ao *bug chasing*, muitos entrevistados disseram não conhecer este fenômeno. Depois de oferecermos uma breve explicação, estes mesmos sujeitos revelaram que já tinham ouvido falar nesta prática, apesar de não saberem que ela tinha este nome. De acordo com estes indivíduos, o *bug chasing* seria uma “doença”, “perversão”, “maluquice” ou uma “exacerbação do *barebacking*”, no caso daqueles que foram capazes de estabelecer diferenças entre os dois comportamentos. O depoimento abaixo parece resumir as falas da maioria dos entrevistados.

Eu acho isso uma irresponsabilidade e infelizmente isso no Brasil está começando e está começando forte. Muito triste que isso tenha vindo para cá, mas a gente ainda não tem muitos *bug chasers* no Brasil. A gente evoluiu em termos de ciência e hoje se tem a noção de que não se morre de AIDS, a AIDS é uma doença como diabetes, controlável e tal. Tendo em vista isso, e tendo em vista os benefícios que a AIDS pode trazer para você, principalmente nos Estados Unidos, é meio *fashionable*, meio legal, ser positivo. Eu acho isso uma burrice! Acho que é caso de cadeia. **(Jaime, 30 anos, psicólogo)**

O discurso acima é corroborado por outros autores (Gauthier & Forsyth, 1999; Parker, 2003), que mencionam que identidade do indivíduo HIV-positivo teria sido desestigmatizada (passando de desviante para carismática) e que a contaminação pelo vírus passa a ser vista como um prêmio que permite ao sujeito pertencer tanto à comunidade gay mais ampla quanto àquela formada pelos

soropositivos. Com relação especificamente aos Estados Unidos e à Europa, Barker (2002) e Cabaj (2000) sugerem que muitos indivíduos (particularmente adolescentes moradores de rua), tentariam se contaminar voluntariamente com o vírus do HIV para poder obter determinados benefícios médicos e sociais.

Saúde

Perguntas mais gerais sobre o estado de saúde dos sujeitos foram introduzidas com o intuito de investigar temas ligados a somatizações e a transtornos alimentares. Apesar de não termos sido capazes de obter material relevante sobre transtornos alimentares, um entrevistado disse que comia “para compensar carências afetivas”, enquanto outro mencionou ter sido obeso durante a infância e adolescência. Os depoimentos com relação a somatizações, no entanto, foram extremamente interessantes e corroboram os achados de Shidlo (1994). Ao passo que alguns sujeitos relataram sintomas tais como gastrite, dores de cabeça e insônia, dois relatos específicos de somatizações se mostraram particularmente relevantes.

Quando eu era criança eu tive todos os somatismos que você possa imaginar. Abria de feridas do pescoço até em baixo, tive artrite com 16 anos, o pé ficou enorme, tive 500 problemas de saúde. Tinha intestino ou muito solto ou muito preso. Todos somatismos por uma questão minha da homossexualidade, para a qual eu não via saída. **(Sílvia, 46 anos, arquiteto)**

Solicitado a falar mais sobre este tema, o entrevistado continuou:

Eu me lembro que no colégio eu não tinha uma coisa efeminada, mas também não era igual aos outros meninos. E uma vez um menino no colégio falou que eu rebojava. Imediatamente eu comecei a mancar para não rebolar e aí arranjei uma artrite no pé. Naquela coisa de fingir que eu mancava, eu desenvolvi uma calcificação que eu tenho até hoje que doía absurdamente. Chegou a ser diagnosticado como câncer ósseo, tuberculose óssea, uma doença nova... Eu fui fazendo tratamentos durante três anos, tinha que tomar uma batelada de remédios. Chegaram quase a abrir meu pé para ver o que que era, fazer uma biópsia. E ninguém teve um lampejo de que aquilo tudo pudesse ser emocional, psicológico. **(Sílvia, 46 anos, arquiteto)**

O outro sujeito que relatou uma experiência de somatização mencionou que esta não se deveu à conflitos com relação à homossexualidade, mas sim de um medo muito grande de contrair HIV.

Lidei muito mal com a questão da AIDS. Tinha pânico, era paranóico com isso. No tempo que eu morei na Califórnia as pessoas me passaram um pouco isso, elas ficavam falando “*the bug is around*”. E eu ficava pensando que o vírus estava perto e eu pensava que não podia nem dar um beijo. Eu internalizei tanto isso que quando eu voltei para o Brasil transei com uma pessoa, estourou a camisinha, e eu achei que estava com AIDS. E eu tive todos os sintomas da AIDS no dia seguinte. Fiquei com manchas vermelhas nas costas e aí é claro que fui na internet ver os sintomas e tive todos eles, exatamente. Eu fiz 5 exames ao longo de 7 meses, fui a 9 médicos, uma coisa muito doida. E aí era impossível eu ter AIDS porque todos os testes deram negativos, então o médico me mandou fazer análise. **(Jaime, 30 anos, psicólogo)**

Para este entrevistado, o fato de ter vivido durante alguns meses achando que era HIV-positivo teve algumas conseqüências benéficas, tais como uma maior aceitação por parte da sua mãe, uma maior valorização da vida e um fortalecimento de sua identidade gay.

Durante 8 meses eu vivi uma vida de soropositivo. Eu achava que estava com AIDS e você acha que o seu mundo acabou, que você não tem mais nada. Você pensa: “eu vou morrer e vou morrer de uma forma feia, vou definhar, apodrecer vivo”. Horrível. Mas nunca bateu arrependimento de ser gay, nada disso. O que bateu foi desespero mesmo e uma valorização de tudo o que não valorizava antes. Quando a boa notícia veio eu continuei valorizando isso e a minha identidade gay fortaleceu muito porque eu pensei “muitos gays não tiveram esse final que eu tive, eles são soropositivos e vivem assim”. Foi aí que eu procurei o *Grupo Arco-Íris* para trabalhar. **(Jaime, 30 anos, psicólogo)**

No que se refere especificamente ao uso de álcool e drogas, muitos entrevistados relataram beberem socialmente e já terem experimentado diversas drogas (tais como maconha e cocaína), apesar de atualmente não fazerem mais uso destas substâncias. Alguns sujeitos mencionaram que fumam maconha “de vez em quando”, mas apenas um indivíduo disse ter tido problemas relacionados ao uso de álcool e drogas. De acordo com este entrevistado, seu uso abusivo de drogas esteve diretamente ligado à forma como vivenciou a descoberta da homossexualidade. Postula, também, a relação entre uso de drogas e comportamentos sexuais de risco, tema que foi abordado por nós anteriormente nesta tese.

Eu já bebi muito, fumei muito, me droguei muito e paguei caro por isso. Eu tive muitos problemas em função do uso abusivo de drogas, inclusive meu acidente de carro, problemas físicos, com a polícia, profissionais, de saúde, de toda ordem. Eu vivi um ciclo e saí, superei isso. Esse uso de drogas anterior tem muito a ver com a maneira com que eu vivi a minha sexualidade. No submundo gay eu conheci as drogas, usei drogas abusivamente, vivi uma vida sexual ativa abusivamente, corri muitos riscos. Quando começou a AIDS eu não acreditava, achava que era propaganda da Igreja. A minha atitude foi negar. Não me protegia, continuei tendo o mesmo comportamento. Não sei como não me contaminei. Vários namorados meus se contaminaram, morreram muitos. **(Leonardo, 43 anos, agente de viagens)**

Solicitado a falar mais sobre este assunto, o entrevistado mencionou que, na época, ele achava que o uso de drogas e o comportamento sexual de risco faziam parte da identidade gay, associação esta que revela elementos de preconceito internalizado, tal como nos apontam Finnegan e McNally (1995).

Me identifiquei com essa maneira de viver, achei que isso era a minha cara, que eu ia viver assim, porque eu estava condenado a viver assim, estava conformado com isso. Nem me dava conta do preço alto que eu pagava. Quando eu pensava eu achava: vale porque sou eu mesmo, não posso negar minha identidade. Mas chegou um momento em que eu me desconhecia e aí eu fui procurar ajuda para sair e descobrir que eu posso ter outras identidades. **(Leonardo, 43 anos, agente de viagens)**

Com relação aos transtornos mentais, despertou nossa atenção a frequência com que os entrevistados relatavam episódios de depressão, seja por mudanças no ciclo de vida, situações de desemprego, doenças ou rompimento com o parceiro. De fato, tal como vimos anteriormente, o rompimento com um parceiro é considerado um dos eventos de vida mais estressantes para os homossexuais.

Eu vivi uma depressão de quase 3 anos. De ficar 15 dias sem tomar banho, a comida ficar no chão, barata subir na cama, eu dormir 20-30 horas seguidas, compulsão por sexo. **(Gustavo, 43 anos, advogado)**

Ficar em casa, triste, sem me interessar por nada, chorando... Quando algum namorado me deixava, me abandonava. Quando eu terminei este último relacionamento eu fiquei muito mal, pirei mesmo durante duas semanas, mas nunca pensei em me matar. **(Jaime, 30 anos, psicólogo)**

Para outros sujeitos, a depressão estava ligada a uma não-aceitação da homossexualidade, idéia esta corroborada por diversas pesquisas (Alexander, 1986; Meyer, 1995; Otis & Skinner, 1996).

Já pensei em me matar, mas nunca tentei. Inclusive, quando eu estava descobrindo o meu desejo homossexual e não aceitava de jeito nenhum foi uma época em que eu pensei em me matar. Eu não queria ser homossexual e eu fiquei muito perturbado por causa daquela tensão constante em administrar o meu desejo. **(Gabriel, 49 anos, psicólogo)**

Assim como postulado pelo entrevistado acima, outros sujeitos também relataram terem contemplado o suicídio em algum momento de suas vidas. Em quase todos estes episódios, o preconceito internalizado com relação à homossexualidade aparecia como um fator de peso que deflagrava o pensamento suicida, tal como corroborado por outros estudos (Herrell e cols., 1999; King e cols., 2003).

Eu falo que eu só passei a viver depois dos 30 anos, até então eu não vivia, era uma vontade de morrer tão grande... **(Sílvia, 46 anos, arquiteto)**

Já pensei em me matar diversas vezes, e na maioria das vezes pela condição homossexual, de não saber o que é ser gay. Porque na verdade essa resposta no meu caso também é a resposta para “quem eu sou”, né? Qual é o propósito.... Tinha muito sofrimento, hoje menos. Eu não aceitava... **(Pedro, 33 anos, publicitário)**

Abstratamente eu sempre achei assim: “bom, se na hora estiver tudo muito ruim, é veneno, gilete ou gás”. Mas acho que eu não teria coragem não... Pensei sim que eu queria morrer, não de me matar, mas eu queria morrer nessa depressão. Porque eu pensei: “não vislumbro saída, está muito difícil de prosseguir, não tenho o apoio de ninguém”. **(Gustavo, 43 anos, advogado)**

Por último, ressaltamos que além de depressão, outros transtornos mentais foram mencionados pelos entrevistados, dentre eles Transtorno Obsessivo-Compulsivo, Transtorno do Pânico e Transtornos de Preferência Sexual (incluindo exibicionismo e compulsão por fazer sexo anônimo em banheiros públicos).

Eu tive Transtorno Obsessivo Compulsivo na infância, de lavar a mão, e na época ninguém nem sabia o que era isso. Eu lavava a mão tantas vezes que o processo acabava comendo a mão e ela ficava em carne viva. Eu pegava em um objeto, cismava que estava sujo e ia lavar a mão. Só que ninguém tinha noção o que era isso, pensavam que eu era muito asseado. **(Sílvia, 46 anos, arquiteto)**

Na minha adolescência eu tive muito isso, de me mostrar na janela do meu quarto. Eu corri muitos riscos de ser desmascarado, mas eu tinha prazer naquilo. Essa coisa da perversão, que foi aumentando em um grau até chegar nessa coisa de ir a banheiros masculinos para fazer sexo. Era uma doença porque eu não conseguia me controlar. Só vim a me controlar com a terapia. **(Pedro, 33 anos, publicitário)**

Todos os indivíduos entrevistados (exceto 2) faziam ou haviam feito algum tipo de psicoterapia, alguns por mais de 15 anos. Entre as linhas teóricas citadas estavam: Psicanálise (Freudiana e Lacaniana), Terapias Corporais (Reichiana), Transpessoal, Gestalt Terapia, Psicodrama e Terapia Cognitivo-Comportamental. Vale ressaltar que a maioria destes sujeitos mencionou ter buscado ajuda psicoterápica devido a problemas ligados à homossexualidade e todos disseram terem se beneficiado com o tratamento.

Eu entrei na terapia pela questão do sexo. A minha busca na terapia foi por não lidar bem com o sexo e com a orientação sexual. **(Pedro, 33 anos, publicitário)**

Hoje eu uso brinco, ando todo florido. No meu trabalho de conclusão de curso eu agradeço ao meu analista: “muito obrigado por me permitir florescer com todas as cores possíveis.” **(Gustavo, 43 anos, advogado)**

Me fez muito bem. Fui fazer porque queria me sentir melhor com a questão da homossexualidade. Estava namorando um menino e estava cheio de angústias, questionamentos. **(Inácio, 38 anos, diretor de Centro Cultural)**

Sugerimos, assim, que estudos posteriores investiguem os benefícios que uma psicoterapia pode oferecer a indivíduos homossexuais com ou sem preconceito internalizado, e quais, dentre as diversas linhas teóricas, são mais eficazes para trabalhar com este público (Davies & Neal, 2000).

Terapias de conversão

Com relação às terapias de conversão, praticamente todos os entrevistados já tinham ouvido falar neste tema, seja com este nome, seja com outros. A grande maioria dos sujeitos descreveu a prática como “ridícula”, “um horror”, “um embuste”, “lavagem cerebral” e “ilusão”, mencionando, igualmente, a associação entre as terapias de conversão e organizações religiosas fundamentalistas (sobretudo as evangélicas). Para estes indivíduos, a homossexualidade é uma orientação sexual irreversível, e faz tanto sentido transformar um gay em heterossexual quanto tentar fazer o oposto.

Eu acho que a homossexualidade é irreversível, então eu não acredito nessas Igrejas e mesmo em pseudo psicólogos que falam que é possível a pessoa se converter. **(Pedro, 33 anos, publicitário)**

Nenhum dos entrevistados havia passado por terapias de conversão, mas muitos relataram conhecer indivíduos, na sua grande maioria evangélicos, que se submeteram a elas, evidentemente sem sucesso. Alguns sujeitos, inclusive, mencionaram terem recebido cantadas de homens que se diziam “ex-gays”. Perguntados sobre o motivo pelo qual homossexuais se submeteriam a estas “terapias” os entrevistados disseram que estas pessoas eram “mal-resolvidas” ou “tinham muito preconceito contra si mesmas”.

Alguns sujeitos mencionaram espontaneamente os projetos de lei que tramitam no Brasil (particularmente no Rio de Janeiro) que visam institucionalizar as terapias de conversão. Outros, por sua vez, falaram sobre a resolução do *Conselho Federal de Psicologia* que proíbe esta prática, chamando os profissionais que se dedicam a ela de “charlatões”, cujo registro profissional deveria ser cassado.

Acho que devia ser cassado todo profissional. Eu soube que o *Conselho de Psicologia* decidiu que como a homossexualidade não é doença não tem como um psicólogo se propor a curar, então na medida em que eles exercem isso deveriam ser cassados. **(Leonardo, 43 anos, agente de viagens)**

É crime e fere o código de ética, então acho que a lei fala por si, eu não preciso dizer nada. Essas pessoas deveriam perder o registro delas porque elas estão ferindo a ética. **(Jaime, 30 anos, psicólogo)**

Eu acho que quem faz essa terapia de conversão não sabe do que está falando. Faz parte de um outro universo e vergonhosamente não fez seu dever de casa. O profissional que se disponha a oferecer uma coisa que seja chamada de terapia da conversão, é um crime. É definitivamente um charlatão. **(Fabiano, 36 anos, antropólogo)**

Dois entrevistados relataram terem ficado tão impressionados com a disseminação desta prática que optaram por combatê-la, seja em termos de militância homossexual, seja em discussões acadêmicas.

O maior perigo dessa conversão é porque o foco dela são os adolescentes, né? Imagina o dano que pode causar na formação de um adolescente um trabalho em cima deles desse tipo. Isso é muito perigoso, pode deixar seqüelas graves. **(Leonardo, 43 anos, agente de viagens)**

Tal como mencionou o entrevistado acima, pesquisas recentes realizadas nos Estados Unidos (e. g. Cianciotto & Cahill, 2006) apontam para o fato de que o Movimento Ex-Gay tem concentrado seus esforços cada vez mais em “prevenir a

homossexualidade futura” de crianças e adolescentes, direcionando suas campanhas publicitárias para os pais destes indivíduos. O depoimento abaixo, por sua vez, parece resumir bastante bem o panorama atual a respeito das terapias de conversão, além de ressaltar o aspecto de que no Brasil, ao contrário do que ocorre em outros países, estas práticas ainda estão restritas a profissionais que possuem ligações explícitas com instituições religiosas fundamentalistas.

Quando comecei a pesquisar na internet, fiquei impressionado com a institucionalização disso nos Estados Unidos. Eu descobri algumas instituições religiosas internacionais com representação aqui no Brasil, como a Exodus. Ela tem uma conexão com psicólogos evangélicos. Existem grupos muito estruturados nesse sentido e existem profissionais, instituições como a NARTH, por exemplo, que congrega psicólogos, psiquiatras e psicanalistas que defendem a terapia de conversão. Há uma tentativa de institucionalizar isso aqui no Brasil, no Rio, mas eu acho que isso está mais restrito ao universo dos psicólogos evangélicos, que misturam o campo religioso com o campo profissional. **(Gabriel, 49 anos, psicólogo)**

Não obstante os depoimentos acima terem sido esperados por nós, despertou nossa atenção o fato de 3 entrevistados não terem se oposto, radicalmente, às terapias de conversão, mencionando que esta deveria ser uma “opção” para indivíduos que não aceitam a própria homossexualidade. Mesmo estes sujeitos, no entanto, duvidam da eficácia desta prática. Ressaltamos, também, que entramos em contato com alguns indivíduos brasileiros que haviam se submetido a terapias de conversão. No entanto, por não se adequarem aos critérios da nossa amostra, seus depoimentos não puderam ser incluídos nesta tese. Acreditamos, desta forma, que o tema das terapias de conversão deva ser pesquisado com maior profundidade em estudos futuros.

Preconceito internalizado

Com relação especificamente ao preconceito internalizado, um número significativo dos nossos entrevistados mencionou ter experienciado sentimentos negativos direcionados ao *self* em algum momento de sua vida. Tal como vimos anteriormente nesta tese, sentimentos de culpa e vergonha são frequentes em homossexuais com preconceito internalizado. O depoimento abaixo resume bem as experiências relatadas por diversos indivíduos.

Eu não queria ser homossexual. Tive uma resistência, uma oposição radical. Foi uma coisa muito conflituosa, sofrida, eu não queria admitir isso. E quanto mais eu relutava mais o desejo se colocava de uma forma imperativa dentro de mim e aí cheguei num ponto em que pensei: “vou ter que experimentar isso, vou ter que viver esse desejo para ver se eu quero isso ou não”. Mas até eu colocar isso em ação passaram-se anos de vida. Aí eu resolvi experimentar, ceder ao meu desejo. Timidamente comecei a fazer isso de uma maneira muito velada, com muito medo, até correndo um certo risco. Tudo muito planejado e controlado para que ninguém soubesse e também sentindo muita culpa. Aos poucos eu fui relaxando, vivendo a minha homossexualidade. É um processo de muitos anos. Quando eu me assumi para mim foi uma coisa super importante na minha vida. Eu me senti mais humano e isso fez toda a diferença do mundo. **(Gabriel, 49 anos, psicólogo)**

Ressaltamos que o sentimento de culpa, central no fenômeno do preconceito internalizado tal como postulado por diversos autores (Downey & Friedman, 1995; Malyon, 1982; Nicely, 2001), também apareceu em uma série de depoimentos.

Esse negócio da culpa é uma coisa que ainda me persegue. Não só na área sexual, aparece em outros campos, na área profissional também. Acho que são restos ainda de uma não-aceitação minha que as vezes aparecem. **(Gabriel, 49 anos, psicólogo)**

Eu acho que pai e mãe colocam muitas das suas expectativas nos filhos, então minha mãe queria que eu casasse, que eu tivesse filhos, fosse advogado, um cara bem-sucedido, e isso não se realizou. Eu acho que fica difícil eu chegar nos meus pais por causa disso. Existe uma coisa de culpa minha por não ter cumprido esse papel que tinham me dado, eu cumpri outro. **(Márcio, 55 anos, advogado aposentado)**

Meu pai era um playboy, um homem lindo. Eu me lembro sempre da minha mãe falando “siga o exemplo do seu pai, veja como seu pai é másculo”. Me criou a vida inteira gritando aos meus ouvidos: “se eu tiver um filho viado eu prefiro ele morto”. (...) Eu acabava invariavelmente, inexoravelmente, remetido à questão da culpa. Culpa por ser assim, culpa por não estar atendendo à expectativa dos outros. **(Gustavo, 43 anos, advogado)**

O entrevistado acima, por exemplo, achou que a solução para este intenso sentimento de culpa por ser homossexual seria transformar-se em uma mulher.

Quando eu tinha 11 anos de idade eu falei que queria ir para o *John Hopkins Hospital* fazer a cirurgia de mudança de sexo. Porque eu entendia que ser mulher seria talvez a grande solução. Seria muito mais fácil ser mulher, eu viveria menos culpa, viveria mais feliz e eu achava que essa operação seria muito fácil, seria só cortar e pronto. Ser mulher era “a” solução. Eu me hormonizei, eu busquei uma identidade feminina como uma tentativa de ser melhor tratado, de ser melhor entendido. **(Gustavo, 43 anos, advogado)**

Para alguns sujeitos, o preconceito internalizado e a culpa se traduziram em sintomas tais como depressão, doenças psicossomáticas, abuso de álcool e drogas, ou comportamento sexuais de risco. Não obstante todos estes temas já terem sido discutidos anteriormente, o sujeito abaixo foi capaz de estabelecer uma correlação direta entre o que ele chamou de “compulsão sexual” e preconceito internalizado.

Eu tive sempre a visão de que sexo era uma coisa de sacanagem, de putaria, uma coisa baixa. Eu não fazia ligação de sexo com afeto. Hoje não é tão assim, mas eu ainda tenho essas sensações. Antes de ir para a terapia eu procurei o Sexólogos Anônimos porque eu tive uma época de perversão sexual gay. O mundo gay para mim ficou com essa visão. Freqüentar banheiros públicos de todo lugar, shopping, cinema, e você ter ali masturbação, toques e tal. E isso durante uma época da minha vida foi um vício, era uma doença. Eu acordava pensando nisso, ia dormir pensando nisso. Eu ia para o trabalho e a minha hora do almoço era para fazer isso e com isso vinha a culpa. Era o prazer, aquele desejo, mas logo em seguida vinha a culpa. Pensava: “eu quero morrer”. Várias vezes chorei, pedia a Deus para morrer. Eu julgava que era assim pelo fato de ser gay. Para mim ser gay era sofrer, era um karma, e eu estava aqui para pagar alguma coisa. **(Pedro, 33 anos, publicitário)**

Tanto o entrevistado acima como outros sujeitos mencionaram que ainda sentem preconceito contra si mesmos em algumas situações, seja por serem homossexuais, seja por serem gays e HIV-positivos.

Uma vez eu estava em Ipanema, na praia, junto com meu ex-namorado, e ele quis me puxar para sentar no colo dele. Eu estava ali rodeado de amigos, mas estava me sentindo desconfortável, estava me sentindo mal com aquilo. Eu pedi licença e pensei: “todo mundo aqui vai achar que eu sou gay”. Só que eu estava junto com um monte de gays! Mas eu fiquei pensando: “e se passar uma pessoa conhecida que não é gay?” Outro dia meu atual companheiro pediu para eu passar protetor nele. Eu passei, mas com mal-estar. Uma coisa boba, né? Porque eu podia estar passando em um amigo. Mas eu tenho ainda preconceito internalizado. Eu sei que eu sinto isso, tenho preconceito com a condição. Aí resolvi fazer terapia. **(Pedro, 33 anos, publicitário)**

Já tive preconceito contra mim mesmo. Principalmente depois daqueles momentos que você ouve uma piadinha, “ih ele é viadinho”. E aí você fica “pô, peraí, então se a minha entonação de voz faz perceber que eu sou gay eu poderia ter um certo cuidado...” E pensa: “Que entonação de voz é essa que eu dou que dá para perceber?” ou “Que trejeito é esse que eu faço?”. Eu já me peguei pensando e articulando assim. **(Inácio, 38 anos, diretor de Centro Cultural)**

Já tive preconceito contra mim mesmo. Momentos em que eu desejaria não ser, que seria mais fácil não ser. Eu acho até que essa dificuldade toda que eu estou de falar sobre o HIV pode ser preconceito meu mesmo. Estou fazendo um pré-conceito de que as pessoas não vão aceitar. Pode ter gente até que pode falar

“eu também sou”. De repente as pessoas vão encarar normalmente. Nesse ponto eu acho que estou tendo preconceito contra mim mesmo por ser HIV-positivo. **(Márcio, 55 anos, advogado aposentado)**

Ressaltamos, por último, que mesmo entre os entrevistados que mencionaram nunca terem sentido preconceito contra si mesmos, a culpa e o preconceito internalizado experienciado por outros gays e lésbicas foram apontados como sentimentos extremamente prejudiciais, que afetam sobremaneira a vida e os relacionamentos dos indivíduos. Gostaríamos, assim, de concluir este capítulo com um trecho de uma entrevista que exemplifica, tristemente, a forma como nossa sociedade exclui indivíduos homossexuais, forçando-os, constantemente, a reavaliarem suas vidas e sua relação com o mundo.

Eu convivi por muitos e muitos anos, e de uma forma muito intensa, com um sentimento de culpa tremendo pela minha sexualidade. Eu nunca fui outra coisa. A minha sexualidade era percebida pelos outros desde muito pequeno. Eu lutei de uma maneira muito firme para resistir diante dessa hostilidade que as pessoas ao meu redor utilizavam. Eu tentava não me fazer de vítima, ainda que eu tivesse plena consciência da vítima que eu era. Eu tinha que lutar para que essas pessoas me percebessem primeiro como um ser humano. Eu tentava me igualar a elas e não era nunca compreendido dessa forma. A pecha da homossexualidade me acompanhou por toda a vida. É como o negro, né? Que pode estar fazendo o que for mas no final das coisas vão sempre dizer: “é preto, se não caga na entrada caga na saída”. **(Gustavo, 43 anos, advogado)**